

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO, TELEVISÃO E AMBIENTE: UMA ANÁLISE DO
REALITY SHOW ECOPRÁTICO**

Autora: Jessica Gonçalves de Andrade

Orientadora: Professora Dra. Giovana Scareli

**ARACAJU, SE - BRASIL
DEZEMBRO DE 2012**

EDUCAÇÃO, TELEVISÃO E AMBIENTE: UMA ANÁLISE DO *REALITY SHOW* ECOPRÁTICO

JESSICA GONÇALVES DE ANDRADE

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Aprovada por:

Professora Dra. Giovana Scareli – Presidente da Banca

Professor Dr. Leandro Belinaso Guimarães – Membro externo

Professora Dra. Andrea Cristina Versuti – Membro Interno

ARACAJU
DEZEMBRO DE 2012

A553e Andrade, Jessica Gonçalves

Educação, Televisão e Ambiente, uma Análise do *Reality Show* ECOPRÁTICO /
Jessica Gonçalves de Andrade; orientadora Giovana Scareli. – Aracaju, 2012.
136 p.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Ano 2012.

1. Educação e Comunicação. 2. Televisão. 3. Meio Ambiente. I. Scareli, Giovana.
II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU: 543.55

Aos meus porto-seguros, minha base, meus exemplos de pessoas, meus exemplos de amores, meus exemplos de amigos, as luzes dos meus olhos. Dedico a conclusão desta etapa da minha vida aos meus pais Genivalda e Inácio. Amo-os!

QUERO AGRADECER...

A Deus pelo dom da vida...

À minha família: aos meus pais Inácio e Genivalda, por serem TUDO de mais importante em minha vida. A minha irmã Yasmin, por me contagiar todos os dias com sua juventude e por me ensinar a olhar a vida de maneira mais descontraída e *light*! Ao meu tio Anselmo que sempre está junto a mim em todos os momentos. A querida e preciosa Markenia, obrigada por construirmos laços além do sanguíneo.

Ao Jean por ser meu amigo, namorado, amante, cúmplice. Sou mais grata ainda a minha estrela guia por ter me feito encontrar você. Amo-te!

À Fabíola, Elizabete, Karina e Laura, amizade que nasceu na graduação e que levarei para toda a vida!

À Thiara, Carla, Waléria, Lu e Flavinha, pela sorte de tê-las conhecido na infância e construir uma amizade eterna.

Aos amigos Jussara, João, Guilherme, Fabiana e Dona Lucia pelos momentos de descontração, afinal sempre precisamos daquele bom final de semana juntos.

Às queridas amigas que tive a oportunidade de conhecer na UNIT, Angélica, Liliam, Salete e Elbênia, nosso grupo das TODAS será para sempre.

À minha querida orientadora Giovana Scareli, pela confiança depositada, pelos ensinamentos transmitidos e pela amizade construída...

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Obrigada pelas experiências compartilhadas e pelo suporte oferecido.

À professora e querida amiga Andrea Versuti, por avaliar esse trabalho e por ser uma pessoa ímpar em minha vida.

Ao professor Leandro Belinaso Guimarães por avaliar este trabalho e por ter me feito enxergar a ecologia que existe em mim, através de seus preciosos textos.

A todos os membros do Gefi, por compartilharmos infinitos conhecimentos que tanto contribuíram na escrita deste texto.

À Universidade Tiradentes, pela oportunidade de cursar o Mestrado em Educação sem custos e pelo apoio financeiro, também muito importante, para a produção deste trabalho.

Obrigada!

Off price

Que a sorte me livre do mercado
e que me deixe
continuar fazendo (sem o saber)
fora de esquema
meu poema
inesperado

e que eu possa
cada vez mais desaprender
de pensar o pensado
e assim poder
reinventar o certo pelo errado.

Ferreira Gullar

RESUMO

Esta pesquisa, circunscrita na linha de pesquisa de Educação e Comunicação, buscou investigar o *Reality Show* ECOPRÁTICO, programa veiculado pela TV Cultura no ano de 2009, destinado à propagação de hábitos “ambientalmente coerentes”. O programa, advindo de uma emissora de televisão pública, surge como uma iniciativa inovadora que põe em relevo a questão do protagonismo social para a promoção de temas e questões relativas à problemática ambiental e, sobretudo, para adoção de posturas e ações favoráveis à sustentabilidade. Assim, constituído o objeto de análise, tivemos como principal objetivo compreender como o programa ECOPRÁTICO se apropria do conceito de sustentabilidade e promove uma ação educativa em seu discurso. Este estudo se enquadra na perspectiva da pesquisa qualitativa caracterizando-se como uma análise de um produto cultural midiático, pautando-se no método documentário proposto por Ralf Bohnsack (2010) para analisar como o programa expõe a temática do consumo em seu discurso. Desse modo, organizamos o trabalho em quatro capítulos, o qual iniciamos com a caracterização do programa ECOPRÁTICO, que, de forma narrativa, descrevemos cada um dos seus episódios. No capítulo seguinte apresentamos as discussões relacionadas à sustentabilidade, seus conceitos, embates e outras maneiras de pensar o meio ambiente; em seguida tratamos da Televisão e a forma como esta pode promover uma conduta pautada na sustentabilidade, salientando suas possibilidades educativas e, finalmente, no último capítulo trazemos a análise do tema Consumo em cada um dos episódios. Compreendemos que as articulações e os desdobramentos do discurso ambiental empreendido pelo ECOPRÁTICO, ao longo dos dez episódios, incentivam aspectos didáticos e educacionais propondo uma educação ambiental mais próxima de uma perspectiva que percebe os diferentes modos do aprender, tanto para a família contemplada em um dos episódios quanto para o telespectador. O que pretendemos aqui é que esta educação vá além do costumeiro universo de acomodação e equivalência escolar, apresentando outra possibilidade de aprendizagem por meio de produtos culturais audiovisuais.

Palavras-chave: Educação, Ambiente, Televisão.

ABSTRACT

This research circumscribed the line of research of Education and Communication, searched to investigate the "ECOPRÁTICO" Reality Show, aired by "TV Cultura" program in 2009, aimed at disseminate habits "environmentally coherent". The program, coming from a public television station, emerges as an innovative initiative that highlights the issue of leadership to promote social themes and issues relating to environmental issues and especially for postures and actions in favor of sustainability. This way constituted the object of analysis, we had as main objective to understand how the program ECOPRÁTICO appropriates the concept of sustainability and promotes an educational action in his speech. This study fits into the perspective of qualitative research characterized as an analysis of a cultural product media, basing on the documentary method proposed by Ralf Bohnsack (2010) to analyze how the program exposes the theme of consumption in his speech. Thereby, we have organized the work in four chapters, which begin with the characterization of the program ECOPRÁTICO, which, in narrative form, describe each of its episodes. In the next chapter we present the discussions related to sustainability, its concepts, clashes and other ways of thinking about the environment, then approach the TV and how it can promote conduct themselves on sustainability, highlighting their educational possibilities and finally, in the last chapter bring the analysis of the consumption theme in each of the episodes. We understand that the joints and developments undertaken by the environmental discourse "ECOPRÁTICO", over the ten episodes, encourage educational and didactic aspects proposing an environmental education closer to a perspective that sees the different modes of learning, both for the family contemplated in one of episodes and for the viewer. What we want here is this education that goes beyond the usual universe of accommodation and school equivalency, presenting another opportunity for learning through audiovisual cultural products.

Keywords: Education, environment, television.

SUMÁRIO

Lista de figuras.....	x
Lista de tabelas.....	xi
Lista de abreviaturas e siglas.....	xii
 Introdução.....	 13
1. O programa ECOPRÁTICO: caracterização do objeto de estudo.....	20
1.1 Um olhar sobre os episódios.....	24
 2. Sustentabilidade: conceitos, embates e outras maneiras de pensar o meio ambiente.....	 62
 3. A TV na promoção da conduta sustentável.....	 79
3.1 O programa de TV: o <i>Reality Show</i>	92
3.2 A TV e suas possibilidades educativas: o ECOPRÁTICO e a educação.	95
 4. “Consumo”: Ecocritério (In)desejável.....	 106
 Considerações Finais.....	 128
Referências Bibliográficas.....	132
Glossário.....	135
Anexo.....	136

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1:	Família Lyrio. Episódio 1 do ECOPRÁTICO.....	24
Fig. 2:	Família Matos. Episódio 2 do ECOPRÁTICO.....	29
Fig. 3:	Família Braga. Episódio 3 do ECOPRÁTICO.....	33
Fig. 4:	Família Musa. Episódio 4 do ECOPRÁTICO.....	36
Fig. 5:	Família Valeri. Episódio 5 do ECOPRÁTICO.....	40
Fig. 6:	Família Reis da Silva. Episódio 6 do ECOPRÁTICO.....	44
Fig. 7:	Família Semer. Episódio 7 do ECOPRÁTICO.....	49
Fig. 8:	Família Ribas. Episódio 8 do ECOPRÁTICO.....	52
Fig. 9:	Família Ferreira. Episódio 9 do ECOPRÁTICO.....	55
Fig. 10:	Família Lima. Episódio 10 do ECOPRÁTICO.....	58
Fig. 11:	ECOPRÁTICO ensina a colar o piso de taco.....	102
Fig. 12:	ECOPRÁTICO ensina a fazer uma manta térmica.....	103
Fig. 13:	ECOPRÁTICO ensina as crianças da Família Ferreira a separarem os resíduos.....	103
Fig. 14:	ECOPRÁTICO ensina a fazer o minhocário.....	104
Fig. 15:	ECOPRÁTICO ensina a fazer uma tinta de terra.....	104
Fig. 16:	Episódio da Família Ferreira. Closet da Sra. Malan.....	111
Fig. 17:	Anelis Assumpção revela a coleção de roupas da Sra. Malan.....	112
Fig. 18:	A Família Lyrio vai a um Ecoponto da cidade de São Paulo	117
Fig. 19:	A Família Lima visita a COOPAMARE.....	118
Fig. 20:	A Família Reis da Silva visitando a Associação Pirajussara.....	118
Fig. 21:	A Família Ribas visita a Sociedade do Sol na USP.....	119
Fig. 22:	Passeio com as crianças da Família Valeri na Floresta dos Unicórnios.....	121
Fig. 23:	Sr. Musa visita o refeitório dos funcionários do Copan.....	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Classificação das Famílias e as Eco-Notas estabelecidas por elas.....	101
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1. CNUMAD (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento)
2. ONG (Organização Não Governamental)
3. ONU (Organização das Nações Unidas)
4. PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente)
5. TV (Televisão)

INTRODUÇÃO

“Estamos diante de um momento crítico na história da terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro [...] formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida”. Este trecho extraído da *Carta da Terra*¹, documento legitimado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), não se trata apenas de um simples alarme, mas sim de um sério alerta sobre as implicações da atual condição de existência da humanidade. Contudo, também podemos encarar esta citação como um convite para que reflitamos sobre o nosso paradigma de civilização e de evolução que, conforme sinalizado por Jean Baudrillard (1995) é fortemente pautado no consumo e segue conformando povos no mundo todo.

É neste contexto que testemunhamos, nas últimas décadas, a manifestação do conceito da sustentabilidade como a expressão predominante no debate que envolve as questões de meio ambiente e de desenvolvimento social em sentido amplo. Em pouco tempo, sustentabilidade tornou-se uma “palavra mágica”, pronunciada indistintamente por diferentes atores sociais, nos mais variados contextos e assumindo múltiplos sentidos.

Para iniciar, é importante perceber que a tomada de consciência da sociedade para os problemas ambientais nos remota ao protagonismo de diversos atores sociais ao longo do século XX. Esta discussão iniciou-se na década de 1950 sendo restrita apenas ao âmbito científico. Ao longo dos anos 60 e 70, a discussão acerca do meio ambiente e de sua problemática foi aprofundada pelos movimentos sociais e pelos governos de todo o mundo. Nesta época, emergiu um processo de edificação de um novo conceito denominado de desenvolvimento sustentável que culminou com a Conferência de Estocolmo, realizada na Suécia em 1972. Assim, esta conferência teve como principal meta relacionar o caráter da vida contemporânea com a crítica ambientalista daquela época, tendo como pressuposto a possibilidade da sustentabilidade social, econômica e ecológica.

Em 1987, a divulgação do Relatório *Brundtlandt*, ou “Nosso futuro comum” como ficou mais conhecido - o primeiro a defender o conceito de “desenvolvimento sustentável”, iniciou um consistente debate sobre os impactos socioambientais do desenvolvimento industrial. Segundo este relatório desenvolvimento sustentável é “aquele que atende as

necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (Nosso Futuro Comum, 1991).

Por sua vez, o ano de 1992 foi marcado pela realização da Conferência Rio-92, palco da consolidação do Acordo de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, realçando um plano de atuação para educadores ambientais, estabelecendo uma relação entre as políticas públicas de educação ambiental e a sustentabilidade. No entanto, foi na mídia que o desafio da sustentabilidade encontrou, no final do século passado e ao longo da primeira década deste século, um grande impulso para o enfrentamento de suas principais questões.

Conforme mencionado anteriormente, o conceito de Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade² apareceu no centro de debates e discursos dos mais variados atores, os quais buscam legitimar suas ações e posturas sobre o meio ambiente – apropriar-se irrestritamente, racionalizar seu uso ou preservar os recursos naturais. Nesta perspectiva, percebemos que tais debates permeiam a mídia em geral, desde o rádio até a internet. Porém, foi no campo da produção audiovisual que a questão do desenvolvimento sustentável ganhou terreno fértil, ainda que se apresente, em muitos casos, de forma bastante parcial e por vezes reducionista.

No contexto das produções recentes, no âmbito do gênero documentário, o título *Uma Verdade Inconveniente*³, lançado em 2006, teve bastante repercussão ao alertar para a questão do aquecimento global. No cinema hollywoodiano, apesar do predomínio do tom catastrófico-melodramático, vários foram os lançamentos relacionados às questões ambientais a exemplo do aclamado *Avatar* (2009), de James Cameron. O cinema de animação por sua vez encontrou em *A Era do Gelo* (2002) uma abordagem particular de alertar a população acerca do aquecimento global. Já no âmbito da televisão temos alguns programas que tratam desta temática como o renomado “Repórter Eco”, o “Cidades & Soluções” e o “Globo Ecologia” os quais serão abordados no decorrer do texto.

No que tange à TV, Arlindo Machado (2000) afirma que ela permanece, desde a sua difusão massiva depois da Segunda Guerra Mundial, como a mídia mais conhecida da população. Tradicionalmente, a TV é uma referência importante dentro da cultura do nosso tempo. Assim, é na TV que a promoção das discussões sobre o meio ambiente pode encontrar maior visibilidade.

Na verdade, aquele meio de comunicação destaca-se pela eficácia de seus discursos mediante a veiculação massiva para uma grande quantidade de telespectador. Contudo, é importante considerar que a orientação mercadológica presente e necessária às redes privadas de radiodifusão parece comprometer sua atuação em uma vertente educativa e informacional do conteúdo apresentado. Assim, ao passo que uma potencialização de discussões e o estímulo à conscientização de uma prática cultural moldada no conceito de desenvolvimento sustentável encontram neste meio de comunicação uma opção mais viável, em termos de amplitude de alcance de audiência e público, sua lógica de negócios constitui seu maior obstáculo – privilegiando os enfoques ambientais favoráveis aos interesses dos principais anunciantes. A margem deste modelo de negócios, a TV pública passa a constituir, portanto, um fórum privilegiado para as perspectivas não hegemônicas da sustentabilidade, ainda que não desfrutem, na maioria dos casos, de uma ampla audiência.

Inserida neste cenário, a presente pesquisa propõe-se a estudar o primeiro *reality show* veiculado pela TV Cultura, o ECOPRÁTICO⁴, que surge como uma iniciativa inovadora empreendida por uma emissora de televisão pública ao situar em relevo a questão do protagonismo social e suas múltiplas possibilidades para a promoção da sustentabilidade. O programa, explicitamente centrado nesta temática, estreou em abril de 2009 e abordou, em cada um de seus episódios, uma família diferente, sempre localizada na cidade de São Paulo e na região metropolitana da cidade. Tais episódios se desenvolvem analisando os hábitos e costumes destas famílias a partir da ótica de especialistas em sustentabilidade. Estes compreendem e detectam os principais problemas relativos à (in)sustentabilidade nas práticas das famílias contempladas, para os quais o programa estimula e proporciona mudanças comportamentais dos participantes. De acordo com o site do programa, as casas contempladas foram desde residências de condomínio fechado no bairro nobre do Morumbi a famílias de baixa renda situadas em Embu das Artes, todos em São Paulo.

Ao todo, foram veiculados doze episódios, sendo dez deles destinados à atuação junto às famílias e outros dois programas em formatos especiais que resumem os anteriores em formato de *talk show*. De forma objetiva, o programa busca promover soluções comportamentais simples, que gerem economia de recursos naturais, de energia, de dinheiro etc. Para isso, o programa desenvolveu dez ecocritérios, os quais são estudados e otimizados nas casas visitadas. São eles relacionados à Energia, Água, Alimentação, Resíduos, Estrutura, Ecossistema, Transporte, Bem-Estar, Consumo e Atitude.

Conforme ressaltam os pesquisadores Gomes e Pereira (2010), em seus estudos sobre as questões ambientais na televisão brasileira, programas como esses, trazem para si uma proposição própria de um universo midiático, que o encaminha para além dos apresentadores ou mesmo do próprio programa e traz contribuições tanto para as famílias participantes quanto para os telespectadores. No caso do ECOPRÁTICO, o princípio do programa é levantar os problemas ambientais das casas, discuti-los abertamente com os moradores e propor, na perspectiva de educar, uma nova conduta, a sustentável, seja para os moradores das casas, seja para o público telespectador.

Ainda de acordo com os autores citados, o programa traz singularidades que o ressaltam no contexto da produção televisiva nacional sobre meio ambiente. Provavelmente, isto se deve ao fato de ser o primeiro *reality show* de uma TV pública nacional, a TV Cultura, que historicamente privilegiou abordagens sobre a questão ambiental. Neste momento, faz uso de uma antiga temática mediante um formato discursivo profundamente identificado com a televisão comercial, a saber: o *reality show*. Seu desafio, portanto, é utilizar-se deste padrão discursivo para tentar propor uma mudança qualitativa no *ethos* ambiental, isto é, outra forma de enxergar e atuar na sociedade, nas relações sociais e consigo mesmo. Em linhas gerais, estas particularidades, devidamente ponderadas, nos levam a crer que a preferência em debater sustentabilidade e o meio ambiente tomando por base a vida privada, suscita importantes questões a serem pensadas.

Por conseguinte, delimitamos a questão norteadora deste trabalho: quais são e como são estabelecidas as estratégias didáticas do programa ECOPRÁTICO para a promoção de uma educação ambiental pautada no discurso da sustentabilidade, a partir da linguagem audiovisual junto aos seus espectadores e que resultem em uma atuação concreta, uma prática social cotidiana?

Nesse sentido, esta pesquisa tem como principal objetivo compreender como o programa ECOPRÁTICO se apropria do conceito de sustentabilidade e promove uma ação educativa em seu discurso. Assim, os objetivos específicos deste trabalho nos levarão inicialmente a verificar como o programa está estruturado, em seguida mostrar como o programa apresenta a discussão ambiental sob a ótica da sustentabilidade, assim como analisar o desenvolvimento dos conteúdos temáticos no programa ECOPRÁTICO, mais especificamente o tema referente ao Consumo e, finalmente, compreender os aspectos didáticos que podem estimular a educação ambiental dos espectadores. Convém ressaltar que o privilégio à temática do Consumo se deve ao fato de este ser o ecocrítério que mais está

presente nas discussões do programa, além de este ser um dos principais critérios norteador do sistema capitalista vigente.

Dessa forma, este estudo se enquadra na perspectiva da metodologia da pesquisa qualitativa, uma vez que esta emprega características gerais e específicas que, de acordo com John W. Creswell (2010), estão imbricadas no fato de a pesquisa empregar métodos múltiplos de coleta de dados e também diante da natureza dos mesmos; ser emergente e não pré-configurada baseada nas interpretações do pesquisador e também deve ser vista de forma holística, reflexiva, usando processos de raciocínio tanto indutivo quanto dedutivo, empregando uma estratégia híbrida de investigação (CRESWELL, 2010).

Trata-se, ainda, de uma pesquisa de cunho exploratório, pois não se lança em busca de uma hipótese de trabalho rigorosamente delimitada. Ao invés disto, privilegia a “fala” do próprio objeto de pesquisa. É também um estudo cujo plano de análise é concomitantemente descritivo, explicativo e analítico, que toma como objeto de estudo o *Reality Show* ECOPRÁTICO.

Além disto, este estudo caracteriza-se como uma análise de um produto cultural midiático. Neste sentido, nós seguimos o método documentário proposto por Ralf Bohnsack (2010) que pode ser visto como um método de interpretação de imagens desenvolvido por Panofsky e Imdahl, o qual transcende o nível superficial dos sentidos conotativo ou iconográfico, instigando a construção de instrumentos analíticos capazes de mapear e dar forma às experiências cotidianas, que carecem de reflexão teórica. Ressalta-se que neste estudo fizemos uma adaptação deste método, sendo que não analisamos as imagens iconográficas, mas sim o discurso contido nesta imagem que é o *Reality Show* ECOPRÁTICO.

Com esta metodologia, buscamos fugir do chamado “Conhecimento Comunicativo” o qual, segundo Bohnsack (2010), diz respeito ao conhecimento generalizado e muitas vezes estereotipado, pois são conhecimentos institucionalizados, para deixar fluir o “Conhecimento Conjuntivo”, o qual é relativo às particularidades individuais e específicas (na interação pesquisador-objeto), assim como as características típicas do meio social (BOHNSACK, 2010).

De acordo com o método documentário, algumas etapas adotadas para analisar o objeto midiático (PANOFSKY *apud* BOHNSACK, 2010) são apresentadas a seguir:

1. Discriminar qual será a fonte – ou seja, evidenciar o objeto de pesquisa, neste caso o *Reality Show* ECOPRÁTICO.

2. Apresentar a fonte propriamente dita – momento em que apresentamos o programa.
3. Fazer a análise pré-iconográfica sendo fiel considerando a imagem tentando não interpretá-la – momento em que fazemos a apresentação dos dez episódios, descrevendo-os sem analisá-los.
4. Fazer a análise iconográfica, neste caso, interpreta-se a imagem – momento em que analisamos o discurso do ECOPRÁTICO sobre o tema Consumo;
5. Composição formal verificando como se apresenta a imagem;
6. Interpretação iconológica-icônica, ou seja, seus significados;
7. E por último interpretação dos elementos textuais - legendas, textos, fala transcrita.

Aliado a este quadro analítico, como procedimento de construção de dados, será promovido um breve levantamento dos produtos audiovisuais veiculados pela TV aberta no Brasil, ao longo da década de 2000, cuja temática seja focada na questão da sustentabilidade. Sobre este painel foi estabelecido um amplo levantamento dos episódios do programa ECOPRÁTICO veiculados pela TV Cultura, identificando a visibilidade das abordagens da sustentabilidade, através do procedimento de decupagem de vídeo. Por isso, consideramos o conjunto de processos comunicativos, a situação específica de produção e veiculação deste programa, em termos políticos e culturais, na apreensão dos mecanismos didático-pedagógicos empregados pelo programa em suas diversas abordagens.

Ainda no que concerne aos aspectos metodológicos, também trabalhamos segundo o método de análise de imagens proposto por Bauer e Gaskell (2010) que foi a decupagem e nos norteamos pelo procedimento indicado por Rosa Maria Bueno Fischer (2006), a qual propõe algumas questões básicas que podem guiar pesquisas relacionadas a programa televisivo: Que tipo de programa é esse? Quais os objetivos desse programa? Qual sua estratégia de veiculação? A quem se endereça? Qual a estrutura básica do programa? De que trata esse programa? Quem fala e de que lugar? Com que linguagem se faz o programa? Que relação fazer entre o programa e as teorias ou temáticas de interesse para a educação? Além de possíveis indagações que podem aparecer mediante o andamento da pesquisa.

Assim, este estudo buscou, em toda sua extensão, entender como a TV pode potencializar a propagação da sustentabilidade de maneira educativa, neste caso, a partir do programa televisivo ECOPRÁTICO. Dessa forma, inicialmente, fizemos uma revisão bibliográfica trazendo os principais autores que tratam desta temática. Em seguida, procuramos expor como a TV desponta como elemento decisivo na propagação de uma

cultura sustentável. Destarte, apresentamos a análise do objeto desta pesquisa, o programa ECOPRÁTICO, trazendo questões suscetíveis quanto a uma possível parceria entre a TV e a educação, a partir deste novo formato (*reality show*). Finalmente, delineamos algumas considerações sobre este estudo, no sentido de pensar possíveis caminhos de continuidade desta investigação.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro mostra-se relevante para a compreensão geral do objeto desta pesquisa: o *Reality Show* ECOPRÁTICO. Desse modo, mediante elementos descritivos, narramos cada um dos dez episódios do programa, considerando as especificidades das famílias contempladas.

O capítulo dois apresenta uma revisão de literatura que visa perceber como se desenvolveu a tomada de consciência ambiental ao longo do século passado e deste século. Assim, buscamos, através de diversos autores, a(s) definição(ões) do conceito de desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade, uma vez que neste estudo trataremos ambos os termos como sinônimos. Finalmente, tentamos apreender algumas das dimensões e provocações que este conceito de desenvolvimento tem trazido em suas discussões.

O terceiro capítulo busca compreender como a televisão promove o(s) conceito(s) de sustentabilidade. Buscamos refletir acerca da TV como um espaço educativo relacionando as propostas audiovisuais que tenham em comum a temática ambiental. Para tanto, nos debruçamos sobre os principais programas televisivos que penetraram a televisão brasileira desde a década de 60 até os dias atuais e que têm em comum o tema em questão. Em seguida, procuramos conceituar o termo *Reality Show* e também discutir como este formato televisivo vem assumindo o comando nas grades das emissoras de televisão. Finalmente, abordamos algumas considerações a respeito da televisão educativa cogitando que este meio de comunicação é parte integrante e fundamental dos processos de produção e circulação de significações e sentidos.

Finalmente, é no quarto e último capítulo que trazemos a análise do programa ECOPRÁTICO em termos dos objetivos desta pesquisa. Neste momento, traçamos um paralelo entre as teorias trabalhadas no decorrer do texto com o discurso do programa. Especificamente, buscamos analisar o ecocritério Consumo, confrontando o discurso do programa com algumas teorias relativas a este tema. O trabalho apresenta ainda, sob a forma de considerações finais, alguns posicionamentos amadurecidos ao longo da pesquisa, como também outros questionamentos que podem servir para uma possível continuidade desta pesquisa ou início de outras.

1. O PROGRAMA ECOPRÁTICO: CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A presente pesquisa propõe-se a analisar o primeiro *Reality Show* veiculado pela TV Cultura, o ECOPRÁTICO, o qual fora produzido pela Selva Filmes Produtora⁵ e criado pelas empresas Dedo Verde e Planetária. Segundo o *site* destas empresas, elas desenvolvem formatos e conceitos para eventos, projetos e relatórios diferenciados e também realizam palestras, mediações, *workshops*, programas de TV ou qualquer solução sustentável para a comunicação⁶.

Este programa surgiu como uma iniciativa inovadora em uma televisão pública que põe em relevo a questão do protagonismo social para uma possível promoção da sustentabilidade. O programa, que estreou em abril de 2009, abordou, em cada um de seus episódios, uma família diferente, todas elas localizadas na região metropolitana da cidade de São Paulo, analisando seus hábitos e costumes a partir da ótica de especialistas em sustentabilidade. Como já mencionado, a proposta do programa é proporcionar mudanças comportamentais nas famílias participantes, orientadas por práticas simples que sane os problemas detectados pelo programa relativos à (in)sustentabilidade.

Ao todo, foram veiculados doze episódios, sendo dez deles destinados à apresentação das famílias e outros dois programas em formatos especiais, os quais esclarecem como se deu a idealização do programa. Nestes dois episódios, os apresentadores Anelis Assumpção e Peri Pane entrevistam os idealizadores do programa Maria Zulmira de Souza e Francisco Lima com o intuito de estes explicarem sobre a criação do ECOPRÁTICO, os conceitos que foram utilizados, qual a perspectiva de sustentabilidade do programa e como aconteceu a escolha dos ecocritérios.

O programa era exibido todos os domingos às 19h e tinha suas reprises todas as quartas-feiras a partir das 19h30 e cada episódio tinha a duração de aproximadamente 25 minutos. É importante salientar que as casas contempladas pelos episódios vão desde residências em condomínio fechado no bairro nobre do Morumbi a famílias de baixa renda situadas no Copam e em Embu das Artes, todas em São Paulo, ou na Região Metropolitana de São Paulo/SP. De uma forma geral, o programa intenta mostrar soluções comportamentais simples que gerem economia de recursos naturais, de energia e dinheiro.

Sobre a dinâmica da produção do ECOPRÁTICO, convém sinalizar que antes da gravação do programa com a presença dos apresentadores nas casas das famílias, uma equipe se encarregava de visitá-las para observar e detectar o que havia de insustentável nas práticas e nos costumes cotidianos e, assim, poder identificar o que podia e devia ser modificado. Para isso, o programa desenvolveu dez ecocritérios os quais são estudados e otimizados nas casas visitadas: Energia, Água, Alimentação, Resíduos, Estrutura, Ecossistema, Transporte, Bem-Estar, Consumo e Atitude.

Para o programa, o ecocritério Estrutura é a base da questão da proposta de sustentabilidade a ser adotada. Neste ponto, são analisados aspectos como onde a casa foi construída, o lugar, a disposição da área, os materiais que foram empregados etc. Ao longo dos episódios, é evidenciado que, praticamente todas as casas têm problemas estruturais. Para Francisco Lima, arquiteto especialista em sustentabilidade, ou simplesmente Xico como é chamado pelo programa, esse fato se deve principalmente a questão da falta de manutenção, muitas vezes por falta de recurso financeiro, de tempo, de iniciativa ou mesmo informação.

O ECOPRÁTICO considerou o ecocritério Água como um dos mais críticos em se tratando de o consumo e o desperdício. Neste ecocritério, o programa abordou questões referentes ao desperdício no seu uso em geral, mas também levou em consideração a questão do consumo pessoal de água mineral para ingestão. É interessante perceber que o programa frisava em seu discurso que este ato pode ser prejudicial e perigoso, pois, muitas vezes, não sabemos a procedência desta água, e considera ainda que pagamos um preço muito alto para receber água tratada em casa, conscientizando para que valorizemos aquilo que já possuímos.

Quanto ao ecocritério Consumo, o ECOPRÁTICO busca enfatizar o nosso sistema de produção orientado para o descartável, sinalizado que estamos consumindo mais recursos do que o planeta pode repor. É constante o programa questionar sobre a real necessidade de consumir algo, lembrando que muitas vezes podemos estar sendo levados a consumir algo que talvez não precisemos.

O programa também analisa o ecocritério Alimentação assumindo como premissa que nós somos o que comemos, por isso temos que nos preocupar com o que ingerimos. São vários aspectos que estão relacionados a essa questão da alimentação, desde a forma como o alimento é cultivado, ao seu transporte até chegar a nossa mesa, passando, evidentemente, pelo seu preparo.

O ecocritério Ecossistema ressalta a interligação entre os seres e as entidades, evidenciando que não vivemos sozinhos no mundo e que temos que buscar equilíbrio com todas as outras espécies. O programa chama atenção para a importância de criarmos pequenos

ecossistemas em nossa casa, como por exemplos, a plantação de árvores ou um pequeno jardim. Além disto, contempla também o ecossistema social, discutindo sobre o valor de um bom relacionamento com os vizinhos e com a comunidade no entorno da nossa casa.

O Transporte é um ecocritério que é investigado quanto a sua forma de impacto no ambiente. Ao que tudo indica, o objetivo do programa é medir como a família impacta o meio ambiente neste quesito, tentando sempre mostrar melhores alternativas de mobilidade urbana e alertando para que as pessoas percebam, fiquem atentas e reivindiquem algo para mudar o “caos do transporte urbano”.

O Bem Estar é o ecocritério que aborda a sustentabilidade do ponto de vista holístico - uma visão do todo-, e trata de enfatizar a importância de estarmos bem onde estivermos, e de como criar um ambiente saudável e feliz em nossas casas. A ideia que o programa traz é de que nós somos o meio ambiente, nós somos natureza, e para nos sentirmos bem temos que ter um ambiente minimamente organizado, não necessariamente precisamos estar em um campo ou em uma praia para nos sentirmos bem.

Por sua vez, o ecocritério Energia, é observado pelo programa relacionando-o às várias formas de energia que são utilizadas para atender as demandas de uma casa, como por exemplo: o aquecimento e o resfriamento dos ambientes internos, cozimento dos alimentos, enfim, tudo o que consome energia. O programa salienta enfaticamente as potencialidades da energia solar, tema que é abordado em quase todas as casas contempladas.

No ecocritério Resíduos é observado como a família, individualmente ou no coletivo, trata o lixo: se recicla, se reutiliza materiais, ou se há a preocupação com os resíduos que são gerados na hora da compra etc. Por fim, o ecocritério Atitude é considerado pelo programa quanto a nossa capacidade de transformar o “verbo”, o discurso em movimento e ação. Pois, o ECOPRÁTICO considera que é preciso uma nova postura das nossas pequenas atitudes. Na verdade, ele defende que de nada vale o saber, se não for seguido de um agir, já que nossas pequenas atitudes podem resultar em grandes mudanças.

É importante ressaltar que, todos os episódios do programa ECOPRÁTICO seguem um mesmo roteiro estrutural. Em sua narrativa, ao chegarem à casa da família contemplada os apresentadores apresentam o episódio a partir de uma reflexão dos moradores acerca da sua conduta sustentável. Sendo assim, os apresentadores pedem para que os membros da família atribuam-se uma Eco-Nota de 0 a 10. Em seguida, com base em cada ecocritério o programa também atribui um conceito positivo ou negativo aos comportamentos das famílias observadas. Este conceito é chamado pelo programa de IEco (positivo ou negativo).

O ECOPRÁTICO também possuía alguns quadros, os quais apareciam em todos os episódios e de maneira didática, dão visibilidade a algumas ações do programa, sempre a favor de uma cultura sustentável. Estes quadros eram intercalados ao longo dos episódios. Um deles era o quadro *Zuzu Responde* que procurava sanar dúvidas a respeito de um tema abordado no programa. O quadro *Eco Sem Saída* procurava ponderar acerca das diferentes possibilidades de enfrentamento de uma dada situação, privilegiando sempre posturas sustentáveis. A *Dica Ecoprática* visava reforçar alguma informação que um membro da casa achou interessante repassar para o telespectador, com o intuito de reforçar uma iniciativa que também pode ser feita na casa do telespectador. A *Ecoterapia* era o momento em que os moradores comentavam sobre as ações do programa em sua casa e também desenvolvem uma nova autoavaliação, atribuindo uma nova nota para casa e para eles mesmos. A *Seção Desapego* foi um quadro que questiona a casa e os telespectadores quanto à verdadeira necessidade da existência de determinadas coisas que possuímos. E, finalmente, o *Presente do Programa para a casa*, era o último quadro do programa que presenteava as casas com algo que chamou atenção do programa durante o episódio.

No que concerne à sua dinâmica, o programa era conduzido por dois apresentadores os quais atuam de forma descontraída e jovial. São eles Anelis Assumpção e Peri Pane, e conta ainda com a participação da jornalista especialista em questões ambientais Maria Zulmira de Souza, a Zuzu no quadro “Zuzu Responde...” e Francisco Lima, mais conhecido como Xico, arquiteto especialista em permacultura⁷ e construções sustentáveis. Assim, conforme já mencionado, o programa visita previamente às casas contempladas para perceber quais mudanças podem e devem ser realizadas de acordo com sua proposta de sustentabilidade. Em seguida são iniciadas as gravações, realizadas as intervenções nas casas e, finalmente, os apresentadores retornam a estas após dez ou quinze dias, para constatar se as modificações feitas foram bem recebidas pelos moradores, e se estes realmente incorporaram alguns destes novos hábitos em seus cotidianos.

Vale ressaltar que a jornalista Maria Zulmira de Souza, principal idealizadora deste programa, também participou, em 1992, da criação de outro famoso programa da TV Cultura: o *Repórter ECO*. Por sua participação ativa no Brasil e no exterior para tornar a sustentabilidade um tema presente no cotidiano, de forma consistente leve e atrativa, esta jornalista, já recebeu vários prêmios de jornalismo ambiental a exemplo do Prêmio de

Reportagem sobre Biodiversidade da Mata Atlântica de 2007. Também atuou em outros projetos desta emissora como *Balanco Social*, a série *microMACRO* e o *Ilha Rá-Tim-Bum*.

1.1 UM OLHAR SOBRE OS EPISÓDIOS

Primeiro Episódio, veiculado em 12 de abril de 2009

O primeiro episódio do programa ECOPRÁTICO se passava na casa da Família Lyrio, cuja residência fica no bairro do Brooklyn, zona sul, de São Paulo. Lá residem seis pessoas, quatro delas na casa principal e duas em uma casa-anexa ao quintal. Na introdução do episódio, os moradores ressaltaram a postura sustentável da casa, declarando que reciclavam o lixo, não deixavam as luzes acesas gratuitamente, demonstrando que tentavam ter uma atitude econômica de não deixar torneiras abertas. No entanto, a família ressaltou que os banhos são muito longos. O programa, atento aos costumes da família, advertiu que a grande quantidade de pessoas em um pequeno espaço originava uma “eterna” bagunça, resultando em intolerância entre os que ali habitam.



Figura 1 Família Lyrio. Episódio 1 do ECOPRÁTICO

O episódio avançava e os apresentadores pediram aos membros da família que atribuissem uma Eco-Nota, que variava de 0 a 10, e nesta casa a média ficou entre 5 e 6. Neste momento, os apresentadores apresentavam aos membros da casa alguns dos principais problemas detectados de acordo com cada ecocritério. Em relação ao Bem Estar, percebeu-se que na cozinha havia muitos vazamentos, além de um entupimento da pia e muito mofo. Quanto ao ecocritério Resíduo, notou-se que o lixo era deixado em toda parte da casa e as pessoas não o recolhia. De imediato, um dos principais focos de transformação detectados nesta família foi o ecocritério Água.

Entre as conversas realizadas com a Família Lyrio, percebeu-se que outro grande problema era à existência de apenas um banheiro na casa, além de os banhos de uma das integrantes da casa ser muito demorados. De acordo com esta integrante da família, ela gosta de ouvir música enquanto se banha e confessa levar em torno de 30 minutos para tomar seu único banho diário. Porém, ela chamava atenção para a dificuldade que ela teria em modificar sua rotina no banho, uma vez que, segundo ela, o banheiro é o único local da casa em que ela pode ficar sozinha e ter privacidade.

Assim, o programa enfatizou a problemática dos banhos demorados, principalmente quando na casa existe apenas um único banheiro, ressaltando que tal postura comprometia a rotatividade e o fluxo das pessoas naquele lugar. Dessa forma, o apresentador chamou atenção para o fato de que é possível ter privacidade de outras formas e em outros lugares, sugerindo ainda que aproveitemos o sol e a lua para tomarmos “banhos” deles e assim nos energizemos.

Neste momento, o programa colocou em pauta os ecocritérios Água e Energia, instigando uma reflexão de que banhos demorados com água quente causam desperdício de ambos os recursos. Mas, além disto, os moradores ainda perceberam que o desperdício de água não estava concentrado apenas nos banhos demorados, mas também na maneira como eles limpavam os resíduos fisiológicos do animal de estimação da casa. Os apresentadores chamaram a atenção para o fato de não haver um lugar exclusivamente destinado às necessidades fisiológicas do animal, sinalizando que se gastava uma grande quantidade de água potável para a limpeza dos dejetos espalhados pela casa.

Um integrante da casa chamou atenção para o zelo que ele tem com o jardim situado em um canteiro da casa. Para ele, o fato de mexer com a terra o acalmava, pois, ao chegar estressado do trabalho, o cuidado com as plantas era a sua terapia. Este fato rendeu a família um IEco positivo no ecocritério Bem Estar. Já no ecocritério Ecossistema a família Lyrio recebeu o IEco negativo, uma vez que foi detectado um problema com os telhados da casa: a junção dos três telhados da casa fazia com que a água da chuva caia como uma cachoeira por uma calha e este potencial era totalmente desperdiçado.

Este momento do episódio abriu espaço para o quadro da *Sessão Desapego*, uma vez que fora percebido que havia um atravancamento de espaço com objetos que não tinham nenhuma utilidade. Dentre estes, o que mais gerava problema era uma mesa que, em outros tempos, ficava na área externa da casa, mas segundo as pessoas da casa, ela atrapalhava o funcionamento da lavanderia. Na verdade, a mesa foi herança de família e essa era a principal dificuldade de sua renúncia. No entanto, aquele afeto foi vencido.

Outro fato que comprometeu o ecocritério Água foi a existência de uma torneira no corredor externo da casa que gotejava há 15 anos sem parar. Um agravante era que quando os garotos da casa brincavam de jogar basquete acertavam constantemente esta torneira que ficava logo abaixo da tabela de basquete provocava sua abertura e levava pelo ralo litros de água. Novamente, o ecocritério Energia foi explorado, quando o programa chamou atenção para a grande quantidade de gambiarras e fios desencapados existentes na casa, alertando para o um maior gasto de energia, além de gerar risco de incêndio.

Nesta família, os ecocritérios Bem Estar e Estrutura estavam diretamente ligados, isto porque a Estrutura de (des)organização do “quartinho da bagunça” estava diretamente relacionada ao Bem Estar da família: muitas coisas amontoadas e inúteis só ocupavam muito espaço e geravam uma bagunça interminável. Assim, o programa concebeu IEco negativo à casa quando percebeu que nela havia uma considerável desorganização neste quartinho, ressaltando ainda o subaproveitamento do espaço externo devido a esta desordem. Além disso, procurou-se levar em consideração a lavanderia da casa como o lugar mais bagunçado, repleto de coisas inúteis e, pelo que o vídeo deixou perceber, bastante suja.

O episódio avançava e programa iniciou a reforma da casa com o consentimento da família em quebrar o “quartinho da bagunça” para dar lugar a um armário organizador, promovendo mais espaço na área externa da casa. Neste momento, a apresentadora chamou novamente a atenção para o acúmulo de coisas inúteis, questionando a “casa” e os telespectadores quanto à verdadeira necessidade da existência de todas as coisas amontoadas que estão em nossos armários. É importante perceber também como o programa usou o fato de a torneira que gotejava sem parar para ensinar ao telespectador como trocar uma torneira, mostrando que isso pode ser mais fácil do que se pensa.

Uma das principais intervenções na casa da Família Lyrio foi promover a captação da água da chuva advinda do telhado e a criação de um jardim de chuva, um lugar para a água infiltrar naturalmente, diminuindo sua vazão superficial. Neste episódio, o quadro *Zuzu Responde* reforçou estas iniciativas, pois salientou a importância da água da chuva e sua captação, advertindo que o planeta responde as nossas ações, lembrando para que tenhamos consciência, pois a água pode entrar escassez a qualquer momento.

Outra intervenção realizada na casa foi a proposta de reaproveitamento das tintas que estavam abandonadas no “quartinho da bagunça”. Neste contexto, o programa ensinou a fazer uma tinta à base de terra: “*terra não orgânica + cola + água*”, a qual seria exposta na parede principal da sala.

No ecocritério Transporte o programa percebeu a existência de duas bicicletas envelhecidas e empreendeu a reforma de ambas, recomendando o uso da bicicleta como um transporte saudável para o planeta e para nosso bem-estar. Destaca-se ainda a ação do programa na alteração do IEco do ecocritério Bem Estar para positivo a partir da construção de um espaço agradável de convivência na área externa da casa.

Além disso, o programa interferiu na rotina do animal de estimação, colocando um portão para que a cachorra não passasse para o corredor, evitando assim, que ela fizesse suas necessidades em diversos lugares da casa. Também fizeram um corte na porta para melhorar a ventilação e a entrada de luz natural na casa, assim como colocaram uma descarga de dois tempos no banheiro.

É importante ressaltar que, quando o programa estava realizando a reforma da casa, percebeu que a raiz de uma trepadeira, plantada em um local inadequado, invadiu o contra piso e foi até o vaso sanitário, se espalhou por toda a tubulação, ou seja, todos os dejetos do vaso sanitário se espalhavam pelo contra piso, transformando-o em uma grande fossa. Neste momento, o programa fez um alerta para que prestemos atenção aos lugares adequados ao plantio de uma árvore no ambiental residencial. O ECOPRÁTICO salientou que: “a verdade é que o planeta ainda está vivo mesmo embaixo do contra piso, pois, toda casa está dentro de um ecossistema sujeito a chuva, trovoadas e raízes infiltradas”.

No ecocritério Atitude, a Família Lyrio é conceituada com IEco positivo, pois um integrante da família fez uma tabela organizadora dos banhos para identificar quanto tempo cada pessoa leva para se banhar, o que melhorou a rotina e a circulação das pessoas no banheiro. Novamente, quanto ao ecocritério Resíduos, o programa detectou que a casa já separava o lixo reciclável, mas desperdiçava o lixo orgânico, assim, o especialista em sustentabilidade Xico ensinou a fazer uma composteira⁸ juntando resíduo orgânico com serragem na mesma proporção de volume em um vaso, ressaltando que depois de um tempo este material podia ser usado para adubar as plantas. Destaca-se ainda que durante a reforma houve um grande acúmulo de resíduos de diversas natureza, os quais foram direcionados para um Ecoponto⁹ da prefeitura. Este lugar é um ponto de entrega voluntária de entulhos de obras e objetos volumosos, onde cada pessoa pode destinar até um metro cúbico por dia, o que equivale a mais ou menos um quarto de uma caçamba de entulho.

A Alimentação foi o ultimo ecocritério analisado pelo ECOPRÁTICO nesta família. O programa percebeu que a comida não era feita diariamente, pois havia uma funcionária que uma vez por semana fazia a comida e a congelava. No entanto, como a família tinha horários diferentes para comer, cada um esquentava seu prato no fogão, o que fazia com que a comida estragasse rapidamente. A família revelou que quando o microondas foi comprado percebeu-se a praticidade do seu uso e, por isso, começaram a esquentar individualmente a sua refeição. Neste momento, iniciou-se o quadro *Eco Sem Saída*, salientando que não há diferenças entre o fogão e o microondas no que diz respeito ao impacto energético de ambos. Defende-se que é um equívoco consideramos o fogão como um meio mais ecológico por não gastar energia elétrica e não emitir ondas eletromagnéticas. Ressalta-se que temos que levar em consideração que ele consome gás que é uma energia não renovável. Assim, segundo o programa, entre o uso do fogão ou microondas não há tantas diferenças em termos de consumo energético.

Dez dias depois de sua intervenção, os apresentadores retornaram a casa para saber se as mudanças ocorridas afetaram o dia-a-dia daquela família. Em roda de conversa todos se reuniram na área externa da casa, onde o programa construiu um espaço de convivência para que expusessem o que acharam de melhor nas orientações do programa na casa. Para a família Lyrio, a reforma da lavanderia e o armário organizador foi um dos maiores benefícios para o Bem Estar de todos. A mesa, um item de difícil desapego para a família, foi reformada e transformada em uma tábua de passar roupas, com gavetas para organização diversa.

A arrumação da fiação, a pintura das paredes, as cisternas para armazenar água da chuva, a mudança dos varais, a composteira também foram mencionadas. A divisão da porta em duas partes deixando o ar e a luz entrar, também foi destacada, prateleiras feitas com tubos de pasta de dente foram colocadas na parte inferior da pia da cozinha para organização das panelas, além da criação de um divisor para impedir que a água da pia escorresse para fora.

No quadro *Dica Ecoprática*, a família propôs que o telespectador também fizesse uma “tabela de banho”, que foi apresentada por uma integrante da família com o intuito de mostrar ao telespectador uma iniciativa que também pode ser desenvolvida em qualquer casa. Na *Ecoterapia*, os moradores refletiram sobre as ações do programa e fizeram uma nova autoavaliação e se atribuíram uma nova Eco-Nota que variou entre 8 e 9. Para finalizar, o programa presenteou a casa com algo simbolicamente marcante ao longo do processo de reforma: a torneira antiga que gotejava no corredor, foi transformada no “troféu torneira”.

Segundo Episódio, veiculado em 19 de abril de 2009

A segunda família contemplada pelo ECOPRÁTICO foi a Família Matos, que residia no Bairro Jaguaré, Zona Oeste de São Paulo. Na casa moravam cinco pessoas adultas, o que terminou levantando uma hipótese inicial de que toda essa “gente grande” fazia com que as contas de água e energia fossem elevadas. De fato, na conversa introdutória com a família, a dona da casa afirmou que a lavagem de muitas roupas e os banhos longos eram os grandes vilões das contas de água e energia que, segundo ela, chegavam a aproximadamente R\$ 220,00 e R\$ 300,00 por mês. Contudo, para amenizar os gastos, a família afirmou ainda que aproveitava a água que é usada na lavagem de roupas para limpar algumas partes da casa. Neste contexto, os apresentadores pediram para que os moradores da casa se atribuíssem uma Eco-Nota, sendo que a média final foi 6,5.



Figura 2 Família Matos. Episódio 2 do ECOPRÁTICO

Um grande problema evidenciado pela família é o fato de a casa ser muito antiga, ao ponto de, quando eles quiseram reformá-la, todos os profissionais consultados sugeriram demoli-la. Contudo, devido à falta de recursos, a reforma foi realizada aos poucos, arquitetada por um dos moradores da casa. Tal medida além de minimizar os custos, terminou por aproveitar materiais de partes demolidas da própria casa. Por esta postura, a família alcançou um IEco positivo no ecocritério Resíduos. No entanto, devido a este imprevisto na melhoria da casa, o ecocritério Estrutura ficou comprometido, recebendo IEco negativo.

Ao longo do programa, revelou-se uma infiltração na parede da sala de jantar. Este problema poderia ser proveniente tanto da raiz da árvore que estava plantada muito próxima da parede ou poderia ser uma dificuldade na drenagem do jardim. Neste momento, o ECORPÁTICO alertou os telespectadores sobre a necessidade de um planejamento quanto ao local onde se deseja plantar uma árvore para que esta não abale a estrutura da casa. A sala de estar também possuía uma infiltração, situação agravada com a iniciativa tomada pela família

de assentar pedras decorativas na tentativa de melhorar a aparência da infiltração da parede. Na verdade, esta infiltração era originária do banheiro, cuja parede é conjugada com a sala.

O ECOPRÁTICO também destacou a falta de Atitude dos membros da família Matos no que diz respeito a não colaboração nas tarefas domésticas, praticamente todas desenvolvidas pela mãe que, por sua vez, se mostrava plenamente sobrecarregada com tais atribuições. Assim, este ecocritério recebeu IEco negativo por se tratar de quatro “marmanjos” dividindo a mesma casa que não apresentam qualquer cooperação para com a mãe, sem haver, portanto, qualquer tipo de divisão de tarefas. Ao conversar com os três filhos do casal, os apresentadores ressaltaram a falta de cooperação e, assim, o programa propôs a ida de todos eles até a lavanderia para participarem de um curso de “como lavar roupa”.

Um fato que rendeu IEco positivo no ecocritério Bem Estar foi a existência de um grande espaço de convivência social na casa, local onde a família se divertia ao receber amigos e cozinhar durante praticamente todos os fins de semana. Ressaltou-se o imenso jardim com árvores frutíferas como, por exemplo, os pés de manga, goiaba, romã, pitanga e morango, além de diversas ervas como manjerição, boldo, capim-santo e cidreira, o que resultou em IEco positivo para o ecocritério Ecossistema.

Revelou-se que, além da boa relação com a vizinhança, a família fazia compras em uma feira próxima e conhecia todas as pessoas pelos seus nomes. Neste momento, os apresentadores ressaltam a importância dos telespectadores também cultivarem um jardim em sua residência, mesmo que esta não possua todo o espaço que há na casa da Família Matos. Salientou-se que algumas plantas podiam ser cultivadas em vasos e canteiros e que o mais importante, segundo o programa, era criar um micro ecossistema em casa. Assim, o programa novamente alertou sobre os cuidados quanto ao tipo de árvore que plantamos e o lugar adequado para que ela cresça sem abalar a estrutura da casa, citando o caso da árvore que havia sido plantada no canteiro da casa desta família. Na verdade, o programa reelaborou seu lugar de plantação. Além disto, no ecocritério Alimentação a família também recebeu IEco positivo, uma vez que ela fazia compras em feiras livres e utilizava os próprios frutos das árvores que tem em casa.

Os apresentadores se impressionaram com o fato de, assim como a casa anterior, a lavanderia ser o lugar mais bagunçado na casa da Família Matos. O programa ressaltou que o ecocritério Bem Estar não combinava com a área de serviço. No ecocritério resíduos, a família conseguiu IEco positivo por separarem o lixo reciclável. No entanto, eles desperdiçavam o lixo orgânico. Neste sentido, o programa ensinou a fazer um minhocário, uma técnica de compostagem simples que geraria adubo para a própria família.

Na reforma da casa, o programa consertou a infiltração da parede da sala de estar que era causada por um cano quebrado situado em seu interior e que era a mesma do banheiro. Neste momento, o apresentador alertou para a necessidade de observarmos constantemente as paredes que apresentem infiltração, sinalizando que por mais que estas sejam pequenas elas podem se transformar em um problema muito maior.

Na situação em questão, o programa descobriu que a infiltração não era decorrente da raiz da árvore e, por isso, preservaram-na. O problema residia na má impermeabilização da água do jardim. Para resolver este problema, o programa fez um buraco no jardim e separou a terra da parede colocando brita neste vão, visando impedir que a água ficasse empoçada do lado da parede. Além disso, elaborou um sistema de drenagem para expulsar a água do jardim. Outra função desta camada de brita foi a de impedir que as raízes das plantas do jardim cheguem até as paredes. Entretanto, os problemas não pararam por aí: o piso do terraço feito de ardósia também estava com o vão infiltrando pela água. Assim, o programa refez todo o rejunte para proteger esta parede.

O programa também modificou a cobertura da lavanderia utilizando um telhado transparente para permitir a entrada de luz, além de trocar também os varais por outros retrateis, facilitando assim a secagem de roupa. O programa trocou as lâmpadas incandescentes de 60 watts da casa por outras de LED¹⁰ de 8 watts, ressaltando que embora seja mais caro, o LED dura 35 vezes mais do que as lâmpadas comuns e não gera calor nem é tóxico em seu descarte. Entrou em cena o quadro *Zuzu responde* que discutiu brevemente sobre a energia, mencionando que apesar de o Brasil ter um potencial para o fornecimento de energia elétrica é preciso que tenhamos consciência ao consumi-la. A especialista em meio ambiente e sustentabilidade lembra que, para se construir uma hidrelétrica, destrói-se a paisagem natural, inunda-se parte da nossa biodiversidade e ainda transtorna drasticamente a vida das comunidades tradicionais. Enfatizou que seria um engano pensar que estas alterações não irão nos atingir, pois a natureza busca o equilíbrio e, garantir nossa sobrevivência, não significa destruir as outras espécies. Portanto, para o ECOPRÁTICO é importante que percebamos que mesmo vivendo agrupados nas cidades continuamos vivendo na natureza.

Além destas interferências o ECOPRÁTICO, também impermeabilizou toda a laje da casa com uma manta especial, instalou um dreno junto à parede da sala, fez uma limpeza geral no jardim e plantou uma nova cobertura de grama, removeu uma árvore que estava plantada em um lugar inadequado, plantando-a novamente em outro lugar, colocou um

corrimão na escada e frisos antiderrapantes nos degraus para evitar acidentes. Evidentemente, após o conserto das infiltrações, as salas ficaram mais bonitas e iluminadas, mas mesmo assim o programa fez um alerta para que os donos da casa ficassem atentos para qualquer novo vestígio de infiltração.

A lavanderia, local mais desorganizado da casa, também ganhou armários organizadores e um sistema novo de calhas para a água da chuva escorrer para um lugar mais apropriado. Ademais, implantaram varais retrateis e ainda presentearam a família com uma máquina de lavar nova. O programa novamente chamou atenção para a necessidade dos homens da casa assumirem a iniciativa de lavarem suas próprias roupas, enfatizando que a máquina de lavar foi um dos marcos da independência feminina no passado, mas que, agora, no século XXI, a mesma máquina pode propiciar a independência masculina: é imperativo que eles devam aprender a lavar a sua própria roupa. Assim, a apresentadora insistiu em ensinar os filhos do casal a lavar roupas, começando pela separação das roupas claras das escuras, chegando até a escolha da temperatura da água e da necessidade de adição de sabão.

Após quinze dias, os apresentadores retornaram a casa para avaliar os efeitos das reformas promovidas pelo programa. Neste momento, aconteceu a *Ecoterapia* e a família opinou sobre as mudanças que consideraram mais importantes. O reparo nas infiltrações das paredes das salas foi o ponto destacado. A família também mencionou o fato de o minhocário estar fazendo sucesso entre os vizinhos e que eles também pretendiam desenvolvê-lo em suas casas. Quando questionados sobre o que ainda poderia melhorar na casa, a família unanimemente destacou o problema dos banhos longos, hábito difícil de ser modificado. Assim, ao final desta *Ecoterapia* a nova Eco-Nota que a família atribuiu para a casa foi 8,5.

Neste episódio, a *Dica Ecoprática* foi realizada pelo pai da família que salientou a importância de se plantar árvores frutíferas em casa, alertando para seus inúmeros benefícios, principalmente quanto aos alimentos que podem ser usados no dia a dia os quais estreitam os laços com a natureza. Finalmente, após lembrar que o pai da família levantava-se durante a noite e deixava as lâmpadas da casa acesas, o *Presente do Programa Para a Casa* foi uma lanterna cuja recarga pode ser realizada manualmente.

Terceiro Episódio, veiculado em 26 de abril de 2009

A Família Braga foi à terceira família contemplada pelo ECOPRÁTICO. Habitante do bairro da Lapa, zona oeste de São Paulo, esta é uma família bastante diferente das outras duas anteriores, isso porque ela é constituída por um casal de aposentados, ambos com mais de

oitenta anos de idade, dois netos. Além disto, outras três netas que moram muito perto também integram o grupo durante o dia. Este episódio iniciou retratando uma conversa entre os moradores da casa a respeito da rotina estabelecida. Eles afirmaram que os netos homens moram na casa junto com os avós, já as netas ficavam na casa durante o dia, mas não dormiam lá.



Figura 3 Família Braga. Episódio 3 do ECOPRÁTICO

O episódio revelou que nesta casa, em função da quantidade de pessoas que residia, também há muita bagunça e havia, portanto, muitas tarefas para serem feitas. Uma das primeiras questões feitas pelo programa foi se os netos ajudavam a avó com os afazeres domésticos. Contudo, ela esclareceu que não gostava de ajuda, pois a mesma somente atrapalhava, apesar de ela enfatizar que, no que se referia à higienização da louça, cada um se responsabilizava pela limpeza da sua. Sobre os resíduos produzidos pela casa, o programa revelou que a família separava o lixo orgânico do reciclável, enfatizando o descarte do óleo usado em recipientes e não diretamente no esgoto.

Ainda durante a reflexão da família sobre o cotidiano da casa, o programa questionou sobre o consumo de água e energia. A família sinalizou que a conta de energia custava em média R\$ 100,00 enquanto a conta de água custava em por volta de R\$ 50,00 mensais. O programa chamou a atenção para o fato de os Braga serem casados há meio século e que, por ambos serem aposentados, a contenção de gastos foi uma consequência desta circunstância, considerada importante pelo programa no que concerne ao ideal de uma casa mais sustentável. Neste momento, a família atribuiu sua própria Eco-Nota, situada entre 8,5 e 9. O programa também enfatizou que o amor e a dedicação entre todos os integrantes da família tinha como efeito direto a felicidade de todos.

Os apresentadores entrevistaram os cinco netos do casal Braga, com o intuito de saber sobre a valorização que eles dão aos avós e investigar sobre o que eles conseguiram aprender com os mesmos. Neste contexto, os netos destacaram o companheirismo do casal que já celebrou bodas de ouro e pontuaram sobre o aprendizado adquirido: com o avô eles aprenderam a serem pessoas mais organizadas e educadas; já com a avó, a serem pessoas alegres e ativas. A senhora Braga aproveitou para ressaltar o fato de participar de diversas atividades físicas, entre elas a natação e a hidroginástica.

O primeiro ecocritério a ser abordado neste episódio é o da Água, o qual recebeu simultaneamente um IEco positivo e negativo. O aspecto positivo decorreu do fato de que após as refeições, cada um lavava o seu prato racionalizando o uso da água, exceto nos finais de semana quando há acúmulo de louça e, por isso, a máquina de lavar louça era usada. Além disto, foi destacado que os banhos não são demorados. O quesito negativo é norteado pelo fato de a máquina de lavar roupa ser usada todos os dias e em nenhum momento sua água é reaproveitada. Assim, o programa indicou algumas pesquisas que mostram que lavar roupa na máquina pode ser mais econômico. No entanto, destacou que o mais importante é economizar a água do planeta: em primeiro lugar ela serve para nossa alimentação e não para lavar calçadas. O apelo é categórico: “se economizar não vai faltar”.

O ecocritério Alimentação é o ponto forte dessa família, pois a avó cozinhava diariamente todas as refeições e priorizava o uso de alimentos frescos. O programa ressaltou ser um privilégio ter uma alimentação caseira, com comida feita em casa e utilizar alimentos frescos, ainda mais quando se trata da comida da avó. Os apresentadores afirmaram que em uma rotina cheia de atribulações, quase ninguém quer cozinhar, sendo muito mais prático pedir a comida pelo telefone. Nesse sentido, eles ressaltaram que este costume não é adequado nem para a saúde nem para o bolso, alertando para que, sempre que possível, cozinhe em nossas casas e recuperemos essa atividade cada vez mais rara.

O ecocritério Atitude recebeu IEco negativo, pois os netos não ajudavam a avó nas atividades domésticas. Apesar de a avó não querer ajuda nestas atividades, o programa salientou que os netos poderiam auxiliar de diversas formas nas tarefas do lar. O programa empregou os ecocritérios Estrutura e Bem Estar na cozinha da casa, pois, embora ela seja bem arrumadinha, neste cômodo havia uma infiltração delicada nas paredes, o que criava uma aparência desagradável. Além disto, há pouca entrada de ar e de luz natural no espaço. O critério Estrutura também estava comprometido na área externa da residência, onde havia toldos rasgados e paredes úmidas. O ecocritério Energia também é verificado e recebe IEco

negativo, pois os eletrodomésticos eram, em sua maioria, antigos, principalmente a geladeira, o que implicava aumento no gasto de energia.

Os ecocritérios Resíduos e Consumo ganharam IEco positivo, isso porque a família Braga separava todo o lixo, inclusive o óleo já usado e, por não possuírem muitos recursos financeiros, consumiam apenas o necessário. O Ecossistema é outro ecocritério que também obteve IEco positivo na casa, pois a família possuía uma boa vizinhança, fazia compras em feira livre e possuía um bom relacionamento com as pessoas do entorno. Ao entrevistar a avó, a apresentadora busca saber como ela se cuidava esteticamente, enfatizando o uso de cremes para a pele, de protetor solar e o apreço pela beleza saudável.

Naquele momento, o quadro *Zuzu Responde* discutiu a respeito da expectativa de vida que é cada vez mais elevada tanto no Brasil quanto no mundo. Sinalizou que estamos vivendo 80, 90 e até 100 anos e que a cada dia a expectativa de vida aumenta, sendo este um contexto bem diferente daquele dos nossos ancestrais que sobreviviam apenas poucas décadas. Alertou ainda que diante dessa maior “quantidade de vida”, buscava-se cada vez mais prolongar o bem-estar e que isso talvez não seja “um bicho de sete cabeças”, mas pode ser encontrado na naturalidade de uma vida simples, viver perto de quem nos faz bem e de quem amamos, comendo o essencial e o saudável, exercitando o corpo para também dar vida longa a mente. Também ressaltou o privilégio de conviver com as pessoas mais velhas, valorizando o que eles têm a nos ensinar. O quadro *Zuzu responde* enfatizou que nem sempre a solução para os nossos problemas planetários está na alta tecnologia, talvez uma boa conversa com pessoas mais maduras possa nos ajudar a encontrar um caminho relevante na busca de uma convivência harmônica, atenta e pacífica com o mundo e com quem está ao nosso redor.

Nesse episódio, o programa foi até a academia de esportes frequentada pela avó para reforçar a importância da atividade física para a saúde. Os apresentadores entrevistaram a professora de hidroginástica que ressaltou a importância da prática de esportes para pessoas mais velhas e afirmou que os exercícios trazem muitos benefícios para as pessoas, deixando-as mais dispostas.

Ao retratar a reforma da casa, o programa reparou o armário da cozinha, trocou a janela da cozinha por uma maior, a fim de melhorar a luminosidade e a ventilação do espaço e presenteou a família com uma geladeira nova a fim de reduzir os gastos com energia. Na área externa, o programa trocou o toldo da cobertura da lavanderia que já estava velho e rasgado por outro transparente, privilegiando a luminosidade natural, além de trazer bancos para a área de convivência. Também fez uma horta de ervas para ajudar no preparo diário da comida. Neste ponto, a *Dica Ecoprática* foi dada pela avó e contemplou a questão da boa alimentação,

reforçando que a comida preparada com as próprias mãos é feita com mais amor, além de ser mais barata e saudável.

Foi retratado o retorno dos apresentadores, quinze dias depois das ações iniciais. O quadro *Ecoterapia* foi realizado com os moradores da casa que refletiram sobre as mudanças realizadas e voltaram a atribuir uma nota para a família, que atingiu a nota máxima. Eles ressaltaram que muitas das mudanças feitas pelo programa já haviam sido pensadas pela família, mas não haviam sido realizadas por falta de recursos. Neste episódio, o *Presente do Programa para a Casa* foi feito, não pela equipe do programa, mas sim pelos netos, que presenteiam os avós com um porta-retrato com uma foto da família. O desfecho deste episódio foi diferenciado e contou com o depoimento de todos os integrantes da casa acerca da importância de uma família unida e feliz.

Quarto Episódio, veiculado em 03 de maio de 2009



Figura 4 Família Musa. Episódio 4 do ECOPRÁTICO

O quarto episódio contemplou uma família diferente, composta apenas por uma pessoa, Leonardo Musa, que mora no Edifício Copan - maior prédio residencial da América Latina e que fica localizado no Centro da cidade de São Paulo. Durante o início da conversa, os apresentadores perguntaram a respeito da experiência de morar no centro de uma grande metrópole. Leonardo Musa afirmou que não cogitava a ideia de morar longe do centro de São Paulo, confessou gostar muito de estar perto das multidões e, por não possuir carro, procurava sempre estar bem localizado quanto ao transporte público. Quando questionado a respeito do seu trabalho, ele afirmou que desenvolve intervenções artísticas (*Flash Mob*), usando o dia a dia da cidade para se expressar. Ele caracterizou o *Flash Mob* como aglomerações instantâneas de pessoas, realizada em lugares específicos para empreender uma ação

inusitada. A ideia é que estas pessoas sejam concomitantemente o seu público e também os participantes de sua obra.

Ao longo do programa percebemos que Musa tinha um discurso “contra” a sustentabilidade e as ideias ambientais, inclusive aquelas propostas pelo programa. Prova disto foi a reflexão do morador quanto sua conduta ambiental: Musa diz não acreditar que se todas as pessoas economizarem água ou energia, por exemplo, irão salvar o planeta. Segundo ele, “estamos caminhando para o caos”. Diante desta perspectiva, a Eco-Nota que ele atribuiu a si mesmo foi 0. Importante ressaltar que, em uma de suas falas, o morador declarou que, ao residir no Copan, um edifício com 1160 apartamentos, se sentia como uma célula dentro de um organismo maior.

O episódio avança e o morador apresentou os principais problemas de sua residência. Ressaltou que precisa ser resolvida a infiltração, o problema do vazamento no banheiro e que também necessitava de uma cortina no seu quarto. Passou-se então ao ecocritério Transporte, o primeiro a ser analisado pelo ECOPRÁTICO, e Musa recebe um IEco positivo. Novamente, ele reforçou que por não possuir carro, usava transporte público, dava preferência em morar no Centro que é perto de todos os lugares para os quais precisava deslocar-se. O ecocritério Ecossistema também recebeu IEco positivo, uma vez que o morador possuía vários amigos, tanto no próprio prédio quanto na vizinhança.

Os ecocritérios Água e Energia recebem IEcos negativos, pois há muito tempo existia um vazamento no vaso sanitário e a infiltração no banheiro, devido a um cano quebrado, além de os banhos serem muito demorados. O programa considerou crítico o fato de a válvula de descarga vazar por tanto tempo: os apresentadores lembraram que não devemos esquecer que aquele apartamento era apenas um dos 1160 apartamentos que existem no prédio e elaboraram a seguinte hipótese: se todos os outros moradores tivessem essa atitude, muitos litros de água seriam desperdiçados. Observou-se ainda que Musa somente utilizava o microondas para cozinhar, ignorando o fogão e, portanto gastando muita energia elétrica. No ecocritério Estrutura, o apartamento possui muitas infiltrações, fungos e mofos dentro do armário, o que o fez merecer um IEco negativo neste quesito.

A respeito da infiltração existente no banheiro, os apresentadores ressaltaram que quem mora em apartamento compartilha a mesma coluna de água e isto significa que nem sempre a infiltração que está no seu apartamento é proveniente dele, afinal, ela pode vir de outras unidades. O programa ainda ressaltou que a conta de água do edifício é distribuída entre as unidades, ou seja, todos pagam o mesmo valor, tanto quem desperdiça quanto aqueles

que economizam. Porém, os apresentadores lembraram que o consumo consciente da água é um respeito à natureza, seu abuso é insustentável.

O ecocritério Bem Estar também fora comprometido quando os apresentadores perceberam que o morador não possuía uma cortina na janela do seu quarto de dormir, evidenciando que o excesso de claridade atrapalhava um bom sono. No entanto, revelou-se que o apartamento é organizado, inclusive o armário de roupas do morador. Em relação ao Consumo, Musa recebe IEco positivo, pois revelou uma postura não consumista, só possuindo o que realmente considera necessário. Também no ecocritério Atitude, Musa recebeu IEco positivo, uma vez que fazia uso dos espaços do prédio, tinha um bom relacionamento com os mendigos que viviam no entorno do Copan.

O programa retomou uma declaração proferida por Musa quando do início do episódio e faz uma alusão ao Copan como um grande organismo, no qual cada apartamento é uma célula, cada pessoa um fragmento do universo, um grãozinho de areia. No entanto, reforçou que toda ação e reação que aconteciam no Copan eram muito impactantes. Assim, os apresentadores fizeram um alerta não apenas para os moradores do Copan, mas para todos os telespectadores que residem em edifícios, sinalizando que se cada um fizer a sua parte todos vão receber os benefícios. Afinal, cuidar do planeta é importante, mas devemos começar pela nossa própria casa, uma vez que é a ação individual pode transformar o coletivo.

Neste episódio, o programa não se restringiu a conferir a conduta sustentável apenas do apartamento em questão, desta vez ele também foi averiguar como o edifício Copan estava estruturado e como ele reagia quanto a alguns dos ecocritérios. Assim, o programa entrevistou o síndico do condomínio, Sr. Affonso de Oliveira, morador do Copan desde 1963, para entender melhor como era administrar um edifício deste porte. Os apresentadores resgataram algumas fotografias antigas do edifício e a primeira pergunta feita ao síndico foi sobre a viabilidade de desenvolver reuniões de condomínio em meio a tantos moradores. Prontamente, ele responde que sim. No entanto, Affonso preferiu alertar para um problema sério, que diz respeito às bitucas de cigarros que eram jogadas pela janela, o que gerava um grande risco incêndio.

Resíduos foi um dos ecocritérios analisados pelo programa simultaneamente no prédio e no apartamento de Leonardo Musa. Leonardo declarou que não separava o lixo que ele produz, apenas o colocava no corredor em sacos para ser recolhido. Neste contexto, os apresentadores o levaram para conhecer o destino do lixo produzido em todo o edifício. Destacou-se que no Copan, a separação do lixo se revertia em ganhos financeiros, pois havia muito material reciclável como, papelão, vidro e plástico, que possui um bom valor de

mercado. Existia até uma bolsa de mercadorias que avaliava o valor do material reciclado e vendeu para outras cooperativas. Assim, o programa alertou para que os condomínios em geral atentassem para a importância e os benefícios da reciclagem.

O síndico do Copan ressaltou que, por se tratar de um prédio altamente populoso, a produção de lixo era intensa. A administração do prédio comercializava o lixo coletado em benefício do próprio condomínio. Ele ponderou que com recursos desta atividade foi construído um refeitório para os funcionários e uma área de descanso com redário. O programa chamou atenção para o valor do material reciclado, reivindicando que deixemos de enxergarmos o lixo como algo sem valor, algo sujo e que deve ser descartado de forma misturada. Assim, reiterou que é importante que percebamos que tais materiais possuem um valor, a exemplo dos benefícios obtidos pelo Copan, que gerou um bem-estar para os funcionários, garantindo-lhe um IEco positivo no ecocritério Atitude.

Neste episódio, o quadro *Zuzu Responde* abordou o tema das relações humanas saudáveis em condomínios. O programa sugeriu que fosse aproveitado o fato de morar em conjunto para uma articulação coletiva em prol da economia de recursos, a exemplo da coleta seletiva e da reciclagem do lixo, um procedimento simples que constitui um ato de cidadania, além de gerar renda para o próprio condomínio. De acordo com a Zuzu, pode até não parecer, mas esta harmonia nos relacionamentos tem tudo a ver com sustentabilidade, pois esta começa pelas relações humanas saudáveis e pelo respeito às outras espécies, primando sempre pelo que é ético.

Assim como aconteceu com análise do ecocritério de Resíduos, a estrutura do Copan também foi realçada neste episódio: o fato de ter um sistema de elevadores que atendia escalas alternadas de dois em dois andares foi algo muito valorizado pelo programa. Isso porque, se levarmos em consideração que o Copan possui 32 andares e o elevador para em andares intercalados, esta solução mostrou-se muito importante, pois além de economizar energia, promovia o exercício físico quando estimula os moradores a subir e descer rampas de acesso aos andares não contemplados pelos elevadores.

As principais interferências feitas pelo programa no apartamento do Leonardo foram: a instalação de uma cortina no quarto devido à grande quantidade de luz que entrava no cômodo; também foi instalada uma bancada de apoio para estudo; os tacos do piso que estavam soltos foram colados; os vazamentos e infiltrações também foram consertados. Para facilitar o arejamento dos armários foram colocadas aberturas nas portas, acabando com o mofo e aparência ruim dos mesmos. Importante ressaltar, mais uma vez, que no ecocritério Atitude levou IEco positivo, pois foi o próprio Musa quem pintou as paredes da casa. Na *Dica*

Ecoprática Musa advertiu que é sempre importante observarmos onde vamos morar, ressaltando, por exemplo, que ele não possuía carro e, por isso, mora no centro da cidade, de onde saem todas as linhas do metrô. Por conseguinte, essa escolha ainda otimizava a rotina dele.

Quinze dias depois os apresentadores retornaram ao apartamento do Leonardo Musa e, neste momento, aconteceu o quadro *Ecoterapia*, que escutou a opinião do morador sobre as mudanças na casa e estimulou uma nova atribuição da Eco-nota. Musa afirmou que o programa não mudou nenhuma das suas atitudes e que a única coisa que ele considerou interessante foi conhecer como os resíduos do prédio puderam ajudar a construir uma melhor condição de trabalho para os seus funcionários. O *Presente do Programa para a Casa* foi um capacho (tapete da porta), pois segundo alertado pelo síndico, um bom morador tem sempre um capacho em sua porta.

Quinto Episódio, veiculado em 10 de maio de 2009



Figura 5 Família Valeri. Episódio 5 do ECOPRÁTICO

A Família Valeri, quinta família contemplada pelo ECOPRÁTICO, é composta por um casal e dois filhos. A mudança para o condomínio de chácaras em Cotia, São Paulo, era um antigo sonho da família. Contudo, nesta mudança para uma área rural, eles nunca imaginaram que este “sonho rural” pudesse vir acompanhado de “pesadelos urbanos”. Seguindo o roteiro, o programa inicialmente retratou as reflexões dos moradores e culminou com a atribuição de uma Eco-Nota para a conduta sustentável da família, que neste episódio foi 7. A família declarou ter “fugido” da cidade, há onze anos, em busca do sossego do campo, mas advertiu que havia um problema que atrapalhava muito sua vida após a mudança: o trânsito.

O programa explicou que há alguns anos grandes condomínios desta natureza surgiram ao redor de São Paulo, prometendo sossego, qualidade de vida e segurança para seus moradores. Sinalizou-se que a ideia de estar mais perto da natureza parecia ser muito interessante, no entanto, advertiu que faltou infraestrutura para suportar tanta gente. Isso se reflete hoje no movimento incessante das estradas, na falta de transporte público para os moradores e na constatação de que para viver uma vida rural é preciso assumir atitudes diferentes.

Foi naquele contexto que o quadro *Zuzu Responde* apresentou questões acerca do caos no trânsito. O quadro iniciou com o confronto de dois exemplos: um carro de passeio que pesa mais de uma tonelada e que transporta em média uma única pessoa equivalente a 70 quilos, enquanto o peso de um ônibus varia de 12 a 16 toneladas e, que embora oficialmente transporte cerca de 40 pessoas, transita com uma média de 100 passageiros, segundo a apresentadora, “uma lata de sardinha ambulante”. O programa avançou em direção às implicações daí decorrentes e chamou atenção para o fato de o mesmo ar expelido pelo carro, repleto de gases tóxicos, ser o mesmo que nós colocamos para dentro dos nossos pulmões. Assim, a apresentadora questionou se isso seria um beco sem saída e, obviamente, deu uma resposta negativa seguida da apresentação de ideias para enfrentar tais problemas: a carona solidária, andar de bicicleta ou a pé etc. Na verdade, o programa sinalizou para as potencialidades de uma movimentação popular para exigir do governo uma política decente de transporte público, ressaltando que as pessoas precisam agir e não se acomodar passivamente diante das manchetes de jornais que sinalizam que a população de São Paulo vive dois anos a menos devido à poluição.

Em conversa com a família, esta confessou que pensavam em voltar para a capital, mas advertiram que, quando chegam ao local onde moram, desistem da ideia. As crianças diziam gostar de morar lá, mas se incomodavam com as privações que existem em morar longe da capital como, por exemplo, não poder participar de algum evento que dure até mais tarde. A família admitiu que um dos fatores considerados primordiais para permanecer morando em Cotia é que as pessoas nas ruas os conhecem pelo nome, além de possuírem crédito nos comércios locais mediante uma relação mútua de confiança, fato difícil de acontecer em uma localidade urbana. Tais aspectos renderam um IEco positivo para o ecocritério Ecossistema da família.

No ecocritério Transporte esta família recebe um IEco negativo. Devido ao caos do trânsito naquela região, eles ainda tiveram que comprar mais um carro para sanar as necessidades da família. No entanto, no ecocritério Bem Estar a família recebeu IEco positivo

uma vez que a chácara que eles moram é grande e arejada, com uma ampla área externa, e também pelo fato de a organização da casa ser impecável.

Nos ecocritérios Água e Energia, a família recebeu IEcos negativos. O programa detectou que o esgoto da localidade não era constituído pela rede pública e sim por uma fossa. Deste modo, alertou para os problemas decorrentes da falta de manutenção e tratamento desta fossa, tomando como base o depoimento da família que ressaltou a existência de alguns córregos advindos do transbordamento deste problema. Além disso, evidenciou-se que a conta de água da residência era muito alta, motivada pelos banhos longos declarados pela família. Tal fato demandava, concomitantemente, um alto consumo de energia para aquecer toda a água.

Assim, o programa classificou o banho na casa da família Valeri como um luxo: chuveiro com grande potência elétrica para oferecer elevada vazão de água quente. Contudo, advertiu que este comportamento elevava cinco vezes o consumo de água e energia em relação a um banho normal. A apresentadora frisou que se o programa não conseguir mudar a estrutura da casa, tentaria mudar a atitude dos seus moradores e, desse modo, o programa propôs à família que cada um diminua em cinco minutos o seu tempo no banho.

De forma oposta, o ecocritério Resíduos recebeu IEco positivo, pois a família separava todos os resíduos recicláveis, exceto o orgânico. Diante desse fato, o programa ensinou a fazer uma composteira para tais resíduos. Em relação ao ecocritério Estrutura, o programa reforçou que a casa era muito bem estruturada e que não apresentava infiltrações ou vazamentos. O único problema detectado foi quanto ao aquecedor central que demorava muito para aquecer a água, o que ocasionava um grande consumo de recursos.

O Bem Estar foi outro ecocritério que recebeu IEco positivo, mas também suscitou uma ampla discussão. Quando questionados pelos apresentadores acerca de como conseguiam manter a casa tão organizada sendo que ali moravam duas crianças, os pais afirmaram que tentam manter a ordem primando pela constante organização dos objetos. Assim, o pai explicou que, aos finais de semana, ambos os filhos arrumavam seus quartos e armários e que todos os dias eles arrumam a cama. O programa advertiu que a questão da organização de uma casa está relacionada ao bem-estar do lar e não pode ser algo estressante e compulsivo.

Este episódio deparou com uma questão particular: o programa percebeu que esta família possuía uma ave silvestre. Desse modo o ECOPRÁTICO investigou, junto às crianças, há quanto tempo eles possuíam esta ave e também sobre a sua forma de alimentação. As crianças contaram que eles criavam a ave há aproximadamente um ano e meio e que ela era uma ave nativa da Austrália que se alimentava de grãos diversos. Apoiando-se no

ecocritério Ecossistema, o programa sinalizou que esta ave como um animal exótico para a família, advertiu ainda que ela não faz parte de nossa fauna nativa e salientou que, na maioria das vezes, estes animais chegam aqui através de criadores e importadores ilegais. O alerta foi feito, pois, segundo o programa, o comércio deste tipo de animal tem aumentado constantemente, fato que preocupa os ecologistas. Ressaltou-se ainda que se este animal foge ou é abandonado ele tem dois destinos: ou ele morre ou ele se adapta ao nosso clima e passa a disputar território e alimento com a fauna nativa.

Com o intuito de advertir tanto a família quanto o telespectador para a gravidade do costume de criar animais exóticos, os apresentadores levaram as crianças para visitar a Floresta dos Unicórnios¹¹, localizada em Carapicuíba, município do estado de São Paulo. O lugar é uma espécie de centro de reabilitação de pássaros e outros animais silvestres que são apreendidos pela polícia ambiental. Lá, o programa realçou o fato de ser crime o comércio de animais retirados da natureza e que, apesar disto, esta prática ainda não foi abolida, havendo constantemente apreensões destes animais.

Além disto, o programa esclarece sobre a atuação de entidades desta natureza junto aos animais apreendidos. Evidenciou-se que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA é conveniado com várias entidades que recebem e cuidam desses animais. Especificamente no centro abordado pelo episódio existem cerca de três mil exemplares e seu objetivo maior é devolvê-los para a natureza e promover a sua plena readaptação. É sinalizado que 600 delas já estão prontas para ser devolvidas à natureza.

Já o ecocritério Consumo da casa é conceituado com um IEco negativo. Tal avaliação foi feita ao levar em consideração que os dois filhos do casal possuíam muitos brinquedos acumulados e sem uso, principalmente uma coleção de bolas de todos os tipos. Neste momento, o programa convidou os garotos a participarem da *Seção desapego*. Esse foi o primeiro momento que este quadro aparece no programa. Eles separaram as bolas que estavam espalhadas pelo jardim e as doaram para a criança da Família Reis da Silva, a qual fez parte do sexto episódio e será a próxima descrita neste capítulo. Aqui também o programa aborda o ecocritério Atitude, implicando com esta doação um IEco positivo.

No momento da reforma da casa, o ECOPRÁTICO deixou claro que, nesta família, as transformações físicas não foram o alvo principal, mas sim as mudanças de comportamento e

atitude. Assim, o programa plantou uma horta e diversas árvores frutíferas no jardim que estava subaproveitado, transformando-o em um verdadeiro jardim rural. Um fato importante a ser ressaltado é que o programa percebeu a existência de um único galo que vivia em um lugar pequeno e privado da companhia de outras aves. Este fato foi conceituado pelo programa com um IEco negativo no ecocritério Bem Estar daquela ave. Dessa forma, o programa também ampliou e restaurou o galinheiro.

Após quinze dias, os apresentadores retornaram a casa e propõem o quadro *Ecoterapia* no qual os moradores comentam acerca das mudanças ocorridas na casa. O ponto principal foi o fato de as crianças respeitarem o tempo estipulado para os banhos e também quando atribuíram uma nova nota para a casa que obteve a média é 9. Neste episódio, a dona da casa proferiu a *Dica Ecoprática* que abordou sobre a reciclagem do óleo de cozinha. Finalmente, o *Presente do Programa para a Casa* foram outras galinhas para juntar-se ao galo solitário.

Sexto Episódio, veiculado em 17 de maio de 2009

A sexta família observada pelo ECOPRÁTICO é a Reis da Silva, a qual reside em Embu das Artes, região metropolitana de São Paulo. Na casa morava o casal e seu filho adolescente. Na conversa introdutória com a família, o programa retratou os moradores enquanto refletiam sobre a conduta sustentável da família e atribuíam a Eco-Nota 4. Durante a conversa, o programa percebeu que esta era uma família matriarcal, pois a mãe exercia a principal autoridade na família. A mãe, por sua vez, destacou que na localidade onde eles moram o uso e o tráfico de drogas é intenso e possui alto índice de marginalidade, enfatizando sua grande preocupação com o filho adolescente. Assim, ela relatou que busca sempre manter um diálogo com o filho sobre todos os assuntos, inclusive as drogas.



Figura 6 Família Reis da Silva. Episódio 6 do ECOPRÁTICO

Os apresentadores questionaram acerca da construção da casa, uma vez que é visível o comprometimento de sua estrutura. Ressaltou-se que esta construção foi erguida aos poucos e sempre de forma improvisada. A família explicou que eles foram os primeiros moradores a formar residência naquele bairro e que a construção da casa foi iniciada há dezenove anos, justificando que a mesma ainda não foi concluída por falta de recursos. Vale ressaltar que, conforme apresentado pela família, a união e a cooperação da comunidade foram decisivas para a construção da casa e como esta foi uma das primeiras casas a ser construída, ela acabou sendo um ponto de apoio para a construção das demais. Diante deste contexto, essa iniciativa rendeu ao ecocritério Atitude um IEco positivo. O programa ressaltou ainda que a atitude da comunidade de ajudar um ao outro a construir as casas do bairro deve ser considerada também para o ecocritério Ecossistema.

O ecocritério Estrutura também foi analisado pelo programa: infiltração, falta de acabamento e calor excessivo são apontados como resultados da construção demorada e sem planejamento, resultando em um IEco negativo neste ecocritério. No entanto, percebeu-se a existência de um espaço amplo na frente de casa para o filho brincar, o que equalizou este ecocritério também como positivo. Não obstante, o ecocritério Bem Estar também recebeu IEco negativo, devido ao calor excessivo da casa.

O ecocritério Energia também recebeu IEco negativo, pois a família revelou que a conta de energia era sempre elevada e que eles acreditavam que isto era proveniente dos eletrodomésticos antigos e dos banhos demorados. Neste episódio, o ecocritério Água foi novamente discutido na perspectiva de sua ingestão, assim o programa chamou atenção para prática de consumir água mineral, alertando sobre a importância de se buscar conhecer a sua real procedência.

O ecocritério Transporte recebeu IEco positivo, pois, apesar da família possuir uma relíquia de automóvel, um fusca modelo 72, este só é usado para passeios: o transporte oficial no dia a dia é mesmo a bicicleta. Neste momento, o programa chamou atenção para o fato de que, às vezes, a necessidade impõe uma vida mais contida e os gastos se direcionam para o que realmente é necessário, assim o Consumo foi outro ecocritério que obteve IEco positivo. De acordo com o programa, esta família aliou a consciência ecológica com a consciência econômica, visto que eles, por exemplo, vendiam materiais recicláveis e assim conseguiam uma renda complementar.

A partir desta atitude, o ECOPRÁTICO ressaltou que separar o lixo reciclável não vai ajudar apenas o planeta, pois o lixo separado também vira dinheiro. O pai da família

exemplificou este processo sinalizando que, quando ele caminha pela rua e visualiza uma latinha ou um ferro velho, ele o recolhe e guarda. Posteriormente, a partir de seu acúmulo, ele afirmou que ia a algum ferro velho vender o material coletado e que este dinheiro complementava a renda familiar. Esta atitude rendeu um IEco positivo no ecocritério Resíduos da família.

Foi neste momento que o quadro *Zuzu Responde* explicou acerca da coleta seletiva. A apresentadora demonstrou espanto com o fato de ainda existirem pessoas que insistem em misturar os lixos, ignorando que os mesmos podem ser reciclados. Segundo ela não há mais desculpas para este velho costume, pois em todo lugar existem postos de coleta, catadores, além das prefeituras que oferecem coleta seletiva. O programa afirmou que 80% do que jogamos fora pode ser reciclado, mas advertiu que não basta ter esse conhecimento, é preciso agir.

Em outro momento do programa, os pais sinalizam sobre a atitude de ter adotado o filho. Com os olhos cheios de lágrimas, a mãe explicou que após dezoito anos de casados o casal não conseguia ter filhos e, por isso, eles entraram na fila de adoção. Alertou ainda que somente após um longo período de espera, quando já não havia mais esperanças, receberam a notícia de uma criança com o perfil esperado e este foi o primeiro contato com o filho. Ainda em seu depoimento, a mãe manifestou a sua maior preocupação: se eles tiveram a oportunidade de poder cuidar de um filho, eles têm que fazê-lo com muito zelo. Diante do exposto, o ecocritério Atitude mais uma vez recebe um IEco positivo. É importante ressaltar que devido à história peculiar da família, o programa acrescentou, neste episódio, mais um ecocritério: o Amor.

Neste episódio houve também um tratamento mais descontraído por parte dos apresentadores e da família. Na verdade, isto ocorreu quando os apresentadores descobriram que esta família tinha um grande acervo de discos de vinil, uma vez que eles já trabalharam realizando bailes particulares quando ainda não existiam tantos salões de festa. Mais adiante, em entrevista com o filho da família, o apresentador procurou saber quais as coisas que o garoto gostava de fazer, ao passo que ele afirmou gostar de jogar bola e de empinar pipa. O apresentador também perguntou se naquela localidade há muitas *lan houses*, o que foi confirmado pelo garoto. No entanto, ele ressaltou a preocupação da mãe que não gosta que ele frequente estes lugares.

O programa chamou atenção para o fato da família não possuir computador e fazer o uso deste serviço através de uma Organização Não Governamental (ONG) denominada de

Associação Pirajussara¹², que promove um trabalho de inclusão digital naquela comunidade. Neste contexto, o programa recomendou ao telespectador que também não possui computador que ele procure alguma associação próxima de sua casa que promova trabalhos de inclusão digital desta natureza. Portanto, o programa ressaltou que o acesso à informação é fundamental para nossas vidas e que a comunicação virtual é uma nova forma de estar inserido no mundo, assim, defendeu que devemos sempre buscar sermos incluídos.

A apresentadora ressaltou que, neste episódio, o programa teve o intuito de retratar a vida desta família e trazer a tona à necessidade de interrelação das esferas econômica, social e ecológica para a descoberta de soluções simples e práticas para equilibrar a vida no planeta. Assim, um fator interessante foi a discussão acerca do ecocritério Alimentação, o qual recebeu um IEco positivo. Na verdade, a família explicou que após o pai ter sido diagnosticado com diabetes e ter atingido 110 quilos, a alimentação da casa mudou completamente e com esse susto toda a família readequou a alimentação. Ele então frisou que passou a fazer uso de chás medicinais em sua alimentação e com essa reeducação alimentar ele conseguiu emagrecer trinta e cinco quilos.

Na reforma da casa, é interessante salientar que toda a comunidade participou da iniciativa. Uma das contribuições mais eficazes foi à instalação de um aquecedor solar a fim de diminuir os gastos com a energia elétrica. Também houve a construção de uma manta térmica a partir de embalagens tetra-Pac que foram recolhidas por toda comunidade vizinha e serviram para cobrir a laje e evitar o contato direto do telhado com os raios solares, assim como diminuir a temperatura no interior casa. Vale ressaltar que o programa também procurou ensinar o telespectador a fazer esta manta.

No quintal da casa cinco modificações foram realizadas: o piso de cimento foi refeito, e, além disto, foram usados cacos (fragmentos) de cerâmica, mas também teve a criação de uma área permeável destinada a criação de um canteiro para a plantação de ervas. Também foi criado um espaço reservado para os cachorros, com algumas casinhas, o telhado quebrado que havia na lavanderia foi substituído por outro feito com tubos de pasta de dente e, por último, foi construída uma cisterna para captar a água da chuva. Além disso, a fachada da casa recebeu uma nova pintura e vasinhos de plantas para decoração. Cortinas e lâmpadas econômicas foram instaladas, o gabinete da pia da cozinha foi modificado e a antiga máquina

de lavar e a velha geladeira foram substituídas por outras novas. Todas essas mudanças, segundo o programa, tornaram o ecocritério Bem Estar “nota dez”.

Outras mudanças importantes na casa desta família ocorreram: a instalação de um filtro de barro para substituir o consumo de água mineral, a instalação de lâmpadas de pet¹³ na área de serviço no intuito de reduzir ainda mais o valor da conta de energia. Neste momento, o programa apresenta a *Dica Ecoprática* que, neste episódio, foi apresentada pelo pai da família que alertou para a preservação da natureza e para que façamos dela um bom uso, principalmente com relação aos alimentos. Em seguida, o filho da família recebeu as bolas que foram doadas pelas crianças da família Valeri, analisada anteriormente, e também ganhou uma nova tabela para jogar basquete.

Seguindo sua narrativa, o episódio retrata o retorno do ECOPRÁTICO a casa da família, após quinze dias das reformas finalizadas. Novamente, buscou saber a opinião dos moradores a respeito das intervenções feitas pelo programa. De uma forma geral, a família declara que as ações feitas na casa repercutiram positivamente em toda comunidade, inclusive na escola do filho do casal. A professora esteve na casa deles para saber como foram feitas as lâmpadas de pet e a cisterna do quintal para ensinar aos demais alunos e famílias da comunidade. O episódio caminhou para seu encerramento e no quadro *Ecoterapia* a família avaliou as ações do programa na casa, as quais são consideradas ótimas. Os moradores atribuíram uma nova Eco-Nota para casa, que dessa vez atinge o máximo. Finalmente, o *Presente do Programa para a Casa* é a realização de baile à moda antiga, com direito a salgadinhos e refrigerantes não apenas para a família, mas para toda comunidade.

Sétimo Episódio, veiculado em 24 de maio de 2009



Figura 7 Família Semer. Episódio 7 do ECOPRÁTICO

Composta apenas por um casal, a Família Semer foi a sétima família interpelada pelo ECOPRÁTICO. Moradores do Bairro da Consolação, zona central de São Paulo, o casal iniciou o programa com uma reflexão sobre seu comportamento sustentável, atribuindo a Eco-Nota 4. O casal declarou que um dos seus maiores problemas é em relação à Alimentação: devido ao fato dele ser chefe de cozinha e ter especialidade em doces, ambos ganharam peso rapidamente. De imediato, este ecocritério recebeu IEco negativo.

Diante do exposto, neste episódio, o quadro *Zuzu Responde* abordou principalmente a questão da alimentação. Segundo afirmação da apresentadora, somos o que nós comemos, e está plenamente relacionado com a sustentabilidade, pois devemos levar em consideração a origem e procedência do alimento que estamos consumindo. Ela ressaltou que, às vezes, nos deparamos com alimentos que estão em nossa mesa e que são provenientes de lugares distantes como a China, enquanto outros vêm de lugares muito próximos. Ela avançou em sua argumentação, sinalizando que devemos perceber, desse modo, que uma fruta, por exemplo, pode ter viajado mais de mil quilômetros para chegar à mesa de casa e, portanto devemos levar em consideração o combustível, a água, o solo e tudo o que envolve a produção e o transporte dos alimentos. O programa também ponderou que comida saudável é aquela mais natural possível, fresca, e não importa se a pessoa é carnívora ou vegetariana ou se é confeiteiro ou sushi *man*. Na verdade, de acordo com o programa, o que importa é a procedência dos alimentos, e sempre busquemos o equilíbrio: saber valorizar e cultivar bons hábitos alimentares.

Nesse sentido, o programa propôs ao casal que ele fizesse um curso de comida natural a base de brotos, mais especificamente no que concerne à noção de cozinha viva, oferecendo receitas de sucos e comidas leves na tentativa de balancear a alimentação da família e também dos telespectadores. Nesse curso, a nutricionista ensinou o chef a fazer um suco

desintoxicador a base de água de coco, brotos de trigo, cenoura, gengibre e couve, o qual é saboreado e aprovado por ele.

O ecocritério Bem Estar recebeu um IEco negativo, principalmente devido ao fato dele trabalhar o todo o tempo na cozinha da casa e ela no escritório: ambos distantes, apesar de estarem em uma mesma casa, apenas à noite eles se encontravam. Porém, foi revelado que este isolamento era muito pior para ele, pois todo o tempo estava na cozinha, inclusive em reuniões com amigos, não havendo possibilidade de transformar a cozinha em um ambiente social, onde o dono da casa pudesse participar das reuniões em família também. Nesse contexto, o programa propôs quebrar a parede que divide a cozinha da sala para melhorar essa situação, o que foi prontamente acatado pelo casal.

Um fato que chamou atenção da equipe do programa foi a desorganização da lavanderia, caso que se repete em quase todas as casas contempladas pelo programa. Os apresentadores perguntaram o motivo de as famílias deixarem a lavanderia tão desorganizada, questionando o fato de sempre haver concentração de sujeira e bagunça nesse ambiente. Assim, eles salientaram que o inútil sempre está associado à lavanderia e argumentaram para a família e aos telespectadores que, para nos sentirmos bem em um lugar, este deve estar minimamente organizado.

O ecocritério Atitude recebeu IEco positivo, pois o casal dividia as tarefas domésticas: enquanto ele lavava as roupas e cozinhava, ela arrumava a casa. Já os ecocritérios Estrutura e Energia receberam IEcos negativos, uma vez que o programa detectou que na área externa, quando chove, a água não escoava devido ao piso de cerâmica, o que compromete a estrutura da casa. Em seguida, o programa percebeu também que a fiação de energia elétrica era antiga e que o casal usava constantemente a secadora de roupas, mesmo com uma área propícia a secagem natural.

O ecocritério Resíduos foi muito discutido neste episódio, quando os apresentadores insistiram em reforçar que apesar das pessoas saberem o que pode ou não ser reciclado, elas insistem em misturá-los no lixo. Este fato também ocorreu nesta casa, visto que o casal não separava o lixo, receberam um IEco negativo neste ecocritério. Além disto, tornou-se evidente que eles não limpavam a sujeira do cachorro quando o levavam para passear na rua. Diante deste fato, o programa chamou atenção para que, não só esta família, mas boa parte das que assistiam ao programa, modificassem este comportamento.

Durante a apresentação das reformas, uma das principais intervenções evidenciadas pelo programa foi direcionada a área externa da casa. Houve a implantação de um *deck* permeável para escoar a água da chuva. O programa explicou como o *deck* foi construído:

primeiro foi feita a escavação do chão, depois eles colocaram uma camada de brita, em seguida, uma manta para drenagem, uma camada terra e finalmente uma cobertura de madeira falsa do tipo biosintética. Destacou-se que esta madeira é feita com plástico, pneu reciclado, além de madeira de reflorestamento. Ela não mofa, não é vulnerável a cupim e é plenamente permeável. Nesse momento, os apresentadores alertaram para a necessidade de haver, na cidade, cobertura de solos permeáveis, com a finalidade de evitar as enchentes. Eles defenderam que é possível fazer da cidade um lugar mais orgânico. Ainda no que concerne à área externa, o programa plantou uma horta para estimular a alimentação saudável do casal e também trocaram o telhado da lavanderia por um modelo transparente de policarbonato, valorizando a iluminação natural.

Conforme mencionado anteriormente, na área interna, o programa criou uma abertura na parede que ligava a cozinha e a sala formando uma “cozinha americana”, possibilitando a socialização entre quem cozinhava e quem estivesse na sala. Segundo o programa, estas mudanças, aliadas aquelas feitas na lavanderia contemplam os ecocritérios Estrutura, Bem Estar e Energia, os quais passaram a receber IEcos positivos. Neste momento, o casal apresentou a *Dica Ecoprática* que enfatizou a questão do desperdício de água. Algumas dicas simples foram apresentadas como, por exemplo, desligar o chuveiro enquanto se ensaboa ou a torneira enquanto não ela não é usada.

Como aconteceu em todos os episódios, o programa passou a retratar o retorno dos apresentados após quinze dias das intervenções. Assim, eles retornaram a casa para verificar como a família avaliou as mudanças realizadas. Neste contexto, foi apresentado o quadro *Ecoterapia*. Uma das coisas que o casal mais gostou foi da nova “cozinha americana”. Contudo, no quesito alimentação, eles confessaram que não houve muitas mudanças e, por isso, a nova Eco-Nota atribuída por eles é 9. Assim, diante deste fato, o *Presente do Programa para a Casa* foi um vaso com brotos de trigo e quinoa, no sentido de reforçar a proposta de dieta. O programa encerrou com os apresentadores ensinando como desenvolver uma culinária viva a base dos ingredientes citados.

Oitavo Episódio, veiculado em 31 de maio de 2009



Figura 8 Família Ribas. Episódio 8 do ECOPRÁTICO

A oitava família contemplada pelo ECOPRÁTICO foi a Família Ribas, que reside no Butantã, zona oeste, de São Paulo. O que mais chamou atenção dos apresentadores nesta casa foi o fato dela ter sido toda construída com material de demolição. Ressaltou-se que foi a própria família que fez a planta da casa e idealizou cada espaço, acompanhando passo a passo a construção. Tal postura rendeu IEco positivo no ecocritério Estrutura. A família também explicou que a atitude de ter construído a casa desta maneira acabou estimulando amigos e familiares a trocarem os apartamentos por casas, e da mesma forma, utilizarem material de demolição. Com esta revelação o IEco Ecossistema também foi positivo.

Ainda nesta fase introdutória do episódio, após a reflexão sobre a sustentabilidade da família, os moradores atribuem a Eco-Nota 8 quanto à média sobre a conduta sustentável da cada e deles. O programa compreendeu que devido ao esforço da família, que sempre buscou a economia em todas as suas decisões, ela reduz seu impacto no meio ambiente. Outra observação importante feita pelo programa foi que, embora a casa fosse feita de material de demolição, o que rendeu para a família um IEco positivo no ecocritério Consumo, a esposa revelou consumir grande quantidade de roupas e sapatos. Para tal postura, este ecocritério foi convertido em IEco negativo.

Apesar de o ecocritério Estrutura ter recebido um IEco positivo quando do início do episódio, a família ele recebeu também IEco negativo, pois o piso do *loft*, onde a mãe da dona da casa morava, era escorregadio o que comprometia a segurança da pessoa idosa. O programa ponderou sobre o fato de as pessoas idosas terem necessidades diferentes das pessoas mais jovens e que, por este motivo, elas não são muitas vezes contempladas. Assim, os apresentadores alertaram os telespectadores sobre os cuidados com pisos lisos e escorregadios em suas casas, estimulando a tomada de providências para que ninguém se machuque. O programa avançou e observou que a família possui uma grande quantidade de

amigos e uma grande variedade de plantas no jardim. Tais fatos renderam ao ecocritério Ecossistema um valor IEco positivo.

O ecocritério Energia também recebeu IEco positivo pela iniciativa da família usar uma manta térmica para o aquecimento da água a partir do calor solar. No entanto, a família confessou usar intensamente a secadora de roupas, conduta essa que foi questionada pela apresentadora, uma vez que a casa possuía uma grande área externa capaz de secar a roupa sem consumir energia. Ao longo da entrevista, a família revelou seu desejo por um aquecedor solar, alertando inclusive que fizeram toda a instalação para o mesmo, mas que devido aos custos elevados a família nunca concretizou esta ideia. Neste momento, o programa levou a família para conhecer a “Sociedade do Sol”¹⁴ um projeto do Parque de Ciência e Tecnologia com o Centro de Inovação e Transferência em Tecnologia (CIENTEC) da Universidade de São Paulo – USP, para que a família possa aprender a construir o aquecedor solar doméstico.

O quadro *Zuzu Responde* deste episódio trouxe uma reflexão sobre as novas tecnologias ecológicas. A apresentadora enfatizou que em um curto período de tempo conseguimos destruir patrimônios naturais que levaram muito tempo para serem construídos, mas que os homens começaram a questionar suas atitudes frente à natureza. Ela ressaltou que hoje há muitas contradições e que existem mais perguntas do que respostas na busca pelo equilíbrio entre ecologia e economia. O programa destacou que, às vezes, podemos pagar mais por um produto ecológico. No entanto, devemos equacionar esse custo e compreender que, na maioria das vezes, vale a pena. O programa afirmou que as soluções tecnológicas estão em toda parte, mas nem todas passaram pela prova do tempo para sabermos se estas são realmente confiáveis, ainda é tudo muito novo e muitas coisas ainda estão em fase de teste. Um exemplo apresentado foi a substituição das telhas de amianto. Diante disso, devemos nos perguntar se as novas telhas feitas com materiais reciclados são resistentes. Assim, o programa sugeriu que pesquisemos e descubramos como podemos experimentar as novas tecnologias ecológicas.

No ecocritério Alimentação a família obteve um IEco positivo, pois afirma usar muitas frutas e verduras em sua nutrição e que também dão preferência para alimentos orgânicos. Neste momento é apresentado o quadro *Eco Sem Saída* que diferenciou o consumo de alimentos orgânicos dos industrializados. A família reforçou sua predileção por alimentos orgânicos, mas advertiu sobre a indisponibilidade dos mesmos para toda população quando afirmou que é “uma utopia, pois não se consegue produzir alimentos assim para bilhões de

pessoas. É um luxo para poucos, mas que espera que um dia isso seja para todos”. O programa salientou ainda que os alimentos que plantamos em casa podem ser considerados orgânicos, uma vez que neles não é usado algum tipo de toxina.

A iniciativa do casal de separar o lixo e levá-lo diretamente para os vizinhos envolvidos com a reciclagem, rendeu a família um IEco positivo no ecocritério Resíduos. No entanto, o ecocritério Bem Estar recebeu IEco negativo, pois o quarto do casal é muito quente. Neste sentido, uma das principais interferências que o programa desenvolveu na reforma da casa foi a implantação de uma cobertura viva no telhado do quarto do casal para diminuir a incidência dos raios solares diretamente no telhado e assim resolver o problema do aquecimento do cômodo. Outra providência foi a pintura de uma das paredes do quarto com tinta branca brilhante, para refletir a claridade e deixar o ambiente mais agradável.

Conforme proposto pela “Sociedade do Sol”, o ECOPRÁTICO instalou um aquecedor solar na casa do casal, também corrigiu uma infiltração recorrente e colocou plantas do tipo “trepadeiras” na laje onde estava a piscina para melhorar a aparência. Além disso, o programa fez cortes antiderrapantes no piso do *loft* da mãe da dona da casa para deixá-lo menos liso. É importante ressaltar que no momento em que o programa interferia no jardim, colocando telas para separar as árvores, percebeu-se que uma delas havia se enroscado no telhado e estava abalando a estrutura da casa, assim como aconteceu na casa da Família Lyrio. Neste momento, o programa alertou o telespectador para que este efetue a poda de suas árvores regularmente e evite surpresas desta como ocorrera nas famílias citadas. A *Dica Ecoprática* desta família diz respeito ao aproveitamento de material de demolição para a construção de casas.

Ao retratar o retorno, decorridos quinze dias após as intervenções, o ECOPRÁTICO questionou sobre como a família se adaptou as mudanças feitas pelo programa. Assim, no quadro *Ecoterapia* os moradores dão sua opinião sobre as alterações na casa e a família comentou que uma das coisas que eles mais aprenderam com o programa foi que, ao se construir uma casa, deve-se atentar para cada detalhe. Assim, eles atribuem uma nova Eco-Nota, agora com valor 9. Por fim, o *Presente do Programa para a Casa* é uma medalha de eco-economista para o dono da casa.

Nono Episódio, veiculado em 07 de junho de 2009



Figura 9 Família Ferreira. Episódio 9 do ECOPRÁTICO

A penúltima família contemplada pelo ECOPRÁTICO foi a Família Ferreira, que é composta por três pessoas: a mãe e dois filhos, sendo um deles portador de Síndrome de *Down*. O episódio é introduzido, seguindo o roteiro tradicional do programa, com a reflexão da família acerca de como é a rotina da casa e como eles se avaliavam quanto a sua conduta sustentável. De forma, objetiva a família atribui a EcoNota 3 para casa. Diante da reflexão da família, o programa percebeu que sua postura é essencialmente consumista, sinalizando para os inúmeros gastos desnecessários. Neste episódio, este é justamente o ponto mais discutido.

Inicialmente, o programa procurou sondar e revelar como é a rotina da casa. De imediato, foi a própria dona da casa quem ressaltou a questão do consumo exagerado como problema mais grave na casa, sinalizando que devia existir a conscientização de toda a família para mudar este quadro. Ela declarou que possui aquecedores, máquina de lavar, uma série de equipamentos que consomem muita energia. Juntos, afirmam que os banhos são longos e confessam que ninguém ali é ecológico. A família ainda acrescentou que é uma prática rotineira deixar os televisores e as lâmpadas ligadas desmesuradamente, além de enfatizar que enquanto o aquecedor demora a esquentar, água escoa diretamente para o ralo.

Neste contexto, o programa revelou que a questão mais gritante na casa é realmente o Consumo, o qual está relacionado aos ecocritérios de Energia, Água e Resíduos. Assim, de imediato, todos estes ecocritérios recebem IEcos negativos. Na verdade, o ecocritério Energia foi o primeiro a ser analisado pelo programa, que detectou a grande quantidade de eletrodomésticos existentes na cozinha: sanduicheira, máquina de fazer *waffer*, forno elétrico, cafeteira, microondas, *grill*, torradeira, entre outros. Diante disto, o programa propôs às crianças que observassem e anotassem quantos *watt* cada eletro possui, para assim somar e fazer a contabilidade de quanto cada um consumia, em determinado tempo de uso.

Neste momento, o apresentador entrevistou a funcionária da casa e perguntou quais os eletros que ela mais usava e quais os que ela dispensaria. Ela ressaltou que os que ela mais utilizava eram o *grill*, a sanduicheira, o liquidificador e o microondas, todos usados diariamente. Assim, o programa tentou conscientizar a funcionária, evidenciando o quanto de energia gasta cada aparelho e também contou com a ajuda das crianças para explicar estes cálculos.

O programa avançou e a apresentadora foi até o quarto da dona da casa, mais especificamente ao *closet*, e percebeu a real dimensão do consumo. Ao contabilizar roupas e sapatos, por exemplo, o ECOPRÁTICO surpreendeu até mesmo a dona da casa, que não fazia ideia de quantos pares de sapatos possuía. O programa salientou o fato da atitude da mãe ser exemplo para os filhos, alertando que os mesmos estavam seguindo exatamente os seus passos. Por isso, o programa questionou o que a família fazia com as embalagens das compras, quando percebeu que o lixo reciclável não era separado, inclusive as sacolas das compras. Diante deste hábito, os apresentadores ensinaram as crianças a separarem os lixos recicláveis dos não recicláveis.

Voltando à questão do consumo, o programa alertou para que nos conscientizemos quanto às compras excessivas, para que pensemos várias vezes antes de comprar e reflitamos se realmente estamos precisando do objeto almejado. Nesse sentido, o programa lançou mão da ideia de consumo consciente e também sobre as possibilidades de circulação daquilo que não mais usaremos. Desse modo, no quadro *Seção Desapego*, a família é levada para uma visita a ONG *Carpe Diem*¹⁵, que faz um trabalho social que inclui pessoas com deficiência intelectual. Desta forma, a família foi estimulada a fazer doações de roupas e sapatos para uma realização de um bazar.

Ao observar a Estrutura da casa também, este ecocritério recebeu um IEco negativo. Como na maioria das casas abordadas pelo programa, na área de serviço e na lavanderia da casa da Família Ferreira, pairava a bagunça e a desorganização. Revelou-se que mesmo dispondo de uma grande área externa e de varais para a secagem das roupas, este procedimento era realizado de forma equivocada: os varais estavam afixados juntos das paredes o que dificultava a secagem das roupas. O ecocritério Atitude também recebeu um IEco negativo. Como a dona da casa revelou que não fazia ideia dos gastos da casa, que nunca

havia descido para a área de serviço e que não tinha ciência de como eram feitas as tarefas domésticas.

Ressaltou-se que o ecocritério Bem Estar também recebeu um IEco negativo, pois apesar de a casa desta família ser organizada e espaçosa, o quarto da empregada não estava adequado. O programa evidenciou que o mesmo ficava situado ao lado da lavanderia, não possuía abertura para arejamento ou luz natural e estava repleto de infiltrações e mofo. Os apresentadores foram categóricos, questionaram-se e nos questionaram sobre o porquê dos arquitetos e engenheiros relegarem esta parte da casa aos piores lugares.

A despeito deste assunto, o quadro *Zuzu Responde* desenvolveu esta questão sobre a localização desfavorável do quarto de empregados. A apresentadora salientou que a estrutura social do país se reflete também em sua estrutura arquitetônica e, assim, enfatiza a desvalorização dos serviços domésticos. A apresentadora ainda alertou que o Brasil é um dos poucos países do mundo em que essa mão de obra dorme no serviço e reitera que também devemos cuidar bem de quem cuida de nós.

Assim, na reforma da casa, uma das principais mudanças ocorridas foram os reparos feitos no quarto da empregada: a eliminação das infiltrações e abertura de uma janela para facilitar a entrada de ar e luz. O programa ainda criou um fosso para escoar a água da chuva no jardim, o qual também ganhou novas plantas e uma horta. Os varais para estender as roupas também foram reposicionados para facilitar a secagem natural das roupas.

Novamente sobre a cozinha, em meio ao “exército de eletros” ali encontrados, o apresentador encontrou uma máquina manual de fazer macarrão. Ele expôs que em um mundo no qual boa parte da comida é industrializada, fazer o próprio macarrão em casa é um diferencial. Surpreendentemente, a dona da casa apresentou sua receita para fazer macarrão integral, o que repercutiu em IEco positivo no ecocritério Alimentação. Neste episódio, quem deu a *Dica Ecoprática* foram as crianças. Elas ponderaram sobre a energia e relataram que ao somarem os *watts* relativos à potência e consumo dos eletros foram surpreendidos com o resultado. Assim, advertiram para que percebamos quanto de energia nós gastamos. Também ressaltaram que eles iriam se preocupar mais com esta questão.

Quando retratam o retorno a casa para saber sobre as repercussões das mudanças ocorridas, decorridos quinze dias das interferências, o programa apresenta o quadro *Ecoterapia*. Nele, a família salientou que as crianças ficaram fissuradas com a questão de identificar o consumo em *watts* dos eletros. Sinalizou também que as TVs começaram a ser desligadas e que a coleta seletiva não foi adotada somente pela residência, mas em todo condomínio. Reiteraram que houve uma conscientização quanto à importância da funcionária

doméstica e da garantia de condições de Bem Estar. Finalmente, a família se atribuiu uma nova Eco Nota, que atingiu a média de 8. O *Presente do Programa para a Casa* foram bolsas ecológicas para serem utilizadas durante as compras da família, sinalizando para o abandono das sacolas plásticas.

Décimo Episódio, veiculado em 14 de junho de 2009



Figura 10 Família Lima. Episódio 10 do ECOPRÁTICO

A décima e última família contemplada pelo ECOPRÁTICO foi a Família Lima, que residia no Bairro Pinheiros na zona oeste de São Paulo e era composta por um casal e uma filha de apenas um ano. Já na introdução do episódio, quando da análise da família sobre sua conduta sustentável, o programa percebeu que o nascimento da filha do casal promoveu uma diminuição do espaço disponível na casa. Neste momento, a família atribuiu uma Eco Nota de valor 7, tanto para si quanto para a casa.

Em descontraída conversa, o casal declarou aos apresentadores que participou de diversas manifestações populares, principalmente dos atos e mobilizações contra preconceito racial, a exemplo do manifesto 3 de fevereiro¹⁶. Esta postura rendeu à família um IEco positivo no ecocritério Atitude. Neste sentido, o quadro *Zuzu Responde* lembrou que ter atitude significa se posicionar diante das situações e que existem estratégias sutis e silenciosas que podem ter efeitos fantásticos e em cadeia. A apresentadora citou como exemplo de atitudes desta natureza o fato de evitar adquirir produtos de uma empresa que se utiliza de madeira de desmatamento irregular. Assim, ela reforçou a existência do poder silencioso do consumidor, sinalizando que não devemos nos calar diante de crueldades que acontecem

todos os dias. A apresentadora afirmou que é preciso que nos posicionemos diante do mundo, e que as novas tecnologias da informação e da comunicação estão aí para fazer valer a voz do cidadão. Além disto, mencionou que nunca tivemos tanto poder de comunicação em nossas mãos: internet, telefone, rádio, TV, jornal etc. Portanto, ela defendeu que devemos nos comunicar e nos posicionar diante de qualquer situação.

Neste episódio, o ecocritério Estrutura recebeu IEco negativo. O casal declarou nunca ter imaginado que uma criança ocuparia um espaço tão grande e afirmou que não conseguiu adaptar a casa a chegada da filha, resultando assim uma grande bagunça. De acordo com o programa, esta desorganização da casa também comprometeu o ecocritério Bem Estar, sinalizando ainda para a existência de um “quartinho da bagunça”, lugar que comportava todas as coisas “quase inúteis” daquela casa. O programa chamou atenção para o fato de não haver nenhum tipo de planta na casa e, mais uma vez, a questão da lavanderia desorganizada chamou atenção, já que quase em todas as famílias este fato se repetiu.

Na família, os ecocritérios Alimentação e Resíduos também ganharam IEcos positivos. O consumo de frutas e verduras do sítio que eles possuem foi sinalizado como hábito saudável de alimentação, além de a filha ainda ser amamentada. Ressaltou-se que a separação do lixo reciclado era feita não apenas por esta família, mas por toda vizinhança, que doa para a COOPAMARE, cooperativa de reciclagem da região¹⁷. Neste contexto, os ecocritérios Atitude e Ecossistema também receberam IEcos positivos, pois o casal revelou que vai pessoalmente à cooperativa levar os resíduos produzidos em sua casa para que estes sejam reciclados.

Porém, a Água e Energia foram ecocritérios que receberam IEcos negativos. Assim como o programa salientou a questão do consumo de água mineral na Família Reis da Silva, nesta casa este assunto também é abordado. O ECOPRÁTICO novamente ressaltou a questão da procedência desta água e sugeriu o uso do filtro de barro. Quanto à energia, além do grande consumo e da conta elevada, o programa percebeu que o aquecedor demorava a aquecer a água, mas atestou que eles tentavam aproveitá-la para não desperdiçar.

Os apresentadores perceberam as limitações no banho da criança: todos os dias a mãe levava um balde de água para o quarto, pois não há espaço no banheiro para colocar a banheira do bebê. A mãe afirmou que a pressão do chuveiro machucava a criança e que, por não dispor do chuveirinho, não havia outra opção de banho sem ser utilizando o balde. Conforme mencionado anteriormente, outro ponto salientado pela família foi sobre a

deficiência do aquecedor, que gastava muito tempo para esquentar a água, o que resultava em desperdício enquanto a mesma não estava adequada ao banho.

O quadro *Eco Sem Saída* ponderou acerca das alternativas de uso da fralda de pano ou das versões descartáveis e considerou, no que concerne aos critérios da sustentabilidade, que ambas apresentam a mesma ordem de impactos ambientais. Enquanto a de pano demanda muita água e produtos de limpeza para ser lavada, a descartável é mais prática, porém gera resíduo. Assim, de acordo com o programa, a utilização de ambas nos deixa sem saída em termos de melhor escolha, segundo o viés sustentável.

Procedendo a reforma da casa, o programa instalou prateleiras para uma melhor organização de objetos, trocou as lâmpadas incandescentes por fluorescente, instalou um filtro de água, trocou o aquecedor a gás por um modelo mais novo e disponibilizou plantas na sala. Uma das principais mudanças foi a proposta de uso de gavetões que serviam para colocar os brinquedos da criança, evitando que os mesmos fossem deixando pela casa. Além disto, e ainda instalaram um chuveirinho no banheiro para facilitar o banho do bebê.

Para “desafogar” o “quartinho da bagunça”, o quadro *Sessão Desapego* também apareceu neste episódio, o qual solicitou que o casal doasse alguns dos discos de vinil que possuíam. A *Dica Ecoprática* proferida pela família chamou atenção para a dimensão ética da sustentabilidade e, segundo a família, não adianta apenas ter consciência ecológica, é necessário ser ético diante da vida e das nossas relações pessoais. Eles afirmaram que nós fazemos parte da natureza.

Quando do retorno a casa da família, o programa sondou novamente sobre a opinião acerca das modificações ocorridas na casa. O casal enfatizou a sensação advinda de uma casa mais organizada e atribuiu uma nova Eco-Nota, atingindo a marca de 9 pontos. Para finalizar o episódio, o *Presente do Programa para a Casa* foi o troféu lâmpada, feito com uma das lâmpadas substituída.

Este percurso sobre cada episódio do ECOPRÁTICO é revelador da diversidade de ações e estratégias empreendidas pelo programa no sentido de promover uma educação ambiental apoiada nos pilares da sustentabilidade. Além disto, percebemos que sua atuação junto a cada família contemplada é diferenciada, demonstrando que o programa busca diferentes soluções para problemas compartilhados. É neste contexto, que destacamos seu esforço em estimular o protagonismo social das famílias e das comunidades retratadas no enfrentamento da problemática ambiental.

Portanto, aqui alinhamos os esforços desta pesquisa na compreensão de como o ECOPRÁTICO se apropria do discurso da sustentabilidade, amplamente resignificado por diversos atores sociais, na perspectiva de promover uma ação educativa a partir de um gênero audiovisual, o *reality show*, popularmente consagrado ao entretenimento mediante questões de ordem mais pontuais. Desta forma, compreendê-lo a partir de sua natureza narrativa, das particularidades dos problemas diagnosticados e também das soluções propostas, sob a luz das estratégias didáticas é o intuito das seções seguintes.

2. SUSTENTABILIDADE: CONCEITOS, EMBATES E OUTRAS MANEIRAS DE PENSAR O MEIO AMBIENTE

cinco décadas. Estas possuem escopo global e estão fortemente pautadas no comportamento. Diante das diversas discussões promovidas pelos variados setores da sociedade, podemos considerar que estas em sua maioria dizem que as mudanças ambientais estão concentradas nas últimas décadas humano. Assim, compreender melhor os problemas relacionados às mudanças globais demanda abordagens que considerem o planeta como um sistema interativo, destacando as interdependências energéticas e fundamentais existentes entre os sistemas ambientais e os sistemas humanos.

A engenheira agrônoma Ana Luiza de Brasil Camargo (2005) explana um histórico do transcorrer da discussão relacionada ao meio ambiente. Segundo a autora, foi no final da década de 1960, que se intensificaram as discussões acerca das relações existentes entre meio ambiente e desenvolvimento. Foi neste momento que se começou a perceber as limitações do modelo de desenvolvimento de consumo que conhecíamos. Esta preocupação ecológica deu-se inicialmente na comunidade científica marcando a preocupação ecológica relacionada aos atores do sistema social. Também começaram a aparecer as organizações não governamentais (ONG), destacando-se a criação do Clube de Roma em 1968, pioneiro no caminho para a consciência internacional dos graves problemas mundiais.

A década de 1970 distinguiu-se pela inserção de movimentos e eventos significativos do ponto de vista socioambiental. Como exemplo, temos a criação de diversas organizações internacionais e dos primeiros movimentos ambientalistas organizados, ressaltando também o início da preocupação ambiental pelo sistema político. Nesta década, houve a maior manifestação ambientalista da história o “Dia da Terra”, tornando a questão do ambientalismo um assunto público. Vários documentos e relatórios também marcaram esta década, como a Conferência de Estocolmo em 1972, na Suécia, evento que debateu profundamente os vínculos existentes entre desenvolvimento e meio ambiente, oficializando assim o surgimento de uma preocupação acerca dos problemas ambientais (CAMARGO, 2005).

A concepção de desenvolvimento sustentável acontece apenas na década de 1980, fruto de intensos debates e de críticas relacionadas ao modelo de crescimento econômico predominante. A marca desta década foi o Relatório *Brundtland* ou “Nosso futuro comum” que possui uma visão complexa das causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos da sociedade global. Este documento interligava assuntos relacionados à economia, ecologia,

tecnologia, sociedade e política, e chamava atenção também para a necessidade de uma postura ética¹⁸ e responsável.

Foi na década de 1990 que houve, segundo Camargo (2005), um grande impulso com relação à consciência ambiental na maioria dos países. O grande destaque desta década foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad) mais conhecida como Rio-92, o mais importante e promissor encontro mundial para a discussão do meio ambiente do século XX. Coordenada pelo ambientalista Maurice Strong, a Rio-92 teve como resultado a aprovação de vários documentos e declarações de princípios, sendo que a mais reconhecida foi a Agenda 21, documento que vinculava um pacto entre os três setores da sociedade: o governamental, o produtivo e o civil organizado, considerado um plano de ação para alcançar os objetivos do desenvolvimento sustentável, os quais serão discutidos posteriormente neste trabalho.

Segundo Lima (2003), é preciso que percebamos que o discurso da sustentabilidade, não é uma construção ingênua. Ao contrário, sua construção demonstra uma hábil operação político-normativo e diplomática, empenhada em sanar um conjunto de contradições expostas e não respondidas pelos modelos anteriores de desenvolvimento. Este discurso tentava tanto gerenciar a reprodução econômica do capitalismo diante dos efeitos da degradação ambiental, quanto responder aos questionamentos sobre os limites do crescimento, além de buscar responder também às demandas e críticas do movimento ambientalista internacional que reivindicavam a inclusão da questão ambiental na agenda de prioridades político-econômicas contemporâneas.

Camargo (2005) também considera o desenvolvimento sustentável um conceito questionável, pois para ela este atende as necessidades humanas apenas de forma parcial. Este discurso ainda é, como o próprio nome diz, desenvolvimentista que continua destruindo e degradando nossa base de recursos naturais. Todavia, ela afirma ser um dos maiores avanços do século XX o despertar da consciência ambiental e da necessidade de encontrar um equilíbrio entre as ações humanas e a preservação do meio ambiente. Durante as décadas de 60, 70, 80 e 90 percebeu-se que estávamos não só excluindo muitos fatores importantes para o meio ambiente, como também nos apropriando, indevidamente, dos direitos das gerações

futuras de poderem viver num meio ambiente equilibrado e com recursos naturais em abundância.

A consciência ambiental conheceu ao longo do século XX, uma grande expansão. Segundo esta mesma autora, os efeitos devastadores das duas grandes guerras mundiais foram decisivos para que houvesse um impulso na conscientização do homem. Como sinalizado, a Conferência de Estocolmo foi à primeira das grandes discussões da ONU a debater intensamente os vínculos existentes entre desenvolvimento e meio ambiente. Nesta conferência, foi a primeira vez que apareceu o conceito “ecodesenvolvimento” para definir uma proposta de desenvolvimento ecologicamente orientado, capaz de impulsionar os trabalhos do então recém-criado Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

Jean Cerqueira (2004) ressalta que, a tomada de consciência da sociedade para os variados problemas ambientais revela-se um novo curso de mudança fundamentado em valores globais de desenvolvimentos que buscam contemplar o equilíbrio do meio com o homem. Este novo conceito de desenvolvimento, marcado pelo uso racional dos recursos naturais em harmonia com os aspectos sociais e econômicos, recebe o nome de Desenvolvimento Sustentável, uma vez que:

Este desenvolvimento, que não se esgota, mas conserva e realimenta sua fonte de recursos naturais, que não inviabiliza a sociedade, mas promove a repartição justa dos benefícios alcançados, que não é movido apenas por interesses imediatistas, mas sim, baseados no planejamento de sua trajetória, e que por estas razões, é capaz de manter-se no espaço e no tempo (Agenda 21 Brasileira, 2000, p. 22).

Conduziremos este estudo considerando a posição do pesquisador Ignacy Sachs (1993, p. 110) que utiliza como sinônimos os termos ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável, e os define como “o desenvolvimento socialmente desejável, economicamente viável e ecologicamente prudente”. Neste momento, começou-se a compreender que conservação não é o oposto de desenvolvimento, introduzindo assim, o início de uma concepção de desenvolvimento sustentável.

Foi Sachs (1993) quem formulou os princípios básicos dessa nova visão de desenvolvimento, a qual integrou seis aspectos básicos para guiar os caminhos para esta “nova” forma de desenvolvimento: 1) a satisfação das necessidades básicas; 2) a solidariedade com as gerações futuras; 3) a participação com a população envolvida; 4) a preservação dos

recursos naturais e do meio ambiente em geral; 5) a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas; 6. Programas de educação.

Para Antônio Lago e José Augusto Pádua (2000), o grande mérito desta teoria está em deslocar o problema do aspecto puramente quantitativo, para a observação da qualidade do crescimento. Assim, o ponto central da questão começa a ser o “como crescer”, provocando a necessidade da modificação qualitativa das estruturas produtivas, sociais e culturais da sociedade.

O Relatório de *Brundtland* ou “Nosso futuro comum” divulgado em 1987 e realizado pela Pnuma ocasionou uma vastidão proposta sobre conceitos alternativos de desenvolvimento. Este relatório trouxe uma função determinante na publicação do termo desenvolvimento sustentável, reconhecendo-o oficialmente. Introduzido na década de 1980, o termo desenvolvimento sustentável só foi solidificado com a Rio-92. Foi ali que todas as organizações internacionais adotaram “desenvolvimento sustentável” como expressão normativa que deveria existir entre crescimento econômico e meio ambiente.

Percebe-se, segundo Camargo (2005), que o desenvolvimento sustentável foi aceito como o discurso ambiental oficial e está hoje no centro de todo discurso ecológico. No entanto, destacamos o fato de que este conceito de desenvolvimento aparece como alternativa apenas reformista, e não como uma alternativa de mudanças de caráter estrutural. Entretanto, Lima (2003) diz que se olharmos do ponto de vista das virtudes da sustentabilidade, pode-se dizer que ela inova em alguns pontos, pois sugere uma estratégia multidimensional de desenvolvimento, incorpora uma visão de longo prazo sintonizada com os ciclos biofísicos e com o futuro, considera a dimensão política dos problemas ambientais, aproxima as ciências naturais e sociais na abordagem da relação sociedade-ambiente.

Talvez tenha sido por isso que os conceitos desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade adquiriram toda essa visibilidade ao longo das últimas décadas. Segundo Gabriela Scotto, Isabel Carvalho e Leandro Guimarães (2007), o conceito de desenvolvimento sustentável é formulado nos anos 80, no documento “Nosso Futuro Comum”. Segundo o relatório “Nosso futuro comum” (1991), desenvolvimento sustentável é:

[...] um novo tipo de desenvolvimento capaz de manter o progresso humano não apenas em alguns lugares e por alguns anos, mas em todo o planeta e até um futuro longínquo (p. 4).

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades (p. 46).

[...] é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas (p. 49).

José Carlos Barbieri (1997) conceitua desenvolvimento sustentável como uma maneira de perceber as soluções para os problemas globais, que não se reduzem apenas à degradação ambiental, mas que incorporam dimensões sociais, políticas e culturais. Carlos Jara (2001) percebe este termo como a emergência de um novo paradigma para orientações de processos e reavaliação do relacionamento do setor econômico e da sociedade com a natureza.

De acordo com Camargo (2005), a concepção de desenvolvimento sustentável visa promover a harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza. Segundo a autora, o objetivo seria ir em direção a um desenvolvimento que integre os interesses sociais, econômicos, e as possibilidades e os limites que a natureza define. Podemos encontrar esta perspectiva nas ações do ECOPRÁTICO, pois para o programa todos os ecocritérios estão integrados. Ao analisar a conduta sustentável da família o programa procura ter uma visão do todo, desde a relação desta com os vizinhos, a inclusão de outros ecossistemas na casa como, por exemplo, a plantação de jardins. O ECOPRÁTICO considera a sustentabilidade como um conceito normativo que envolve compromissos entre objetivos sociais, ecológicos e econômicos. Além disso, o programa exprime a importância do comportamento de responsabilidade comum, sinalizando outras formas de se pensar os modelos tradicionais de comportamento.

Não obstante, Enrique Leff (2006) apresenta uma postura coerente ao sinalizar que a crise ambiental pode ser interpretada a partir de uma diversidade de perspectivas ideológicas. Para o autor, ela é percebida como resultado da coação exercida pelo crescimento da população sobre os limitados recursos do planeta, mas também é interpretada como o efeito da acumulação de capital e da maximização da taxa de lucro em curto prazo. Na concepção deste autor, o conflito ambiental concebeu mudanças globais em sistemas socioambientais que afetam as condições de sustentabilidade do planeta, propondo a necessidade de tornarem comuns as bases ecológicas e os princípios jurídicos e sociais para a gestão democrática dos recursos naturais.

É neste contexto que a percepção da crise ecológica configurou-se uma nova visão do desenvolvimento humano que busca restabelecer os valores e potenciais da natureza. Assim, o meio ambiente manifesta-se como um saber reintegrador da diversidade com novos valores éticos e, incumbido de potenciais sinérgicos desenvolvidos pela articulação de processos

culturais, ecológicos e tecnológicos (LEFF, 2006). De forma categórica, esse autor considera que o princípio de sustentabilidade surge como uma resposta ao rompimento da razão modernizadora. A principal ideia condiciona a construção de uma nova racionalidade produtiva, estabelecida em um potencial ecológico com novos sentidos de civilização diante da diversidade cultural do gênero humano.

Devemos levar em consideração que estas ideias, propostas pelos autores citados, não se voltam para a conservação intocável da natureza, mas a manifestação de que é necessário atuar no nosso dia-a-dia, em prol do que deve ser desenvolvido e de como ser sustentável. Trata-se da reapropriação da natureza por um processo de socialização fundado nos princípios da sustentabilidade.

Podemos considerar esta proposta como ampla e sistêmica acerca da sociedade, do desenvolvimento e da natureza. É neste sentido que Sachs (2006) analisa desenvolvimento sustentável como uma doutrina, ideologia, um valor e uma ética, pois reside na administração do presente com uma perspectiva do futuro dos outros. Suas contribuições vão além, pois o autor formulou uma série de reflexões acerca das dimensões a serem internalizadas na concepção da sustentabilidade, salientando a contemplação das esferas social, econômica, ecológica, espacial e cultural.

Contudo, não podemos apenas permanecer com uma visão romântica deste conceito. Para Lima (2003), o cenário em que a sustentabilidade ganhou notoriedade foi exatamente o de transnacionalização do capitalismo, foi exatamente no momento que o capitalismo passava a ser submetido aos imperativos do mercado livre, da mobilização do capital e de governos comprometidos com políticas de privatização. Dessa forma o discurso do desenvolvimento sustentável só poderia obter sucesso se conseguisse demonstrar que a conservação ambiental promovia o crescimento dos negócios e da economia e não apenas que estes valores antagônicos podiam ser reconciliados. Ademais, parece que eles conseguiram passar muito bem a mensagem.

Não é por acaso que, passados mais de vinte anos desde a divulgação deste conceito, ainda hoje há uma grande notoriedade deste discurso nos mais diversos meios, para os mais diversos fins, não só científicos, mas especialmente nos discursos de cunho político, midiático e educacional. Evidencia-se que parece haver uma unanimidade em torno da necessidade de propostas favoráveis à sustentabilidade.

Não obstante, apesar do reconhecimento e da importância da concepção de desenvolvimento sustentável, Camargo (2005) evidencia que o mundo atual caminha concretamente por rumos que desafiam qualquer noção de sustentabilidade. Desse modo, a

autora aponta que uma das polêmicas fundamentais a respeito do desenvolvimento sustentável é o questionamento de que se poderia, de fato, o desenvolvimento ser efetivamente sustentável. Aquela autora ainda revela a necessidade de se perceber o que deve ser sustentado e o que deve ser desenvolvido e, dessa forma, perceber os tipos de relação que devem prevalecer entre ambos, além de considerar a extensão do futuro a ser considerado.

Embora o conceito de sustentabilidade seja um campo discursivo no qual uma multiplicidade de forças e interpretações disputam entre si, consideramos esta base comum um tanto quanto carente, o que permite leituras diversas sobre o que significa um futuro viável e sobre quais os melhores meios de alcançá-lo. Por isso, compete aqui ponderar algumas questões sobre outras ideologias e discursos ambientais reconhecidas atualmente. Quando discorremos sobre ideologias e discursos ambientais percebemos que o conceito de sustentabilidade possui hoje maior notoriedade, no entanto, torna-se importante considerar que esse não é o único, há ainda outras formas de pensar sobre o meio ambiente bem também refletir o modelo de desenvolvimento vigente.

Julia Corbett (2006) e John Dryzek (2004) apresentam duas abordagens acerca das ideologias e dos discursos ambientais, estabelecendo direções distintas para suas concepções sobre os tipos de ideologias discursivas. Enquanto Corbett (2006) empenha-se em compreender metodicamente os fatores que colaboram para o desenvolvimento das ideologias no indivíduo, Dryzek (2004) apresenta as consequências de tais discursos ideológicos no âmbito da definição do que ele chama de “Políticas da Terra”. Estas inquietações proporcionam muitos pontos convergentes, o que nos permite considerá-las enfoques complementares.

Em sua pesquisa Corbett (2006) dá ênfase às ideologias ambientais, ela observa que, os nossos sistemas de crenças ambientais são formados e moldados por experiências desde a infância, através do senso de lugar e de contextos históricos culturais. Para esta autora, este sistema de crenças totalmente formado a respeito do mundo natural é o que pode ser chamado de ideologia ambiental. Na idade adulta, esta ideologia tende a formar nosso discurso através da comunicação e nos ajuda também a interpretar a comunicação dos outros.

Em sua teoria, Corbett (2006) amplia o conceito de ideologia, apenas como um sistema de ideias ou modo de pensar pertencente a uma classe ou indivíduo, em que as ações se justificam por si, independentemente dos acontecimentos e das subjetividades individuais. Diferentemente deste pensamento, essa autora conceitua a ideologia ambiental como uma forma de pensar sobre o mundo natural, e que uma pessoa usa para justificar ações em direção a ela.

Para a autora, ideologia é a articulação das nossas relações com o meio ambiente e não pode ser facilmente influenciável por eventos externos e é isso que difere a ideologia de opinião. Por exemplo, se alguém se define como um preservacionista (desejando preservar e proteger o mundo natural), não será uma desaceleração da economia, um divórcio, um terremoto ou uma mudança na composição política do Congresso que vai mudar sua ideologia subjacente ambiental.

Cobertt (2006) afirma que a comunicação ambiental está enraizada no sistema de crenças presente na ideologia de cada indivíduo. Assim, a ideologia é o que orienta nossa atitude em relação ao meio ambiente, constituindo-se o alicerce de toda mensagem ambiental, a qual advém de uma visão de mundo que constitui a perspectiva ideológica pessoal que norteia as relações e experiências pessoais.

Ao tratar de ideologias ambientais, Corbett (2006) propõe uma perspectiva centrada na hierarquia entre os seres humanos, a qual a autora conceitua de antropocentrismo e o mundo natural, chamado de ecocentrismo. Já Dryzek (2004) evidencia aspectos de ordem mais pragmática, nos quais identifica os atores sociais, as motivações, as instituições e as relações reconhecidas nos discursos ambientais. Entre os autores, o que mais encontramos em comum é a constante afirmação de que as ideologias e os discursos ambientais envolvem todos os cidadãos, não apenas os políticos e ambientalistas. Ambos reconhecem que toda mensagem ambiental é produzida e compreendida a partir de diferentes visões de mundo, assim conceituam a comunicação ambiental como a maneira que estas ideologias são demonstradas para a sociedade através de discursos.

Dryzek (2004) analisa os elementos constituintes do discurso ambiental. Para o autor, o discurso é constituído de construções simbólicas que ele chama de “entidades do mundo” que são as suposições sobre as relações entre as diferentes entidades (sistemas sociais e naturais), os atores envolvidos e, finalmente, os dispositivos e as estratégias discursivas. Este autor reconhece a potencialidade destes discursos ressaltando seu impacto na esfera política, governamental, corporativa, científica e sociocultural. Para o autor, as questões ambientais precisam ser pesquisadas por meio da linguagem (discurso), pois esta é a principal forma de construir, interpretar, discutir e analisar a problemática ambiental e suas implicações. Salienta-se que este estudo pretende ponderar alguns aspectos acerca dos discursos ambientais segundo uma linguagem específica: A TV.

Por conseguinte, ambos os autores alertam para a formação da concepção de conceitos como “natureza” e “selvagem” como sendo construções advindas de processos culturais. Não obstante, eles também entendem a existência de um embate entre os ecossistemas naturais e

os sistemas sociais humanos, percebendo que quanto maior a complexidade maior também as diversidades de perspectivas ambientais. Para Dryzek (2004), no campo ambiental, estas diversidades são constituídas principalmente a partir dos anos 60, após o surgimento de uma série de discursos ambientais os quais serão abordados posteriormente.

Dryzek (2004) e Corbett (2006) apresentam categorias discursivas e ideológicas, respectivamente, as quais são orientadas simultaneamente para a compreensão dos debates políticos e para o entendimento dos processos de criação e compreensão de mensagens ambientais. Estas mensagens empregam em suas classificações um critério comum: o nível de aproximação ou distanciamento dos discursos em relação à perspectiva predominante na sociedade industrial: o industrialismo. Desta forma, ambos os autores utilizam termos que vão de “reformista”, até o “radical”, para categorizar os discursos ideológicos, dependendo da ótica da manutenção ou o rompimento com a estrutura do sistema capitalista e sua lógica produtiva.

Estas abordagens revelam o surgimento de ideologias e discursos ambientais, as quais são evidenciadas pelos autores em uma sistematização de categoriais mais densas. Como já mencionando, Corbett (2006) delimita o conceito de ideologia como o conjunto de ideias e pensamentos sobre o mundo natural que justifica nossas ações sobre o mesmo. Assim, as ideologias analisadas pela autora articulam desde perspectivas tradicionais de crescimento e progresso, até a atribuição de valores éticos e morais sobre a natureza.

A sistematização apresentada por Corbett (2006) abrange seis vertentes ideológicas. A primeira é chamada de Instrumentalismo Irrestrito e é definida como uma ideologia cada vez mais representativa das visões antropocêntricas por considerar o homem como o ser mais importante e dominante no mundo natural. Para esta ideologia, os recursos naturais estão à disposição do homem e devem ser usados de forma irrestrita para atender seus anseios e necessidades. Daí seu caráter instrumental, pois os recursos naturais são instrumentos destinados à satisfação humana.

A segunda vertente ideológica considerada por Corbett (2006) é o Conservacionismo que também permanece centrada no homem, contudo, sua principal diferença reside na necessidade da adoção de algumas restrições no uso dos recursos naturais. Portanto, sua premissa permeia pelo sentido de que é preciso usá-los de forma a não esgotá-los ou destruí-los. A autora aponta duas das principais críticas direcionadas a esta ideologia: primeiro por se tratar de uma abordagem prática e realista diante de sua consideração dos limites dos recursos naturais e segundo, por constituir uma ideologia rasa, incapaz de proteger a natureza a partir de sua objetivação da satisfação das necessidades humanas.

O Preservacionismo é a terceira vertente ideológica para Corbett (2006) e segundo ela não há muito distanciamento do Conservacionismo. Esta categoria evidencia a preservação dos recursos naturais, a partir de valores relacionados ao instrumentalismo econômico. Nesta perspectiva, a natureza é contemplada ora como capital, um abundante “depósito” de espécies em favor da necessidade humana, ora como lugar de contemplação e de restauração terapêutica do indivíduo, assumindo um caráter romântico e bucólico.

Nesse ponto, a autora percebe a demarcação de uma transição da hierarquia antropocêntrica em direção ao ecocentrismo e chama atenção para as “ideologias orientadas por valores e pela ética”. Essa ideologia começa a se diferenciar pela valorização da natureza mediante o reconhecimento de seu valor inerente, independente de seus benefícios para o homem, surgindo assim a noção e o reconhecimento de uma identidade biótica.

Nessas quatro primeiras vertentes ideológicas, Corbett (2006) chama atenção para o fato de que nelas os valores éticos e morais são baseados nas sociedades humanas e são atribuídos segundo critérios humanos. Para estas ideologias não são necessárias grandes mudanças de atitudes individual e institucional para ser estabelecido um uso racional e prudente dos recursos naturais. É neste contexto que a autora sinaliza para o caráter reformista destas ideologias em detrimento de uma postura radical, uma vez que não propõem alterações nas instituições e sistemas sociais vigentes.

Entretanto, a autora adverte que é relevante a proposta de “repensar” o valor do mundo natural e o papel do homem neste. Corbett (2006) aponta vários exemplos que podem ser considerados importantes iniciativas como a prática da reciclagem e as medidas para a diminuição de emissão de CO₂ nos automóveis. No entanto, estas iniciativas ainda não demandam mudanças de comportamento e de mentalidade. Pelo contrário, todas as ações assumem a garantia da permanência do consumo.

A quinta vertente ideológica que Corbett (2006) sinaliza é a Ideologia Transformadora que corresponde ao extremo oposto do antropocentrismo no sentido ambiental considerado pela autora e é a que mais se aproxima do ecocentrismo por almejar compreender as origens do atual relacionamento que mantemos com o meio ambiente. Consequentemente, são reivindicações por uma mudança na linguagem e na nossa prática com a natureza, com o intuito de produzir um novo sentido de estar no mundo.

É importante considerar ainda que a força desta perspectiva ideológica reside na conciliação entre valores ambientais e critérios sociais para a orientação de nossas ações no mundo natural. Assim, Corbett (2006) ressalta que esta categoria não se mostra tão transformista ou radical, uma vez que não considera as restrições do sistema social que

impedem sua aplicação de forma ampla. Contudo, mostram-se mais consistentes que as orientações utilitárias, religiosas, científicas e estéticas presentes nas ideologias anteriores.

A sexta e última vertente ideológica que Corbett (2006) chama atenção são as Tradições orientais. Ao explicar sobre esta ideologia, a autora refere-se aos benefícios ambientais intrínsecos às ideologias das religiões tradicionais do leste asiático. A autora chama atenção para o seu caráter ecocêntrico, considerando que estas tradições oferecem um horizonte diferenciado para nosso relacionamento com o mundo natural. Ideologias que pensam o mundo de forma menos hierárquica, idealizando o homem como parte integrante de uma entidade maior e interdependente. Budismo, Taoísmo e Xintoísmo são privilegiados nesta sistematização. Em comum, essas tradições apresentam a compreensão do ser humano como parte de um todo no qual os seres desfrutam da mesma essência e possuem a mesma finalidade cósmica.

Desse modo, Corbett (2006) destaca a destituição da hierarquia entre as espécies, a qual cede terreno a uma relação de empatia e compaixão entre estas. São marcantes: a noção de entrelaçamento entre todas as formas de vida, resultando em uma ideologia sem dualismo humano/não humano; a compaixão, o respeito e o amor por todas as coisas; a relação não agressiva com a natureza não-humana; o sistema de crenças panteísta, permeado por deuses embutidos em diversas entidades do mundo natural. Portanto, esta corresponde à categoria ideológica mais ecocêntrica, pois é marcada pela conexão e continuidade entre os seres humanos e o mundo natural.

Como visto, Corbett (2006) desenvolve sua tipologia ideológica ao sinalizar para o caráter antropocêntrico e reformista que prevalece na maioria das orientações ambientalistas. Assim, ressalta-se que o Conservacionismo e o Preservacionismo são as principais ideologias destes movimentos, as quais trazem pouca alteração na base estrutural das sociedades capitalistas. A autora também chama atenção para o lugar do homem, obviamente assegurado em todas as ideologias apresentadas, ao destacar os diferentes papéis que lhe são atribuídos. Além destes aspectos, ela sinaliza para o dever ético que precisamos assumir como orientação de nossas ações sobre o mundo natural. Contudo, sua proposta não avança acerca das disputas políticas estabelecidas, o que é plenamente contemplado por Dryzek (2004).

A ideia de discurso apresentada por Dryzek (2004, p. 9) está relacionada a uma visão de mundo compartilhada por um grupo que orienta a interpretação das informações obtidas. Para o autor:

Discursos constroem significados e relacionamentos, ajuda a definir um senso comum e legitimar conhecimento. Cada discurso apoia-se em suposições, julgamentos, e disputas que oferecem a base para analisar, debater, concordar e discordar.

Assim, este autor define discurso como uma forma compartilhada de apreensão do mundo. Em seu pensamento, os discursos são fundamentais para a construção de significados e relacionamentos, pois atuam na definição do senso comum e legitimam ações e conhecimento. Neste contexto, ele chama atenção para a capacidade que um discurso tem de condicionar as percepções e os valores ao legitimar uma série de interesses, principalmente políticos e econômicos.

Ademais, Dryzek (2004) associa os discursos ambientais ao surgimento da sociedade industrial, alertando que qualquer tipo de discurso dominante ignorara a questão ambiental. Isto acontece porque quando o discurso ambiental é internalizado na esfera dominante, a preocupação maior reside na manutenção do sistema industrial para assegurar sua capacidade de crescimento.

Desta forma, Dryzek (2004) estabelece uma categorização dos discursos ambientais a partir de duas dimensões: a relação com o industrialismo (radical ou reformista) e a forma de enfrentamento da problemática ambiental enquanto oposição prosaica ou imaginativa ao crescimento econômico. O autor reconhece a questão ambiental como um problema a ser enfrentado pela política e pela economia industrial estabelecida. Assim, ele delimita quatro categorias de classificação dos discursos ambientais.

A primeira categoria salientada por Dryzek (2004) é o “Reconhecimento ou negação de limites ambientais”. Para o autor duas importantes perspectivas estão inseridas nesta categoria discursiva. A primeira é o *survivalism* que compreende a ação humana como uma ameaça à capacidade limitada dos ecossistemas sendo necessário conter estas ações ao reprimir, por conseguinte, o desenvolvimento. Trata-se de um discurso marcado pelo conflito do acesso aos recursos naturais e pela hierarquia marcada na centralidade do homem sobre o mundo natural.

A segunda perspectiva apresentada pelo autor compreende o discurso denominado de *Prometheum Response* e reside na crença de o homem e suas tecnologias serem capazes de superar os problemas ambientais e suas adversidades. Há uma compreensão de que os recursos naturais são ilimitados ou infinitos, uma vez que novos recursos são encontrados quando requisitados. Esta perspectiva é centrada na hierarquia na qual o homem está acima de todas as coisas e exerce um controle total sobre as mesmas. Percebe-se que esta ideologia está

enraizada no capitalismo e na revolução industrial, assegurando o crescimento econômico garantido pela capacidade do homem de manipular o mundo.

A segunda categoria de discurso salientada por Drysek (2004) são as “Soluções dos problemas ambientais”. Nesse ponto, o autor considera três perspectivas que reconhecem a problemática ambiental como efeito da relação entre os homens e a natureza, no entanto, apresentam propostas distintas de enfrentamento. A primeira delas é o “racionalismo administrativo” que compreende que a problemática ambiental deve ser resolvida a partir da atuação de especialistas e de práticas metodológicas adotadas pelo governo. Este discurso evidencia a soberania do homem sobre a natureza e, embora demonstre atenção aos problemas ambientais, não reivindica mudanças sociais significativas.

Já o “pragmatismo democrático” é um discurso que se revela como o mais racional dentre as orientadas para a resolução de problemas, pois se baseia na atuação de todos os indivíduos a partir de uma multiplicidade de perspectivas. Seu foco reside no reconhecimento da necessidade de instituições administrativas mais democráticas, no entanto, ainda prevalece uma hierarquia pautada no homem sobre a natureza, mas há uma percepção de igualdade de direitos. Segundo o autor uma das principais vantagens desta ideologia é a sua capacidade de promover uma consciência acerca das limitações contribuindo para despertar da sociedade a superação destes limites.

Finalmente, o “racionalismo econômico” é apresentado como um discurso que privilegia o desenvolvimento de mecanismos de mercado para a compensação das questões ambientais. Conforme ressalta Drysek (2004), nesta perspectiva, os recursos ambientais são considerados como privados, onde o governo deve exercer o mínimo de interferência. Neste contexto, a privatização da natureza é considerada, por si, como uma garantia da ordem ambiental, funcionando inclusive como estímulo à sua preservação. Para o autor, esta categoria de discurso é considerada reformista, são alternativas que consideram apenas o enfrentamento da problemática ambiental e não reivindicam alterações substanciais na estrutura do sistema industrial capitalista.

A terceira categoria discursiva sinalizada por Drysek (2004) é a “questão da sustentabilidade”, referindo-se a esta também como uma visão reformista. O autor alerta-nos para o caráter imaginativo presente nas perspectivas do desenvolvimento sustentável no que concerne à resolução de dilemas e impasses sobre as questões ambientais. São, portanto, perspectivas que observam na problemática ambiental possibilidades de manutenção do crescimento econômico.

O desenvolvimento sustentável, hoje considerado um conceito, é uma discussão que, segundo Drysek (2004), reside na promoção de mudanças na exploração dos recursos naturais a partir de inovações na tecnologia e nas instituições para a obtenção de uma garantia de atendimento das necessidades humanas atuais e futuras. De uma forma geral, trata-se do reconhecimento de limites na exploração da natureza que resulta na adoção de políticas adequadas para assegurar o crescimento econômico indefinidamente. Conforme o autor, o discurso do desenvolvimento sustentável reconhece o crescimento econômico como uma forma legítima de satisfazer as necessidades humanas. Em termos gerais, constitui, segundo o autor, um discurso centrado na minimização do impacto ambiental da atividade humana sobre o planeta.

Nesta perspectiva, a natureza é concebida de forma mais relevante que nas categorias anteriores, porém, os problemas ambientais são enfrentados não como um limite ao crescimento econômico, mas sim como alternativa, desde que prevaleça seu uso adequado. Há, portanto, uma relação entre crescimento econômico, proteção ambiental e justiça social.

Drysek (2004) classifica esta categoria discursiva como reformista e imaginativa. Na verdade, o desenvolvimento sustentável não demanda grandes mudanças estruturais na sociedade, contudo, enfrentam a problemática ambiental como uma oportunidade de manutenção do crescimento econômico a partir da valorização crescente de uma produção ambientalmente menos impactante.

A quarta e última categoria discursiva considerada pelo autor é a “Ideologia Radical Verde”. Drysek (2004) considera esta ideologia como imaginativa e radical, simultaneamente. O autor compreende este discurso a partir de duas perspectivas: a promoção de mudança de consciência sobre o mundo natural e a articulação de políticas “verdes”. São, portanto, propostas diferentes que compõem a chamada “Esfera Verde”, constituída por movimentos que chamam atenção para a mudança de comportamento nos indivíduos (consciência verde) e também nas instituições sociais e coletivas (políticas verdes).

Ao analisar os discursos centrados na promoção da chamada “consciência verde”, o autor adverte que a premissa comum reside na mudança da postura dos indivíduos no que concerne a compreensão de seu lugar no mundo. Por conseguinte, surge uma proposta de isenção da hierarquia antropocêntrica a partir do reconhecimento da igualdade entre as espécies promovendo uma postura mais humilde e menos destrutiva com a natureza e com os demais indivíduos. Além disto, esta concepção considera cada indivíduo em sua própria condição de modificar sua relação com o mundo natural e com os demais seres humanos. A

natureza é considerada ser vivo sensível em diversos níveis, seja a partir de indivíduos, seja a partir das espécies e dos ecossistemas.

Dryzek (2004) pondera acerca do impacto destes discursos demonstrando relevantes mudanças no comportamento de consumidores: a crescente opção por produtos ambientalmente favoráveis, a adesão à reciclagem do lixo etc. Entretanto, salienta algumas das principais dificuldades enfrentadas: convencimento de parcela considerável da população e complexidade da questão ambiental ao considerar as interconexões existentes que extrapolam os limites da boa intenção e da consciência. Sendo assim, o autor adverte que não basta apenas operar no nível do indivíduo, mas é preciso compreender e promover alterações no âmbito político. Evidencia-se, portanto, que a consciência ecológica individual é relevante, mas não suficiente.

Enquanto ideologia é algo que é construído ao longo de um processo, o conjunto de ideias que temos em consciência, discurso é o ato de externalizar o pensamento, através da fala, foto ou filme. Não obstante, temos que perceber que uma pessoa pode ter um discurso ou apresentá-lo quando e da forma que convier, diferentemente da ideologia que existe independentemente de qualquer situação ou acontecimento. Em outras palavras, podemos mascarar o pensamento durante a exposição em um dado discurso. Corbett (2006) não trabalha com indivíduos e fala de grupos de pensamentos, matrizes de pensamento ou ideologia, enquanto Dryzek materializa um corpo de atores sociais que exercem práticas.

Assim, percebemos que a categorização sistemática dos discursos ambientais apresentada por Dryzek (2004) observa as principais transformações apresentadas ao longo das últimas quatro décadas no debate e na política ambiental. Diferentemente de Corbett (2006), o autor não discute explicitamente a comunicação ambiental, mas apresenta a abrangência das questões aí contempladas, sinalizando para as disputas de interesses presentes. No entanto, percebemos que suas teorias podem, de certa forma, se complementar, assim fizemos algumas relações entre as ideologias ambientais propostas por Corbett (2006) e os discursos ambientais indicados por Dryzek (2004).

A ideologia que propõe o “Instrumentalismo Irrestrito” de Corbett (2006) está diretamente associada aos discursos que “reconhecem ou ignoram os limites ambientais” apresentadas por Dryzek (2004). Ambos compreendem percepções da natureza meramente como fonte de recursos naturais.

Dryzek (2004) evidencia as ideologias Conservacionismo e Preservacionismo apresentados por Corbett (2006) em dois discursos reformistas: a solução dos problemas ambientais e a questão da sustentabilidade. Nelas, é compartilhado o reconhecimento de

alternativas e motivações distintas para o gerenciamento dos recursos naturais assegurando, dessa maneira, uma sintonia com a manutenção do crescimento econômico. São, portanto, visões extremamente antropocêntricas que orientam posturas ambientais a partir de motivações distintas.

As ideologias orientadas por valores e pela ética definidas por Cobertt (2006) como Ideologias Transformadoras e Tradições Orientais dialogam com discursos abrigados sob a denominação de “Radicais Verdes” apresentada por Dryzek (2004). Trata-se de posturas que almejam a tomada de uma *consciência verde* como norteadora das relações do homem com o mundo natural promovendo a destituição de perspectivas hierárquicas a partir do reconhecimento da subjetividade do mundo natural e suas entidades.

Diante de tais perspectivas, percebe-se que a apropriação de novos conceitos empregados para designar ações naturais é recorrente na comunicação de discursos ambientais, e demonstra a repercussão desta multiplicidade de perspectivas ideológicas. Ao passo que várias destas perspectivas se voltam para a manutenção da continuidade de uma sociedade pautada no crescimento econômico, outras abordagens sinalizam novas possibilidades de relacionamento com o mundo natural. É esta multiplicidade de discursos que afloram os interesses sobre a natureza e que os diversos meios de comunicação e entretenimento recorrem na tentativa de moldar percepções e atitudes da sociedade diante do meio ambiente, a exemplo do ECOPRÁTICO.

É importante que percebamos que mesmo diante das diversas perspectivas ideológicas e discursivas observadas, a sustentabilidade tem ganhado grande notoriedade principalmente nos meios de comunicação em geral. Podemos dizer que a discussão acerca da sustentabilidade nas últimas décadas vem criando um modismo, quando se fala de posturas ambientais. Talvez, isto se deva ao fato de o discurso sustentável não ameaçar o modo de produção e de economia vigente, uma vez que a sustentabilidade não traz grandes mudanças estruturais na sociedade.

Não estamos dizendo aqui que a sustentabilidade é toda perversa, uma vez que só de trazer a questão do pensamento ecológico já é um grande passo para eventuais modificações sociais, mas é importante perceber que não devemos ficar vislumbrados com esta concepção ideológica, necessitamos observá-la com um olhar crítico e perceber que as premissas sustentáveis estão em prol do sistema vigente. Diante das concepções refletidas por Cobertt (2006) e Drysek (2004), pode-se afirmar que não se espera grandes mudanças ambientais por meio da sustentabilidade, pois ela nada mais é do que uma reforma, um paliativo do sistema para minimizar os impactos.

Compreendemos a sustentabilidade como um conceito em torno do qual perpassam múltiplas e diversas forças sociais, interesses e leituras que pleiteiam entre si o reconhecimento e a legitimação social como “a interpretação verdadeira” sobre o meio ambiente. É neste momento que a mídia frequentemente ingressa na discussão de temas referentes a sustentabilidade. Conforme sinaliza Muniz Sodré (2001), a mídia, diferentemente dos outros tipos de poder, é um meio técnico com atributos inovadores. Isso se dá devido ao fato desta possuir a possibilidade de preservação das formas simbólicas.

Consideraremos, neste estudo, formas simbólicas de acordo com John Thompson (1995). Segundo ele, estas possuem cinco características, podendo ser: intencionais, sendo expressões emitidas de um sujeito objetivando a recepção por parte de outro sujeito; convencionais, pois sua produção, edificação, estilo e interpretação, são ações que envolvem preceitos, instruções e convenções; estruturais, visto que expõem uma composição articulada, assim, para analisá-la carece que a investiguemos tanto os seus elementos característicos quanto suas inter-relações; referencial, uma vez que suas construções dizem algo sobre alguma coisa e, por último, contextual, pois as formas simbólicas são sempre inseridas em processos e situações sócio-históricos particulares e, é nesta circunstância, que elas são produzidas, transmitidas e recebidas.

Segundo Thompson (1995, p. 12), “vivemos, hoje, em sociedades onde a produção e a recepção das formas simbólicas são sempre mediadas por uma rede complexa, transnacional, de interesses institucionais”. Assim, a mediação da cultura contemporânea é um processo genérico, e é através dele que a transmissão das formas simbólicas se torna sucessivamente intercedida pelos aparatos técnicos e institucionais das mídias. Portanto, é por meio do armazenamento e reprodução de informações que podemos multiplicá-las possibilitando assim, um distanciamento espaço-temporal entre o produtor e o receptor da informação em novos contextos, tornando as emissoras capazes de impactar e influenciar no curso dos acontecimentos.

Dessa forma, é importante ressaltar a possibilidade de se estudar a mídia, mais especificamente da TV, e sua função na influência da construção de um discurso acerca da sustentabilidade. Nesse sentido, que o presente estudo privilegia um enfoque suscetível de discussão, voltando para uma análise do *reality show* ECOPRÁTICO, da TV Cultura, procurando compreender a amplitude de sua proposta de sustentabilidade, seus mecanismos e recursos educativos potencializadores de uma postura coerente em prol do meio ambiente.

3. A TV NA PROMOÇÃO DA CONDUTA SUSTENTÁVEL

Ao realizar esta análise sobre a televisão, consideramos tornar-se imprescindível, repensar a função passiva, pensada outrora sobre o telespectador diante desta. Segundo Arlindo Machado (2000), é complexo transformar nossos pensamentos a respeito do papel da televisão, uma vez que se perpetuou durante um grande período uma imagem empobrecedora do que seria a televisão, tinha-se a ideia desta ser um simples veículo de entretenimento.

Este autor percebe que se pode abordar a televisão de duas formas completamente distintas. Tanto podemos aceitá-la como um fenômeno de massa de grande impacto na vida social moderna, verificando apenas a questão da sua influência e repercussão, como podemos percebê-la como referência importante dentro da cultura do nosso tempo. É a partir desta segunda forma de pensar que abordaremos a televisão neste estudo.

Em outro momento, Machado (1997) defende a opinião de não distinguir os princípios entre o vídeo e a televisão. Ele resume ambas as propostas em imagem eletrônica, pois entende como tal todas as modalidades de mensagens que se fazem exibir ou se deixam “ler” no receptor de TV. O vídeo abrange o conjunto de fenômenos significantes (computadores, videogame) que se deixam estruturar na forma simbólica da imagem eletrônica. Neste sentido, também abrange o que convencionalmente chamamos de televisão.

Raymond Williams (2011, p. 39) nos lembra de que,

A diferença de todas as demais tecnologias prévias de comunicação, o rádio e a televisão foram sistemas previamente concebidos para a transmissão e a recepção, como processos abstratos, com muito pouca ou nenhuma definição de um conteúdo prévio. O que aconteceu não foi só que a oferta de dispositivos de difusão por ondas precedeu a demanda, mas o meio de comunicação precedeu seu conteúdo.

É importante considerar que a televisão surge como um tipo de rádio, mas com algo especial: a imagem sincronizada. Segundo Machado (1997), ela é resultado do acúmulo de capital na área de entretenimento de massa e foi daí que surgiram os abundantes financiamentos que permitiram, no final dos anos 40, prosperar uma estrutura de transmissão televisual em escala massiva. Ressalta-se também que, ao contrário do cinema, dedicado à produção para consumo do público de forma coletiva, a televisão surge voltando-se para o consumo individual ou doméstico, pressupondo o isolamento e, consequentemente, a privacidade.

Assim, a televisão surge com o intuito de trazer ao ambiente doméstico tudo o que estava havendo no mundo “exterior” sem que os indivíduos precisassem se deslocar de sua residência, mantendo todos os lares ligados ao centro transmissor. Neste momento, a sociedade encontra “a ‘janela’ necessária para o contato (simbólico) com o exterior, já que ele não vai mais ao mundo, o mundo penetra em sua casa através desta mediação” (MACHADO, 1997, p. 17).

Percebe-se que, a televisão dos primeiros tempos era voltada a simples difusão de acontecimentos exteriores a ela. Devido a isto, Umberto Eco (1991) prefere considerá-la como um serviço de difusão e não um sistema plenamente expressivo e autossuficiente. Segundo este autor, a televisão designa mais propriamente uma forma de difusão do que uma qualidade das mensagens. Todavia, Machado (1997, p. 8) lembra que,

hoje a televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações, espetacularizou de tal forma o corpo social que, nada mais lhe pode ser “exterior”, pois tudo o que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação, acontece, por tanto, para a tevê. [...] Não se diz mais que a televisão “fala” das coisas que acontecem; agora ela “fala” exatamente porque as coisas acontecem nela.

Machado (2000) afirma ainda que, dizer que na televisão só existe banalidade é um equívoco, pois se erra muito ao considerar que os fatos são muito diferentes fora da televisão. Pensou-se, até mesmo, em uma perda da “realidade”, devido à impregnação de imagens midiáticas, mas Machado (1997) explica que o que chamamos de “real” sempre foi uma imagem, para ele as mídias apenas tornam evidente que a constituição da realidade é uma produção simbólica de homens históricos.

Consoante Williams (2011), a televisão oferece formas alternativas de expressão e comunicação, não só porque é por definição ou por ser uma formação social e estar estruturada para ajustar-se ao mosaico da vida social cotidiana. Para ele, isto ocorre porque as novas tecnologias continuam oferecendo novas oportunidades de criar outras formas de expressão individual, e, sobretudo, de expressão política. Estas expressões, para esse autor, tendem a escapar do controle das corporações transnacionais ou do poder das grandes emissoras de comunicação.

Dessa forma, podemos dizer que a imagem eletrônica é uma cultura do nosso tempo. No entanto, Eco (1991) chama a atenção para o surgimento de um fascínio apocalíptico diante a presença cada vez mais central das mídias na sociedade. Machado (2000, p. 09) afirma que, este fenômeno a que Eco se refere não acontece apenas com a TV, pois ele “é resultado da

apropriação industrial da cultura e pode ser hoje estendido a toda e qualquer forma de produção intelectual do homem”.

Nesse sentido, Machado (2000) traz dois modelos principais que historicamente se acometeram a tratar de televisão: o modelo Adorno, que examina a TV não a partir de uma observação sistemática do que esse meio efetivamente exhibe, mas a partir de uma “amostragem” nitidamente tendenciosa, pois o objetivo indisfarçável era demonstrar que a televisão era um “mau” objeto. E o modelo McLuhan, o qual apresenta a televisão como elemento congenitamente “bom” para a sociedade, pelas mesmas condições.

Aos poucos, começou a ficar claro que as abordagens sociológicas convencionais não eram suficientes quando a questão a ser enfrentada era não apenas o diálogo da presença da televisão no mundo, mas os valores a partir dos quais poderíamos intervir produtivamente no processo televisual. No fundo, o desafio pedagógico básico era forjar uma ideia de televisão com a qual pudéssemos nos identificar, de modo a poder colocá-la em prática no trabalho de formação das mentalidades criativas que iriam fazer a televisão do futuro (MACHADO, 2000, p. 12).

Portanto, é preciso pensar a televisão para além deste maniqueísmo. É necessário pensá-la de maneira mais abrangente, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos. Por este motivo, Machado (2000) lamenta o fato de a maioria das produções que falam de televisão se importar apenas com o sistema político, econômico e tecnológico no qual se forjam as regras de produção e as condições de recepção. As atenções quase nunca se voltam para o conjunto dos trabalhos audiovisuais que a televisão efetivamente produz e a que os telespectadores efetivamente assistem, mas para uma abordagem macroscópica visando apenas à estrutura genérica do meio.

A televisão deixou de ser um elemento perigoso do Poder, com um olho espião que “tudo vê, tudo sabe”, adentrando na privacidade das pessoas para vigiar e definir regras de comportamento. A partir do momento em que este aparelho passou a estar em vários tipos de ambientes, nos mais variados locais, divulgando informações para as mais diversas pessoas, a TV não poderia continuar sobrevivendo ignorando estas diferenças. Dito de outra forma, na medida em que a televisão se expandiu, seu público se universalizou, então ela se viu forçada a encarar estas diferenças, tendo que produzir uma demanda diversificada de programas.

Segundo Machado (2000), a televisão revelou ser um sistema expressivo amplo e denso, ao longo dos anos, capaz de dar forma a trabalhos complexos e também abriu espaço para a intervenção de mentalidade pouco convencional. Tudo é uma questão de mudança de

enfoque, devem-se entender as suas peculiaridades e assim expandir suas possibilidades expressivas. Desse modo, este autor afirma que há duas formas distintas de se abordar a televisão: como um fenômeno de massa submetendo-a sempre a uma análise sociológica, apenas para verificar a influência onde a questão da qualidade tem pouca aplicabilidade; ou como um dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode revelar a seus contemporâneos os seus anseios, dúvidas, crenças, inquietações, descobertas e os voos de sua imaginação. Aqui a questão da qualidade da intervenção passa a ser fundamental.

Portanto, uma televisão de qualidade deve ser capaz de equacionar uma variedade muito grande de valores e oferecer propostas que sintetizem o maior número possível de “qualidades”. De qualquer forma, sejam quais forem as nossas concepções com relação à televisão, a discussão sobre qualidade é sempre imprescindível (MACHADO, 2000).

Percebe-se que cada vez mais a televisão está se apresentando como uma forma de produção cultural destinada a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas as aspirações e inquietações de cada grupo social e cultural. No entanto, Machado (1997) evidencia um possível contrassenso criado por esta estrutura de difusão quando se fala de “comunicação de massa”, pois embora se trate de produção de mensagens destinadas a um grande número de pessoas, estas pessoas não formam uma massa, cada cidadão não tem meios para responder, intervir ou exercer influencia sobre a emissão, já que ela é unidirecional e irreversível.

Hans Enzensberger *apud* Machado (2000) alega que os meios que se afirmam de “comunicação” como é o caso da TV, não está, na maioria das vezes, a serviço da comunicação, pois não admitiam nenhuma influência recíproca entre quem emite a informação e quem a recebe, o que provocaria, efetivamente, uma linha de demarcação que separava os produtores e os consumidores. No entanto, percebe-se que, atualmente, muitos programas televisivos usam, cada vez mais, condições comunicacionais de instantaneidade, proporcionada, na maioria das vezes, pela internet ou pela telefonia, que vêm intercedendo à interação entre o público e a TV.

O ECOPRÁTICO, por exemplo, propõe ao longo de cada episódio que o telespectador busque mais conteúdo a respeito do assunto que está sendo tratado no site do próprio programa. Além de possuir redes sociais como o *twitter* que interage com seus seguidores, de forma que estes possam expor suas opiniões sobre o programa.

Este talvez seja um fato importante para o que Machado (1997) chama de democracia para a diversificação da TV quando salienta a necessidade de percebermos a coexistência dialética das diferenças e a constituição de canais nas quais as minorias possam ter voz e vez:

“é preciso conceber sistemas simbólicos que levem em conta e permitam florescer essa diversidade, desestabilizando ao mesmo tempo o poder de centralização e controle dos regimes autoritários” (MACHADO, 1997, p. 21). Assim, a ampliação das oportunidades de acesso à televisão deve levar em conta a diversidade cultural do país.

Neste momento, convém ressaltar a importância de percebermos a sutil diferença entre a televisão que proporciona uma legítima interatividade para seu espectador, e aquelas que apenas ajustam simples escolhas entre um conjunto de alternativas preestabelecidas de forma a receber do espectador apenas a reação de uma solicitação. Para Machado (1997), a TV interativa gera ao espectador autonomia, o que institui um processo de troca simbólica, com a plena possibilidade de respostas, o que romperia com a relação de poder do emissor sobre o receptor,

uma verdadeira revolução interativa depende muito mais de mudanças políticas, que redefinam a hierarquia dos papéis sociais e fundem uma nova democracia, baseada na participação direta dos cidadãos (MACHADO (1997, p. 25).

No Brasil, existe a lei nº 12.485, de 12 de setembro de 2011 que dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado. Esta lei regulariza e abre espaço para que as produtoras independentes brasileiras tenham lugar nas emissoras de TV que sejam de espaço qualificado. Segundo esta lei, o canal de espaço qualificado é aquele que veicula majoritariamente, no horário nobre, conteúdos audiovisuais brasileiros que constituam espaço qualificado, sendo metade desses conteúdos sejam produzidos por produtora brasileira independente. Ainda segundo esta lei, nestes canais no mínimo 3h30 (três horas e trinta minutos) semanais dos conteúdos veiculados no horário nobre devem ser brasileiro e integrar espaço qualificado, sendo que metade deverá ser produzida por produtora brasileira independente.

É neste sentido que se percebe, aos poucos, que a produção televisiva começa a despertar o interesse de produtores independentes e alternativos já que possibilita realizar emissões localizadas, voltadas para populações específicas ou para segmentos qualitativos da população, por exemplo, pessoas de uma determinada comunidade. Segundo Machado (1997) o aumento destes tipos de trabalhos tem desempenhado crescente pressão sobre as emissoras convencionais, a ponto de já se observar hoje uma disposição a uma possível dissociação dos setores da transmissão e da comunicação.

Não obstante, consideramos que, a cultura é livre para flutuar, e mais ainda quando tratamos da cultura de produção televisiva. Esta transcorre por múltiplos significados, é um espaço social em que se pode mudar constantemente, o público está em constante movimento e a agenda se posiciona segundo a última tecnologia difundida.

Assim, percebe-se que a televisão possui uma função cultural e educacional. Na opinião de Machado (2000), os diversos assuntos, opiniões e princípios, que o meio televisivo nos oferece e nos induzem ao levantamento de uma discussão social, a fim de contribuir para a disseminação e aprimoramento da nossa idealização mediante tais questões. Dessa maneira, o autor evidencia que parte dos nossos conhecimentos, da nossa concepção crítica e do nosso posicionamento tem grande chance de serem influenciados e estabelecidos a partir do meio televisivo.

Conforme Machado (2000, p. 12), “a televisão é e sempre será aquilo que fizermos dela”. No entanto, cabe a nós questionarmos esta afirmação uma vez que este mesmo autor também salienta que nós, cidadãos, não temos elementos para responder, intervir ou exercer influência sobre a emissão, já que ela é unidirecional e irreversível. No entanto, este autor nos oferece uma alternativa para esta limitação:

ao decidirmos o que vamos ver ou fazer na TV, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão (MACHADO, 2000, p. 12).

Portanto, é imprescindível que o telespectador tenha uma postura questionadora e ativa frente à televisão. Dessa forma, a televisão que enfatiza em sua programação programas culturais e educativos, estimula o telespectador a formular questionamentos em favor do conhecimento, tendo uma atitude diante dos temas apresentados por ela, o que, por sua vez, o auxiliariam a construir subjetividades.

Percebe-se que a televisão é um sistema de comunicação de massa que fragmenta o nosso cotidiano. Esse argumento serve, muitas vezes, para edificar um discurso pré-determinado para a elaboração de conceitos sociais e, até mesmo, valores morais. Trata-se do que Bourdieu (1997, p. 40-41) chama de “ideias feitas” as quais são,

aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns; mas são também ideias que quando aceitamos, já estão aceitas, de sorte que o problema da recepção não se coloca. [...] a comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente. A troca de lugares-comuns é uma comunicação sem outro conteúdo que não o fato mesmo da

comunicação. Os “lugares comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana tem a virtude de que todo mundo pode admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor. Ao contrário, o pensamento é por definição, subversivo: deve começar por desmontar as “ideias feitas” e deve em seguida demonstrar.

É neste sentido que as “ideias feitas” em “lugares-comuns” são frequentemente empregados pelos variados formatos televisivos, tendo em vista a transmissão de conceitos e valores por meio da comunicação instantânea, os quais, muitas vezes, não são questionados, ocasionando o seu convencionalismo. Assim, estes conceitos e valores são transmitidos à população, de forma que o telespectador tende, consecutivamente, a concordar. É neste momento que a constituição do ambiente midiático se mistura com o espaço vivido.

Segundo Bourdieu (1997, p. 64) “a televisão está perfeitamente ajustada às estruturas mentais do público”. Por isso, percebe-se que o senso comum não procura nada além de defender tais composições, valendo-se de “lugares comuns” para erguer um formato de comunicação instantânea. Sendo este um formato que, muitas vezes, impede o despertar do senso crítico, expõe a existência humana apenas como uma série de “lugares comuns”.

Essa troca de “lugares comuns” não acontece de maneira aleatória, mas ela é estabelecida por elementos da montagem. De acordo com Reiz e Millar (1978), montagem constitui a aparelhamento dos fragmentos talhados de algo mais extenso que, por sua vez, se pulveriza e se dissolve no espaço midiático. No processo de montagem extratos e experiências da vida particular são separados e desprendidos da sua conjuntura original e são aderidos a realidade daquele espaço.

Assim, essa dinâmica de montagem pode modificar o significado constituído daquela primeira experiência. Compreende-se que cada sistema possui uma lógica interna e os subsídios que eles possuem são, por ele mesmo, adaptados em convenção com sua lógica de trabalho. Dessa forma, boa parcela dos formatos televisivos procura abranger e veicular o “lugar comum”, transformando-o em entretenimento e troca de “ideias feitas”.

No entanto, Machado (2000) defende que são encontrados programas de televisão que rompem com esse panorama de uma televisão que apenas visa à produção de entretenimento, diversão e passatempo mediante o “lugar comum”. Este autor afirma que muitos discursos sobre a televisão,

às vezes parecem ser um tanto quanto estacionário e conformista, pois negligenciam o potencial transformador que está implícito nas posturas que nós assumimos com relação a ela, e “nós”, aqui abrange todos os envolvidos no processo: produtores, consumidores, críticos e formadores (MACHADO, 2000, p. 13).

Ainda segundo Machado (2000, p.12), “a televisão é e sempre será aquilo que nós fizermos dela”. Percebemos, dessa maneira que, mesmo sem querer, ao definir o que vamos assistir ou fazer na televisão, ao selecionar as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, sem dúvida, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão.

Contudo, percebemos que a televisão compreende um conjunto bastante amplo de acontecimentos audiovisuais que, muitas vezes, apenas têm em comum o fato de a imagem e o som serem estabelecidos eletronicamente e transmitidos de um lugar para outro por acesso eletrônico. Todavia, percebemos que nestas mensagens existem os chamados enunciados os quais são exibidos aos telespectadores em um grau de variedade praticamente infinito. O que vemos na tela é apenas uma ilustração de determinada possibilidade do uso dos seus recursos, e isso, segundo Machado (2000), se expressa não somente nos seus conteúdos verbais, figurativos, narrativos, temáticos, como também nos modos de manejar os elementos dos códigos televisuais.

Neste momento, é imprescindível distinguirmos os conceitos de programa televisivo e de fluxo televisivo. Segundo Machado (2000, p. 26), o programa é

qualquer série sintagmática que possa ser tomada como uma singularidade distinta, com relação às outras séries em capítulos definidos, em horários reservados que se prolonga durante anos sem previsão de finalização, e até mesmo a programação inteira, no caso de emissoras ou redes “segmentadas” ou especializadas, que não apresentam variação de blocos.

Nada obstante, em contraponto a este conceito de programa está o conceito de fluxo televisual. Williams (2011) desconsidera o conceito “estático” de programa, por levar em conta que na televisão, não há unidades concluídas ou prontas que sejam consideradas separadamente do restante da programação. No entanto, Machado (2000) considera que a ideia de programa leva vantagem na ideia de fluxo televisual por permitir a abordagem seletiva de qualidade.

Aqui convém ressaltar o conceito de gênero televisivo trazido por Machado (2000, p. 68) como sendo,

uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificados numa cultura de modo a garantir a

comunicabilidade dessa forma junto as comunidades futuras. [...] é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de varias gerações de enunciadores.

Assim, os gêneros são categorias essencialmente modificáveis e heterogêneas, ou seja, eles não se conservam, mas estão em ininterrupta variação e, ao mesmo tempo, procuram garantir certa estabilização. O gênero renasce e se renova em cada etapa do desenvolvimento da literatura, assim também ocorre na produção televisiva. Assim, Machado (2000, p. 71) afirma que,

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são ilimitadas, porque as possibilidades de atividade humana são também inesgotáveis e porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros discursivos que se diferenciam e se ampliam na mesma proporção que cada esfera particular se desenvolve e se torna cada vez mais complexa.

No entanto, embora falemos muito em “civilização da imagem”, Machado (2000) compreende que há um paradoxo entre a televisão e a imagem, pois percebe que esta é um meio pouco visual, uma vez que o uso que ela faz das imagens, salvo algumas exceções é, bem pouco sofisticado. Isso acontece por ela ser a herdeira direta do rádio, se funda primordialmente no discurso oral e faz da palavra sua matéria-prima principal (MACHADO, 2000, p. 71). Consoante o autor, a maioria esmagadora dos programas se funda na imagem prototípica de um *talking head* (cabeça falante) que serve de suporte para a fala de algum protagonista.

a disponibilidade que a televisão tem para o discurso oral, de um lado desviou a televisão para a facilidade, a comodidade e a banalidade dos *talk shows*, em geral voltados para a celebração de suas próprias estrelas, ou para algumas de suas derivações ainda mais degeneradas, como os programas de auditório e os *reality shows* (MACHADO, 2000, p. 72).

No que concerne à inserção do discurso acerca do meio ambiente na televisão, percebemos que este debate apareceu no centro de debates e discursos dos mais variados atores sociais, os quais buscam legitimar suas ações e posturas. Tais debates permeiam a mídia em geral, e, mais especificamente, no campo da produção audiovisual a sustentabilidade ganhou terreno fértil. Podemos citar algumas empreitadas de discussão desta temática no meio audiovisual.

Um panorama histórico relevante é apresentado por Gomes e Pereira (2010), quando ressaltam que a Rede Globo de Televisão foi a pioneira a colocar em sua programação, programas relacionados a esta temática. Os autores traçam um painel dos principais programas televisivos que trataram da temática ambiental. Em 1968, estreou na programação da extinta TV Tupi o programa *Amaral Netto – O Repórter*, e em dezembro do mesmo ano passou a ser apresentado pela Rede Globo. Ocupando horário nobre na programação, este programa possuía um formato documentário-jornalístico, como consta no site da própria emissora¹⁹. Nos primeiros anos em que *Amaral Netto* foi ao ar, ainda não havia a transmissão via satélite. A equipe viajava pelo Brasil, gravava três programas e mandava, por avião, para a sede da emissora, onde era feita a montagem e em seguida passava-se para o videoteipe. Segundo Andrade (2003), *Amaral Netto* estreou na televisão exatamente no momento em que a TV Globo instaurou um formato de funcionamento em rede, o que suscitou a centralização da emissão de informações e, concomitantemente, fragilizou possíveis experimentos televisivos regionais.

A exibição de *Amaral Netto* se deu em um momento em que o país estava direcionado pelo projeto político e econômico desenvolvimentista do governo militar, ressalta-se que este repórter teve carreira política como deputado durante essa época. Ao longo dos episódios do programa, percebe-se que ele é representante de um pensamento conservador sobre a abordagem das questões ambientais, realizando em seus programas uma determinada apologia das riquezas naturais brasileiras.

A proposta do criador e apresentador do programa, o jornalista Amaral Netto, era explorar territórios, paisagens, costumes e tradições brasileiras desconhecidas pelo grande público. Merece destaque o programa dedicado ao fenômeno da pororoca, o encontro da água do mar com a do Rio Iriri, no Pará. Ao som de “Aquarela do Brasil”, no arranjo alarmante de Ray Coniff, um helicóptero sobrevoa, na Amazônia, o fenômeno da pororoca, narrado pelo excitado locutor como “o monstro das mil faces”: esse era o “show da natureza do Brasil Grande”. Por quinze anos, essa foi a principal fonte de conhecimento sobre o país para aquela geração de brasileiros. O programa trazia reportagens como espécies de “show da vida”, com uma mistura de ficção e realidade.

Segundo Andrade (2003), as imagens deste programa exibiam mais do que informações, uma vez que uma adequada colocação no sistema de estrelato propicia mais legitimidade do que a participação comunitária e a proximidade social, exemplo disso foi a

candidatura deste repórter. O relacionamento com a problemática ambiental é mediado por aspectos mais próximos do campo ficcional e cada vez menos por ideários coletivos.

Para este autor, *Amaral Netto* era, em termos de diálogo político, um programa conservador. Em sua análise, este autor aborda as reportagens deste programa como sensacionalista, eram relatos de lugares distantes os quais reprimiam qualquer possibilidade de verificação. Assim, a natureza era retratada como um lugar monstruoso, longínquo e desolado.

Nota-se que o *Globo Repórter* também começou a ser idealizado praticamente na mesma época que o *Amaral Netto*, mais precisamente em 1967. Segundo Giovana Scareli (2009), este programa inicialmente foi pensado por Walter Clark que, na época, era diretor geral da TV Globo e mantinha interesse em veicular documentários para a televisão. No entanto, apenas em 1973 este programa teve maior notoriedade na televisão. Documentaristas famosos a exemplo de Eduardo Coutinho, Washington Novaes, Luiz Carlos Maciel e Walter Lima Jr. deram início a produção de dezenas de documentários para serem veiculados neste programa os quais tratavam, em sua maioria, de temáticas sobre o meio ambiente.

De acordo com o site da Rede Globo este programa, exibido semanalmente até hoje, sempre teve seu foco em reportagens direcionadas a comportamento, aventura, ciência e atualidades. Ao longo de sua existência, o *Globo Repórter* tem registrado ocasiões cruciais da história do país que, em sua maioria, aprofunda as coberturas de fatos jornalísticos explorados superficialmente em outros programas da Rede. Na maioria das vezes, o programa exhibe matérias investigativas as quais ressaltam a preservação dos direitos humanos, apresenta perfis de personalidades importantes da sociedade brasileira e mundial, além de exibir pesquisas científicas nas áreas de saúde e tecnologia. No que diz respeito às reportagens sobre o meio ambiente, este programa proporciona ao telespectador, elementos sobre os lugares mais exóticos do Brasil e do mundo, além de curiosidades sobre o mundo animal, percebendo desta forma investigações sobre uma natureza distante do ser humano, uma natureza que transcende o natural e passa a ser espetacular.

Conforme Andrade (2003), durante a década de 80 registra-se o início de duas importantes contribuições para o debate acerca do meio ambiente na televisão: a minissérie documental *Nossa Amazônia* e o programa *Meio Ambiente Urgente*, ambos da TV Bandeirantes. *Nossa Amazônia* teve a direção do cineasta Cacá Diegues e roteiro do antropólogo Roberto da Matta. Foram exibidos cinco episódios realizados pela Spectrum, uma produção independente importante no cenário audiovisual daquela época que foi veiculada a partir de uma parceria com aquela emissora. Sua principal marca estava na fusão

entre produção independente, cinema, academia e televisão. Isto proporcionou uma alteração considerável no aprimoramento estético e intelectual e resultou em uma cobertura menos ideológica e mais experimental que, no entanto, não adquiriu prosseguimento ao diante de sua pretensão.

O programa *Meio Ambiente Urgente* também foi produto de uma parceria desta mesma rede de televisão com a produtora Azul Vídeo. Este programa trouxe algumas inovações, tanto em relação ao formato jornalístico e não documental quanto em relação ao discurso que destacava denúncias acerca de abusos ao meio ambiente. Vale ressaltar que este programa teve, segundo Andrade (2003), o co-patrocínio da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (ABES), que também participou da elaboração da pauta e roteiro de alguns programas.

Segundo Gomes e Pereira (2010), a experiência deste programa durou apenas alguns meses, mas trouxe algumas inovações, como a afirmação de um formato jornalístico, o que ocasionou um espaço acessível para a possibilidade de denúncias sobre agressões ao meio ambiente. Diante de um formato que permitia a denúncia de crimes ambientais, a representação discursiva via televisão sobre o meio ambiente ganhou novos contornos, visto que a inter-relação entre o tema e contexto socioeconômico passou a ser pontuada. Percebemos que, progressivamente, o meio ambiente deixa de ser algo distante e selvagem como buscou mostrar *Amaral Netto*. Por meio dos recursos de um jornalismo investigativo e/ou de denúncia, a TV desponta como uma estrutura política e econômica do país que pode interferir diretamente nos rumos ambientais.

Já no final dos anos 80, foi ao ar através da TV Educativa o *Baleia Verde*, idealizado pela produtora independente Intervídeo. Para Andrade (2003), este programa foi o primeiro que tratava somente da temática ambiental com um viés educativo e de entretenimento, o programa alcançou grande parte do território brasileiro ao ser veiculado pela rede de tevês educativas e devido a sua boa repercussão o programa passou a ser exibido também pela rede comercial, a TV Gazeta.

O *Baleia Verde* tinha como dinâmica principal a denuncia da degradação de áreas naturais seguida da legitimação de artistas nacionais que se diziam engajados com os movimentos verdes da época, o que legitimava a problemática da preservação ambiental ao grande público. No site²⁰ do repórter deste programa, Sidney Rezende, podemos encontrar diversas entrevistas com personalidades brasileiras expondo seu “lado verde”, seu contato

com a natureza além de denúncias de algum feito da época são exemplos: Paulinho da Viola, Paulo Coelho, Tom Jobim, Beth Carvalho, Arnaldo Jabour, Milton Nascimento, Miguel Falabela, Maria Clara Machado, entre outros.

Porém, nem só de produção independente vive as telas verdes da televisão brasileira. Em 1992, mesmo ano da Rio-92, foi ao ar o programa *Repórter Eco* veiculado pela TV Cultura, financiado pela própria fundação Padre Anchieta e idealizado e montado pela jornalista Maria Zulmira de Souza, que também está envolvida na criação do ECOPRÁTICO. Segundo Lucia Guido (2005), a estrutura deste programa pode ser considerada diferenciada dos demais programas, uma vez que este permite aprofundar o tratamento de aspectos acerca da discussão ambiental contemporânea, o que favorece uma aproximação com as questões ambientais e os movimentos ecológicos na educação ambiental.

O *Repórter Eco* tem como marca um trabalho de imagens bem cuidado e clipes ambientais, seguindo assim um estilo de revista eletrônica. Guido (2005) observa que a apresentação deste programa, realizada por Flávia Lippi, é ritualizada, pois, para a supracitada autora, a apresentadora se dirige ao telespectador diretamente revelando aspectos do endereçamento direto da televisão, simulando uma conversa com o telespectador. Talvez seja por conta de todo esse afinco que o programa *Repórter Eco* teve sua permanência na grade da TV Cultura até os dias de hoje.

Em 1990, a TV Globo deu início aos programas *Globo Ecologia* que, segundo Andrade (2003), era uma produção surgia com contorno diferente, aparenta possuir certa liberdade de pauta, o que o deixava com um formato híbrido aglutinando diversos gêneros simultaneamente. Ressalta-se que o programa possui um circuito de apresentadores que são todos atores da emissora, o que significa que são celebridades cuja imagem está diretamente relacionada à emissora, o que possivelmente garante a visibilidade das questões sociais que são discutidas que, por sua vez, também podem adquirir notoriedade por serem apresentadas por celebridades. Quanto ao discurso do programa acerca da questão ambiental, pode-se afirmar que o mesmo vai desde o viés social, político e econômico, até denúncias sobre agressões ambientais.

Atualmente, o *Cidades & Soluções* comandado por André Trigueiro e veiculado pela Globo News, está no ar desde esta última década. Em seu formato, o programa possui atributos que o classifica como uma iniciativa que possui uma ampla e clara visão sobre o meio ambiente, em pautas que inter-relacionam a questão ambiental com temáticas como ONGs e inclusão social, terceira idade no Brasil, consumo consciente, ecoturismo, entre outros. Consideramos que, diante de sua proposta, este programa conseguiu ultrapassar as

expectativas relativas à vertente ecológica na televisão, pois não denuncia apenas o que pode estar (in)sustentável, mas sinaliza rumos e perspectivas dando visibilidade a soluções sustentáveis, fertilizando, talvez, um novo processo de civilização moldado no desenvolvimento sustentável.

No entanto, procurando debater assuntos diferenciados, incluindo a temática ambiental, um novo formato de programa televisivo vem se destacando: os *Reality Shows*. Dentre os *Reality Shows* mais contemporâneos que tratam do meio ambiente pode-se destacar *Vivendo com Ed* e *Um mundo pra chamar de seu*, do canal fechado GNT, *Mudança Geral*, um quadro do programa Fantástico da TV Globo e o ECOPRÁTICO, da TV Cultura. Neste estudo, analisaremos mais especificamente este último programa.

3.1 O PROGRAMA DE TV: O *REALITY SHOW*

Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se com cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se ao seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver – e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto – acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente (ORWELL, 2009, p. 13).

Este trecho retirado do livro *1984*, de George Orwell, nos faz perceber que tanto na casa de Winston Smith, personagem principal do romance, quanto em nossa casa a televisão cotidianamente a invade, revira a nossa vida em busca de algo para expor em sua tela, hoje não mais tão pequena. É como se a nossa biografia a nossa representação fosse transmitida a milhões de pessoas e todos tomassem consciência, por um momento, ainda que insignificante e temporário geralmente à noite, horário nobre, de quem nós somos.

“Quinze minutos de fama”, essa famosa frase demonstra que as pessoas vão saber por alguns minutos que você existe que você é real, mais ainda que a TV é “coisa séria”, pois imprime o autêntico, o real, ao revelar gente como a gente em seu dia-a-dia. Não há o que questionar diante de todos esses predicados a televisão só pode ser digna de confiabilidade e, assim, tem direito a nossa atenção e deve ser assistida.

Compreende-se que o principal objetivo que faz movimentar considerável parte da produção televisiva é fazer com que a televisão se torne para o telespectador algo

gradativamente seguro em que se possa confiar de “olhos abertos” (ou fechados). A televisão se vê forçada a localizar um espaço na vida privada, para não ter o seu visor portátil desligado ou esquecido. Para isso, é indispensável a aproximação do público, é necessário “estretar os laços”, como se diz popularmente, constituindo certa intimidade com cada telespectador, como se ele fosse único, como se aquele programa tivesse sido produzido exclusivamente para ele.

Se historicamente a televisão sempre buscou reproduzir o cotidiano, hoje ela vai mais adiante, o traz para dentro do seu visor portátil, como sinal de confiança. As táticas de aproximação estabelecidas pela televisão são incontáveis, são estratégias nas quais o mundo vivido é estabelecido como o protagonista da TV, e é essa a estrutura de televisão que é denominada *Reality Show*.

O fim do século XX e início de século XXI proporcionou uma novidade para os telespectadores, chega à TV brasileira um gênero televisivo que já havia seduzido vários países do mundo: o *Reality Shows*. Nestes programas, pessoas comuns tem acesso aos meios de comunicação para expor suas vidas, suas realidades: dia-a-dia, problemas, conflitos.

De acordo com José Arbex Júnior (2001), o primeiro protótipo televisivo com formato de *Reality Show* foi o programa norte-americano *Candid Camera*, em 1948. Nele, através de situações geradas pela própria produção, pessoas anônimas eram filmadas por câmeras ocultas em situações cômicas. Na Europa, o programa sueco *Expedição Crusoé* foi o primeiro programa no formato *Reality*. Em 1992, a MTV lançou o *Reality The Real World* (Na Real), o qual expunha a convivência de pessoas comuns, as quais não se conheciam e iriam viver juntas em um tipo de “cativeiro”. Ainda de acordo com Arbex Júnior, *No Limite*, estreado na Rede Globo em 2001, foi o primeiro *Reality Shows* de notoriedade na televisão aberta brasileira, baseado no programa americano *Survivor*, exibido pela Rede Globo em 2000. Atualmente, o *Reality Show* de maior sucesso no Brasil é o *Big Brother*, que estreou em 2002, e hoje se encontra na décima segunda edição.

No atual cenário televisivo brasileiro, encontramos os mais diversos formatos de programa sendo chamados de *Reality show*, pois este termo começou a ser utilizado para identificar todo programa que apresentasse pessoas comuns mostrando seu cotidiano na TV. Para ter-se uma ideia da surpreendente “onda” de *Reality Shows* que assumiu parte da grade televisiva brasileira podemos citar alguns: *Ídolos*, *O Aprendiz*, *A Fazenda* e *Troca de Família* da Rede Record; *Fama*, *Hipertensão* e *Big Brother Brasil*, da Rede Globo; *Esquadrão da Moda*, *Super Nany*, *Qual o seu talento?*, *Solitários* e *Casa dos Artistas*, do SBT; *Busão do Brasil* e *Mulheres ricas*, da Band; *Operação de Risco*, *Dr. 90210*, *Transplante - entre a vida e*

a morte, *Secret Story – casa dos segredos* e *Total Drama Island*, da Rede TV. São 18 programas dessa natureza!

Machado (2000, p. 72) conceitua arbitrariamente *Reality Show* como sendo, “programas de intrigas domésticas e agressões físicas ou verbais em geral protagonizadas por um lumpesinato em estado terminal, que aceita a humilhação pública por qualquer trocado”. Para o autor, o *Reality* pode ser considerado uma forma encontrada pelos meios de comunicação para entreter o público o que, concomitantemente, induz o aumento do faturamento destes veículos comunicativos. Não obstante, os elevados índices de audiência alcançados pela televisão, garantem a permanência destes na programação das emissoras comerciais.

Segundo Cosette Castro (2006), a compreensão do que vem a ser o *Reality Show* determina que haja alguns elementos que são também característicos de diversos gêneros e formatos. Em sua tese, Debora Rocha (2009) afirma que o que caracteriza um programa televisivo como *Reality Show* não é propriamente o seu formato, mas a emprego de elementos de linguagem que destacam o referente e, assim, provocam simulações que aproximam a ficção e a realidade. De acordo com a autora, o destaque dado ao referente é a essência do *Reality*, uma vez que, enquanto outras maneiras de fazer televisão respeitam limites entre o mundo vivido e o mundo midiático, o *Reality* procura fundi-los.

Percebe-se que o *Reality* é um formato que enfatiza o referente, conectando os acontecimentos na tela e os episódios da vida real. Segundo Rocha (2009, p. 67), seria “como se não houvesse lentes que refratassem a realidade, apenas espelhos que a refletissem, configura-se como simulação”. Para essa autora, este formato estabelece um conjunto de técnicas e recursos empregados na produção televisiva que:

incluem a câmera escondida; a participação de pessoas anônimas na programação ao vivo; a inserção de depoimentos, entrevistas e imagens de pessoas anônimas em programas e quadros geralmente associados à ficção; a participação e a inserção de depoimentos, entrevistas e imagens de celebridades que exploram o seu lado de pessoa comum; a reconstituição de fatos reais; a exibição de antes-e-depois; a observação do cotidiano ou das reações de pessoas reais; a intervenção de acontecimentos reais em performances; entre outros (ROCHA, 2009, p. 67).

Fazer programas em formato *Reality*, segundo Rocha (2009), se deve a dois fatores principais: o econômico, por ser mais baratos que programas que propõem a participação de celebridades, uma vez que as pessoas anônimas estão dispostas a aparecer na TV sem receber remuneração, além de ser um formato que não requer um cenário ou figurinos, dispensando

assim o trabalho de pessoal profissionalizado; e o interesse manifestado pelo público, afinal, agradá-lo significa audiência. Rocha (2009) ainda ressalta que a televisão tem canalizado um fascínio pelo outro como um chamariz que prende a atenção do telespectador. A autora chama atenção para um possível *voyeurismo* midiático do telespectador, como um anseio de enxergar pelos vãos das cortinas, contemplar pelas frestas de portas e janelas, observar a vida alheia através do buraco da fechadura. O “olho de Hórus”, o olho que tudo vê, o Big Brother de George Orwell.

O *voyeurismo* midiático é uma das principais características do *Reality*, uma prática na qual o indivíduo encontra prazer na observação da vida privada, o qual instiga a curiosidade em outro sentido, leva o indivíduo a buscar o que se passa na privacidade de outras pessoas, outras casas, outros estilos de vida. Assim, são colhidas realidades, hábitos, histórias e comportamentos, formas de fazer e viver do outro que prendem a atenção do público. Segundo Jean Baudrillard (1995) em todos os lugares se busca o coração do acontecimento, o coração do barulho, o *in vivo*, o face a face. O fato de assistir sem lá ter estado. A comunicação de massa não nos fornece a realidade, mas a vertigem da realidade. Este é o lugar geométrico das comunicações de massa e que desperta a sua sentimentalidade vertiginosa, é onde precisamente nada se passa.

3.2 A TV E SUAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: O ECOPRÁTICO E A EDUCAÇÃO

De acordo com dados do Censo de 2010 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de cada 100 domicílios brasileiros, 33 não possuem esgoto, no entanto 38 têm computadores, além de 95, a imensa maioria, possuem televisores. Diante destes dados, nota-se que a TV é um dos principais meios de comunicação de massa e não foi por acaso que, mediante o desenvolvimento cada vez mais avançado do seu aparato tecnológico, a mesma incidiu a produzir uma quantidade considerável de programas, proporcionando aos telespectadores, dentre outras coisas, uma maior aproximação entre a ficção e realidade. Talvez tenha sido por isso que este meio de comunicação tornou-se um dos fundamentais meios de entretenimento, e acesso à cultura pós-moderna²¹.

Falar sobre a televisão atrelada à educação, imediatamente vem a ideia do uso deste meio comunicativo de maneira lúdica na sala de aula. Nota-se que há na escola, o desafio de associar a TV às atividades curriculares, e uma das principais correntes propõe ocasionar, das experiências televisivas dos alunos, um propósito motivador para aprender os conteúdos escolares curriculares, bem como prepará-los no sentido de que estes sejam seletivos e reflexivos perante os programas televisivos que assistem na TV.

De acordo com Joan Ferrés (2000, p. 167), essa perspectiva se torna duplamente benéfica por,

incrementar motivação na aula e prolongar a aprendizagem fora dela, evita-se a dicotomia da televisão só para emocionar e aula só para pensar. Com tal procedimento, reafirma-se o objetivo maior: de introduzir em sala de aula material audiovisual de fora da escola e ajudar a converter a emoção em reflexão, ensinar a pensar a partir da emoção.

É importante perceber a potencialidade que a televisão tem de educação e de assessorar o professor na sala de aula. Cada vez mais a TV vem acometendo a função de educação informal mediante grades de programação que procuram tratar de temas relativos ao âmbito educativo. Este fato ocorre principalmente em canais (auto)pronunciados educativos e de utilidade pública. Vale ressaltar que, neste estudo, articularemos o termo Educação em seu sentido mais amplo, refletindo sobre os processos de formação dos indivíduos como cidadãos envolvendo campos diferenciados, da educação formal, informal e não-formal.

Assim, é imprescindível consideramos a apropriação da TV como ferramenta pedagógica de ensino. Sem dúvida, o hábito de assistir TV faz parte da cultura atual, prova esta que o Censo 2010 mostra em suas pesquisas. Apesar de TV e escola costumarem ser postas em palcos adversários da contenda social, é importante que, neste momento, atentemos esta questão por fora dessa lógica “torcedor de um jogo”, é essencial que deixemos de lado essa visão maniqueísta e comecemos a observar esta relação com muito mais complexidade e ousadia intelectual.

Segundo Rosa Maria Bueno Fischer (2001), é necessário refletir a televisão como um apoio as teorias contemporâneas da subjetividade e da cultura. A autora propõe a ideia de que a televisão nos olha e de certa forma nos convida a olhá-la, visto que esta torna visível para nós uma série de olhares de pessoas concretas e, quando a assistimos, pode-se afirmar que os olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos. Desse modo, a autora propõe que atentemos para aquilo que nós

olhamos, para assim, pensar a partir do que foi visto, tomando para nós o que alguém pensou e que tornou de alguma forma visível.

Fischer (2001, p. 16) considera a TV como a unidade de uma nação e como produto daquilo que ocorre no meio social, se trata de uma “linguagem e de modos de produzir sujeitos de cultura; de uma estética específica e de projetos culturais, políticos e econômicos”. Corroborando com esta ideia, Eugênio Bucci (1997) afirma que o modelo de televisão que temos no Brasil permite que se produza uma espécie de unificação do país no plano do imaginário. Segundo o autor, se pensarmos, por exemplo, que a sociedade é outra devido à existência da TV, de acordo com Bucci (1997), falar de televisão brasileira seria falar do próprio Brasil e o fato de discuti-la constituiria debater parte de nossa realidade.

Sendo assim, este meio de comunicação é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. Isso acontece porque de acordo com Fischer (2001, p. 15),

a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica, ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação de pessoas – mais enfaticamente na constituição do sujeito contemporâneo.

Fischer (2001, p. 17) salienta que, “o que interessa é justamente imaginar possibilidades concretas de análise que deem conta da TV simultaneamente como linguagem e como fato social”. A autora destaca a importância social e política de se estudar a mídia, e especialmente a TV, e a considera uma forma de expressão cultural própria do nosso tempo, e certamente, os modos de aprender e de ensinar.

Neste sentido, Machado (1997) considera que a televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações e espetacularizou-se de tal forma que, nada mais pode ser “exterior” ao corpo social, uma vez que tudo o que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação e acontece “para a TV”. Desta maneira, podemos considerar que aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e a sensibilidade do homem contemporâneo. O autor pondera que a TV não “fala” das coisas que acontecem, ela “fala” justamente porque os fatos acontecem nela.

Para Fischer (2001), a ininterrupta presença da TV na vida cotidiana tem importantes repercussões nas práticas escolares, na medida em que crianças, jovens e adultos de todas as

camadas sociais aprendem modos de ser e de estar no mundo também neste tipo de cultura. Para a autora,

Trata-se de modos de existência que [...] não apenas “refletem” o que ocorre na sociedade, mas se constituem eles mesmos como modos de vida produzidos no espaço específico da TV e da mídia de um modo geral (FISCHER, 2001, p. 18).

Fischer (2001) pontua que, investigar acerca da televisão, particularmente no Brasil, onde ela tem tanta força na constituição do imaginário social, significa investigar a nós mesmos e a nossos processos humanos de edificação enquanto sujeitos. Destarte, o trabalho pedagógico insere-se justamente aí, na tarefa de discriminação, que inclui uma franca abertura a fruição até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção da linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem falar das emoções e sentimentos que cada vez mais suscita no espectador.

É importante salientar a posição da autora com o “aqui-e-agora” dos educadores brasileiros que não podem mais desconsiderar este meio de comunicação que se tornou para nós, especialmente para nós brasileiros, imprescindível, no que diz respeito ao lazer e informação (FISCHER, 2001). A autora enfatiza a dialética entre “pensar” e “fruir” a TV, que embute outra contribuição importante do trabalho educativo. Quem “frui” a televisão é quem a assiste e, segundo a autora, os educadores devem “apropriar-se desse meio, estudar suas estratégias de endereçamento, de criação de imagens e sons, compreender as complexas tramas de significações que aí estão em jogo” (FISCHER, 2001, p. 51). A autora sintetiza a ideia de que a televisão não é homogeneamente nociva à imaginação e à inteligência, mas sim um meio transversal por tensões e embates que caracterizam a sociedade inteira. Neste momento, a autora salienta a importância de um trabalho pedagógico que aposte na edificação de critérios voltados a prática de uma “cidadania cultural”.

Conforme Maria Luiza Belloni (2003), o caráter pedagógico e, mais especificamente, educacional, de qualquer meio técnico de comunicação abrange não apenas uma reflexão sobre as compreensões de educação que motivam as práticas e as políticas pedagógicas, mas, sobretudo, a consideração das concepções e representações sobre o meio em questão, sua função social e suas características técnicas e estéticas. Afinal de contas, não se pode negar ou combater o caráter lúdico e prazeroso na relação com os meios.

uma das coisas mais lastimáveis para um ser humano é não pertencer ao seu tempo. É se sentir um exilado no tempo. Com isso quero te dizer que sou um

homem da televisão, sou um homem do rádio, também. Assisto a novelas, por exemplo, e aprendo muito criticando-as (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 14).

Segundo Beloni (2003), cada vez mais está se tornando uma tarefa urgente e necessária a conexão dos meios de comunicação mais contemporâneos aos processos educacionais, uma vez que tais técnicas já estão presentes em todas as esferas da vida social.

Não obstante, podemos afirmar que assim como a escola provê, o quanto antes, que as crianças aprendam a ler e escrever, para que possam ser conduzidas pela leitura de textos escritos, podemos pensar que do mesmo modo atua a TV com certo tipo de “alfabetismo televisivo”, como um processo de aprender a ser telespectador. Se compararmos o formalismo da educação escolar e o caráter prazeroso do currículo da televisão, não há diferença no que se refere ao condicionamento que ambos ensaiam. Seja pela determinação/coação, seja pela atração, ambas as instâncias estabelecem um complexo conjunto de comunicações que agem sobre as pessoas que a elas estão expostas. À luz de tais discussões, Elizabeth Rondelli (1998) afirma que os meios de comunicação não só moldam o que pensamos sobre a realidade exterior, mas definem, sobretudo, uma pauta daquilo sobre o que é necessário ter uma opinião e discutir.

Anterior ao processo de uso da televisão como meio educacional, está o reconhecimento deste potencial e a constante familiarização do espectador com este meio comunicativo. Por isso, uma das principais formas de ocorrer à educação por meio da televisão é no uso desta tecnologia como potencial para a discussão e adensamento de uma ideia, no caso específico deste estudo a sustentabilidade.

Neste contexto, percebemos que historicamente as TVs públicas estiveram à frente na produção de conteúdos de cunho considerado educativo. Neste estudo, discorreremos sobre a TV Cultura de São Paulo, emissora da Fundação Padre Anchieta ligada à Secretaria de Cultura do Governo de São Paulo.

Ao tratarmos da TV Cultura, devemos levar em consideração o que Rodrigo Torres (2009, p. 28) ressalta:

As TVs públicas no Brasil configuram um campo complexo e instigante. Apesar de ter em comum uma “aura pública”, são canais com características bem distintas, processos próprios de construção e consolidação. Apresentam origens, práticas e objetivos distintos. São produzidas em condições políticas, administrativas e técnicas próprias, além de sofrerem diferentes regulamentações.

Assim, salienta-se que a TV Cultura é considerada pública por compor o chamado “campo público” o que, para Torres (2009), é deliberado por duas experiências históricas: as “TVs educativas” e os “canais de acesso público” da TV a cabo. É importante perceber que estas experiências são regulamentadas por leis diferentes: as TVs educativas são classificadas como “serviço de radiodifusão” e estão subordinadas ao Código Brasileiro de Telecomunicações (de 1962 e legislação complementar), enquanto os “canais de acesso público” são considerados “conteúdos” que trafegam em um “serviço de telecomunicações”, regulamentados pela Lei da TV a cabo (Lei 8.977 de 1995).

Como relata Leal Filho (2000), a TV Cultura segue um modelo semelhante ao da BBC de Londres, considerada uma das principais referências de TV pública no mundo. Inspirado no Conselho de Governadores da BBC de Londres, a Fundação Padre Anchieta instituiu como poder principal da emissora um Conselho Curador composto por representantes de estabelecimentos públicos e privados de São Paulo. Segundo Leal Filho (2000), devido à adoção do formato de curadoria algumas limitações podem ser levadas em consideração, por exemplo, o fato de existirem no Conselho cadeiras vitalícias e de haver uma presença excessiva de representantes de órgãos estaduais. Para aquele autor, esse Conselho é o principal empecilho institucional às investidas do Estado e da iniciativa privada.

Apesar desta configuração, considera-se que a TV Cultura se tornou a maior produtora do sistema de radiodifusão, de modo que o país chegou a contar efetivamente com sua rede nacional pública, principalmente no âmbito educativo, a qual oferece programação educativa e cultural e é, segundo Torres (2009), internacionalmente reconhecida com conteúdos de excelente qualidade, formando um padrão de produção próprio e distinto do modelo comercial.

Circunscrito neste cenário, consideramos que o *Reality Show* ECOPRÁTICO, objeto desta pesquisa, sem dúvida se utiliza de elementos que estão inseridos na vida cotidiana daquelas famílias e a partir destes o programa arrisca adequar a conduta das famílias de modo sustentável. Como vimos anteriormente, este programa visita dez casas e através de dez ecocritérios norteadores, detecta os principais problemas relativos à (in)sustentabilidade nas práticas das famílias e, assim, busca proporcionar mudanças comportamentais nos participantes.

Consideramos o artifício trazido pelo programa, a Eco-Nota, com importante autorreflexão para as famílias, afinal, o aprendizado só se faz possível quando dele participamos e em um contexto de sentido possível e significativo. Podemos visualizar no quadro abaixo as famílias contempladas pelo programa e as duas Eco-Notas autoavaliadas por

cada família: a primeira quando o programa tem a conversa introdutória com cada família e pede para que ela se atribua para si uma Eco-Nota que varia de 0 a 10 e a segunda quando o programa volta a casa e também pede para que a família se autoavaleie novamente, ao considerar as mudanças feitas.

Tabela 1. Classificação das Famílias e as Eco-Notas estabelecidas por elas

Episódio	Família	Estreia	Primeira Eco-Nota	Segunda Eco-Nota
01	Lyrio	12 de abril de 2009	Entre 5 e 6	Entre 8 e 9
02	Matos	19 de abril de 2009	6,5	8,5
03	Braga	26 de abril de 2009	8,5	10
04	Musa	3 de maio de 2009	0	0
05	Valeri	10 de maio de 2009	7	9
06	Reis da Silva	17 de maio de 2009	4	10
07	Semer	24 de maio de 2009	4	9
08	Ribas	31 de maio de 2009	8	9
09	Ferreira	7 de junho de 2009	3	8
10	Lima	14 de junho de 2009	7	9
11	Bate-papo	21 de junho de 2009	-	-
12	Bate-papo	28 de junho de 2009	-	-

Diante deste quadro podemos perceber que, com exceção do Sr. Leonardo Musa que todo o tempo afirma que nossa sociedade está indo em direção ao “caos”, todas as outras famílias cresceram sua Eco-Nota após as transformações feitas pelo programa na casa. No entanto, consideramos que o retorno do programa na casa acontece em um tempo muito curto. Apesar de as famílias sinalizarem para os efeitos positivos das transformações na casa e para

as tentativas de modificações na sua própria conduta (in)sustentável apontadas pelo programa, percebemos que principalmente nos casos nos quais o programa presenteia a família com novos eletrodomésticos (Família Braga, Família Reis da Silva, Família Matos), faz instalação de aquecedores solar e cisterna (Família Lyrio, Família Matos, Família Ribas) com o intuito de haver uma redução na conta de energia e água, o curto intervalo de tempo de retorno a casa não demonstra se estas ações, por exemplo, atingiram seu objetivo.

Ressaltamos ainda que, algumas das ações proporcionadas pelo programa nas casas contempladas são demonstradas passo a passo ao telespectador, de forma que ele também possa fazer em sua casa. É neste sentido que afirmamos o caráter didático do programa uma vez que este ensina ao telespectador como fazer algo, de maneira contextualizada e dinâmica.

Como exemplo, temos o momento em que a apresentadora Anelis Assumpção ensina na casa da família Musa como colar o piso de taco. Para o programa, deixar os pisos de taco descolados causa uma aparência desagradável na casa, comprometendo o ecocritério Bem Estar. De maneira simples, o programa nos ensina que apenas com cola branca podemos resolver esse problema, mas, antes de tudo, devemos limpar primeiro os tacos.

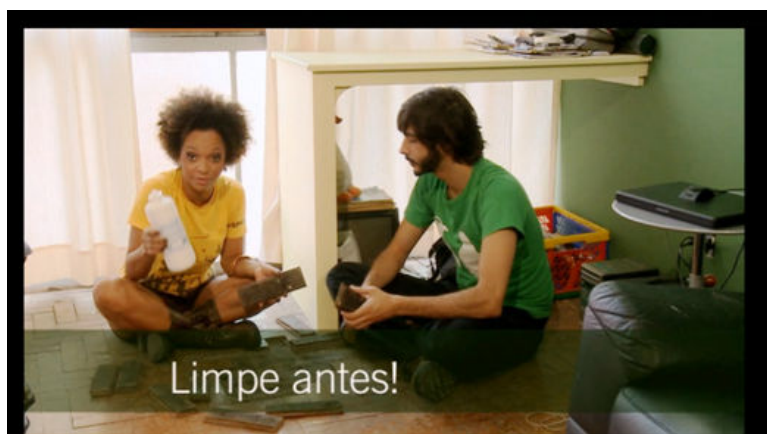


Figura 11 ECOPRÁTICO ensina o Sr. Musa a colar o piso de taco

Quando o programa percebeu que a casa da Família Reis da Silva era muito quente, o programa propôs colocar uma manta térmica feita de embalagens de tetra PAC no teto da casa. Desta vez é o apresentador Peri Pane que ensina a fazer a manta térmica; segundo ele, basta abrir a embalagem e grampear uma na outra, de forma que não haja espaço entre ambas. De acordo com o programa, a manta deve ser instalada com a parte brilhante para cima, assim os raios solares são refletidos e não entram em contato direto com o teto.



Figura 12 ECOPRÁTICO ensina a fazer uma manta térmica

Outro momento que também percebemos uma ação do programa com a pretensão de ensinar foi quando os apresentadores percebem que a Família Ferreira não separa o lixo reciclável do orgânico. Dessa maneira, os apresentadores pedem que as crianças busquem o lixo da sua casa e dois recipientes; feito isso, eles ensinam às crianças a diferença entre os dois lixos e a necessidade de separarmos os resíduos.



Figura 13 ECOPRÁTICO ensina as crianças da Família Ferreira a separarem os resíduos

Ao perceber que a casa da Família Matos gerava muito resíduo orgânico devido à existência de diversas árvores, o ECOPRÁTICO ensina a fazer uma técnica de compostagem chamada minhocário. O minhocário ou minho-casa, como também é chamado pelo programa, é um tipo de composteira que serve para transformar restos orgânicos em adubo. O apresentador faz uma analogia a um prédio de três andares e explica um a um. O primeiro andar serve como um coletor de líquido que é o chorume que não tem cheiro e é um biofertilizante, quando encher mais ou menos é só abrir a torneira e depositar o líquido em um borrifador e colocar nas plantas. O segundo andar é onde ficam as minhocas e onde acontece a

transformação dos restos de alimento em adubo, este é o lugar de se colocar as cascas de frutas ou legumes, pó de café, o importante é que o volume destes restos úmidos seja proporcional ao material seco que também será depositado neste mesmo lugar e pode ser folhas secas, jornal picado ou serragem; ao colocar este material deve-se mexer com cuidado a terra onde ficam as minhocas. Quando o segundo andar estiver completo de material, as minhocas sobem para o terceiro andar por meio de furos anteriormente feitos e assim, os resíduos são colocados neste terceiro lugar, quando este também tiver completo, o material da segunda parte já se transformou em húmus que é um dos adubos mais eficientes que existem. Este método de compostagem é um dos mais simples que há, pois não tem cheiro e pode ser feito em qualquer residência, inclusive apartamento.



Figura 14 ECOPRÁTICO ensina a fazer o minhocário

Ao descobrir algumas latas de tinta largadas no quartinho da bagunça da casa de Família Lyrio, o ECOPRÁTICO propôs o reaproveitamento daquelas tintas para fazer uma tinta orgânica à base de terra. Assim, o programa ensina a fazer esta tinta apenas com o uso de terra não orgânica, cola e água e aplica uma nova pintura na parede da sala da casa.

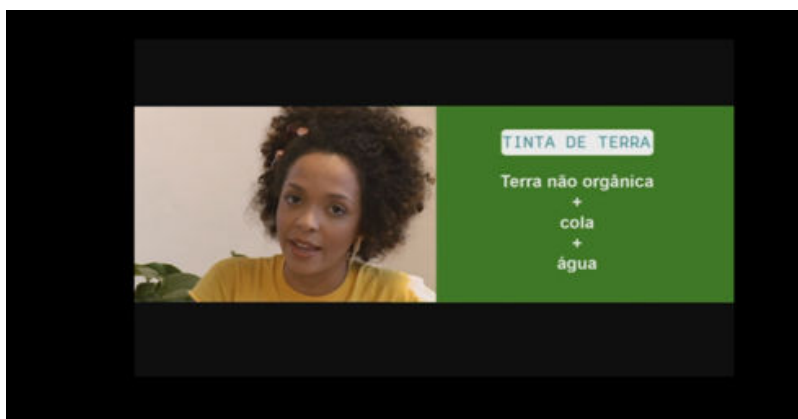


Figura 15 ECOPRÁTICO ensina a fazer uma tinta de terra. Tela capturada pela autora

Diante dos exemplos acima, percebemos que o ECOPRÁTICO se utiliza de um viés educativo em seu discurso, principalmente quando ele propõe o ensino de algo ou de alguma técnica. Sendo assim, é imprescindível perceber como este programa tenta transmitir a ideia de que “nós também podemos fazer em casa” utilizando o meio técnico de comunicação para concretizar a ideia de que a ação da televisão é um processo de assimilação criativa e não um consumo instrumental passivo. É importante perceber ainda que, além deste viés educativo, estas soluções propostas pelo programa estão conectadas a um tipo de comportamento, claramente ligado às ideias da sustentabilidade.

4. “CONSUMO” ECOCRITÉRIO (IN) DESEJÁVEL

[...] o consumo serve para pensar, partimos da hipótese de que quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o apazível. [...] como as visões de consumo e de cidadania poderiam mudar se as estudássemos conjuntamente, com instrumentos da economia e da sociologia política, mas tomando-as também como processos culturais [...] ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os quais nasceram em um território, mas também com as práticas sociais culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (CANCLINI, 2010, p. 35).

A partir desta reflexão de Nestor Garcia Canclini é que enveredaremos pelo caminho metodológico de análise discursiva de como o ecocritério Consumo é discutido no *Reality Show* ECOPRÁTICO. Neste sentido, pretendemos verificar em cada episódio todos os momentos em que é abordado o tema consumo, tanto indiretamente quanto diretamente. De partida, convém evidenciar que constatamos, no programa em questão, três formas de abordagem tipos de consumo: de produtos, de serviços e de informação. Assim, identificaremos, descreveremos e analisaremos esses três pontos a partir da seguinte indagação: quais são as estratégias didáticas estabelecidas pelo programa no sentido de promover uma educação ambiental através deste programa nos seus espectadores?

Segundo Jean Baudrillard (1995), à nossa volta existe uma espécie de evidência arrebatadora do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços e dos bens materiais, o que por sua vez, origina uma categoria de mutação fundamental na ecologia da espécie humana. Conforme ressalta o autor, os homens não se encontram rodeados por homens, mas por objetos. Em termos gerais, o autor adverte que só se começou a pensar e divulgar um conceito de ambiente a partir do momento em que, no fundo, começamos a viver menos na proximidade dos outros homens, na sua presença e no seu discurso, e mais sob o olhar mudo de objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre o mesmo discurso (BAUDRILLARD, 1995, p. 15).

Baudrillard (1995) faz uma alusão social às noções de fauna e flora naturais, quando afirma que ao observarmos os objetos ao nosso redor, estes sugerem a impressão de vegetação proliferante e de selva em que o novo homem selvagem dos tempos modernos tem dificuldade em reencontrar os reflexos de civilização. Esta seria a fauna e a flora que o homem produziu, rapidamente tais como a contemplamos e vivemos, não por leis ecológicas naturais, mas pelas

leis de valor de troca. Isso porque “vivemos o tempo dos objetos, existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente” (BAUDRILLARD, 1995, p. 15).

O contexto histórico desta perspectiva é apontado por Guy Debord (1997), quando sinaliza que no início da industrialização, a economia política só via na figura do proletário o operário, não se considerava os seus lazes ou a sua humanidade. No entanto, o autor compreende que esse ponto de vista da classe dominante se inverte assim que o grau de abundância atingida na produção das mercadorias exige uma maior colaboração por parte do operário. Percebe-se, desse modo, que o operário continua a existir fora desta produção mercantil, aparentemente tratado como adulto, com uma amabilidade forçada sob o disfarce de consumidor. Logo, nota-se que a mercadoria ganha humanismo e, agora, se encarrega dos “lazes e da humanidade” do trabalhador.

Este fenômeno se deve, segundo Debord (1997), à produção de mercadorias, uma vez que esta implica a troca de produtos diferentes, que permaneceu por muito tempo artesanal, e se tornou produtos independentes produzidos em série. Entretanto, nas condições sociais do grande comércio e da acumulação de capitais, a produção de mercadorias assumiu o domínio total da economia. Portanto, segundo Debord (1997, p. 29-30), a economia se tornou um processo de desenvolvimento quantitativo:

[...] a questão primeira da sobrevivência está sem dúvida resolvida, mas resolvida de modo que faz com que ela sempre torne a aparecer, ela se apresenta de novo num grau superior. O crescimento econômico libera as sociedades da pressão natural, mas é do crescimento que as sociedades não conseguem se liberar. A abundância das mercadorias já não pode ser se não a sobrevivência ampliada.

Neste contexto, Debord (1997) conceitua o fato de não nos contentarmos apenas em adquirir mercadorias que assegurem a nossa sobrevivência, mas o fazemos de maneira abundante em prol de Sobrevivência Ampliada, pois, para aquele autor, a mercadoria aparece como uma força que vem ocupar a vida social. Nesse contexto, o autor reflete acerca da questão do espetáculo como sendo o momento em que a mercadoria ocupa totalmente a vida social, não apenas quando a relação com a mercadoria é visível, mas quando não se consegue ver nada além dela – o mundo que se vê é o seu mundo. Este é o instante em que a produção econômica moderna espelha, extensa e intensivamente, sua ditadura.

Para Debord (1997), a origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo trabalho particular e o devaneio geral da produção como um todo se traduzem

perfeitamente no espetáculo, cujo modo de ser completo é justamente a abstração. Não obstante, Baudrillard (1995) afirma que o que caracteriza a sociedade de consumo, é a universalidade do *fait divers*²² na comunicação de massa. Segundo este autor, toda a informação política, histórica e cultural é acolhida sob a mesma forma, simultaneamente insignificante e miraculosa, a qual se atualiza integralmente e aparece dramatizada no modo espetacular e permanece distanciada pelos meios de comunicação e reduzida a signos.

Baudrillard (1995) considera que o lugar do consumo é a vida cotidiana. E esta não é somente a totalidade dos fatos e gestos diários ou a dimensão da banalidade e a repetição, é um sistema de interpretação. Este autor considera a práxis do consumo a relação do consumidor com o mundo real, com a política, a história, a cultura. Dito de outra maneira, não é o interesse do investimento, muito menos a indiferença total, mas sim a curiosidade. Para aquele autor, o consumo não é o conhecimento do mundo, nem também a ignorância completa, mas o desconhecimento. Por conseguinte, podemos afirmar que curiosidade e o desconhecimento designam um só e mesmo comportamento global: a recusa do real, baseada na apreensão insaciável e multiplicada dos seus signos ou produtos.

Neste momento cabe salientar a posição do *Reality Show* ECOPRÁTICO ao ponderar sua reflexão acerca do consumo, sendo considerado como uma “verdadeira armadilha”. Nas palavras de Maria Zulmira de Souza idealizadora do programa, ou simplesmente Zuzu:

[...] quanto mais coisas bonitas a gente vê, mais a gente tem vontade de comprar. É muita oferta, a gente não leva em conta que a gente está consumindo o nosso tempo, que a gente está consumindo espaço de mais, que a gente compra coisas que a gente nem tem onde colocar, não é verdade? (Transcrição do Episódio Especial do ECOPRÁTICO, fala de Maria Zulmira de Souza).

O discurso evidenciado acima nos leva a refletir sobre uma questão crucial acerca do consumo: a necessidade. Debord (1997) explica que a constante necessidade que temos de consumir, comprar ou ter algo ou alguma mercadoria é sempre artificial. Para esse autor, ao conquistarmos a economia autônoma, suprimimos a necessidade econômica. A partir do momento que esta é substituída pela necessidade do desenvolvimento econômico infinito, concomitantemente substituirá a satisfação das necessidades humanas primeiras, que são sumariamente reconhecidas, por uma fabricação ininterrupta de pseudonecessidades e que, por fim, se resume a uma única pseudonecessidade: a de manutenção de seu reino.

Não obstante, Baudrillard (1995) afirma que todo o discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a propensão natural para a felicidade. A felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação eterna. Para o autor, a noção de necessidade é solidária a de bem-estar: “perante as necessidades e o princípio de satisfação, todos os homens são iguais, porque todos eles são iguais diante do valor de uso dos objetos e dos bens” (BAUDRILLARD, 1995, p. 49). Assim, toda a política da sociedade de consumo consiste em ultrapassar as próprias contradições, intensificando o volume dos bens, na perspectiva de uma igualdade automática através da quantidade e de um nível de equilíbrio. A este respeito o autor ressalta que,

Chegamos ao ponto em que o consumo invade toda nossa vida, em que todas as atividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o envolvimento é total, inteiramente climatizado, organizado e culturalizado. Na fenomenologia do consumo, a climatização geral da vida, dos bens, dos objetos, dos serviços, das condutas e das relações, sociais representa o estágio complexo e consumado na evolução que vai da abundância pura e simples, através dos feixes articulados de objetos, até ao condicionamento total dos atos e do tempo (BAUDRILLARD, 1995, p. 19).

Muitas vezes, acreditamos ingenuamente que é natural do ser humano sentir-se feliz ao adquirir um bem, no entanto, Baudrillard (1995) compreende que a força natural da noção de felicidade não é natural, mas sim sócio-histórico. Este autor trata da questão da felicidade como um mito, sendo este sinônimo do mito da igualdade. Isto se deve ao fato de que, para que se conduza o mito igualdade, é preciso que a felicidade seja mensurável. Assim, a felicidade surge primeiramente como exigência de igualdade, e deve ter critérios visíveis, alimentada por uma exigência igualitária que se fundamenta nos princípios individualistas.

Pensando nesse sentido, convém analisarmos alguns trechos do nono episódio do programa ECOPRÁTICO, o qual se passou na casa da Família Ferreira. Conforme já mencionado, esta família é composta pela mãe Mariângela ou Malan, como é chamada em toda a extensão do programa, a filha Ana Luiza de treze anos idade, que é portadora da Síndrome de *Down* e o filho João, garoto de doze anos idade, além da empregada Cecí. Diante dos dez ecocritérios examinados pelo programa na casa, o Consumo foi o considerado mais abalado sustentavelmente. Em um extrato do episódio podemos considerar uma conversa, dentro do *closet* da casa, entre a apresentadora Analis Assumpção e a Sra. Malan:

Anelis Assumpção: Estamos aqui no closet da Malan um quarto na casa que serve para guardar as roupas e sapatos. Quanta roupa Malan! Quando você teve a necessidade de ter um espaço só para roupas?

Sra. Malan: Esse closet era metade meu. Quando eu me separei eu tomei conta dele inteiro muito rápido. Isso me assustou um pouco. Eu já tinha bastante roupa e agora eu tenho mais. Mas, eu sinto uma necessidade de dar uma limpada.

Anelis Assumpção: E sapatos também?

Sra. Malan: Tenho que tirar o tempo todo. Eu tento me organizar em termos de comprar e tirar o que esta aqui. Mas, não é sempre que isso acontece.

Anelis Assumpção: Você sabe mais ou menos quantos pares de sapato você tem?

Sra. Malan: Não faço ideia. Eu acho até que não sou uma pessoa tão perdulária assim. Acho que eu fico dentro de um contexto, mas eu compro bastante.

Anelis Assumpção: (Com a filha da Malan que entra depois da conversa iniciada) E a mocinha aqui? Gosta de comprar?

Ana Luiza: Gosto!

Anelis Assumpção: Roupa?

Ana Luiza: Roupa claro (risos)

Anelis Assumpção: E porque você gosta de comprar tanta roupa?

Ana Luiza: Porque tipo... eu to muito na moda, ai eu preciso ficar na moda e comprar muita roupa sabe?

Anelis Assumpção: E sapato?

Ana Luiza: Também?

(Transcrição de um trecho do nono episódio do ECOPRÁTICO – Família Ferreira)

Ao considerar a fala de Malan para Anelis, temos em vista o que Baudrillard (1995) explana a respeito do consumo como uma mentalidade sensível e miraculosa que conduz a vida cotidiana. Segundo este autor, esta é uma mentalidade primitiva no sentido em que foi definida como baseada na crença da onipotência dos pensamentos: no caso da Malan, trata-se do acúmulo dos signos da felicidade. A opulência, a afluência não passa da acumulação de signos da felicidade, uma felicidade abstrata definida pelas simples resoluções das tensões. Tensões, pois identificamos varias vezes na fala de Malan uma culpabilização do seu divórcio aos problemas identificados na casa.



Figura 16- Episódio da Família Ferreira. Closet da Sra. Malan

Ainda segundo Baudrillard (1995), a relação psicológica em cadeia do consumidor, que o percorre e cataloga, o abrange como categoria total, isso porque, raros são os objetos que hoje se oferecem isolados, sem o contexto dos objetos que os exprimam. Já não se refere a tal objeto na sua utilidade específica, mas ao conjunto de objetos na sua significação total. Baudrillard afirma que qualquer fato estimula a salvação fantástica de comprar.

Para Baudrillard (1995) na acumulação há algo mais que a soma dos produtos; há a evidência do excedente, a negação mágica e definitiva de rareza, a presunção materna e luxuosa da terra da promessa. Os objetos se organizam em coleção, considerada por Baudrillard (1995) como amontoamento, como forma mais rudimentar e também a mais plena da abundância. Não obstante, Debord (1997) acredita que abundância nada mais é que a Sobrevivência Ampliada, considerada por esse autor como espetáculo: uma permanente Guerra do Ópio para fazer com que aceitemos e identifiquemos bens a mercadorias, e, assim, conseguir que a satisfação com a sobrevivência (ampliada) aumente de acordo com as leis do próprio espetáculo.

Podemos considerar como exemplo das leis do próprio espetáculo (DEBORD, 1997) as promoções, assunto que também é evidenciado e problematizado pelo ECOPRÁTICO no episódio da Família Ferreira:

Anelis: Que mulher resiste a uma boa liquidação de roupas e sapatos? É difícil ver na vitrine uma bota impossível que você sempre sonhou com 50% na liquidação, então você pensa: o meu sonho ao alcance do cartão de crédito! Mas daí você se dá conta de que comprou mais de que estava precisando. Como resistir esse desejo?

Peri: Calma, contenha seus impulsos. Pense uma, duas, três vezes, antes de assinar o cheque e cheque se você realmente precisa daquela roupinha nova e se tem espaço para guardar no armário. É importante passar para frente aquilo que você não usa mais. O consumo consciente reduz o impacto do ser

humano no meio ambiente e é a ultima moda. (Transcrição de um trecho do nono episódio do ECOPRÁTICO – Família Ferreira)



Figura 17 - Anelis Assumpção revela a coleção de roupas da Sra. Malan

Nota-se neste trecho do programa um tom educativo ao alertar os telespectadores sobre o consumo exacerbado de produtos. Debord (1997) considera a sobrevivência consumível como algo que se deve aumentar sempre, pois, para ele, ela não para de conter em si a privação. Isso provavelmente se deve em virtude de os bens de consumo apresentar-se como poder alcançado e não como produtos de trabalho. Portanto,

[...] somos trabalhadores assalariados, na busca infinita de seu esforço; todos sabem que devem submeter-se a ele [consumo] ou morrer. É a realidade dessa chantagem: o uso sob sua forma mais pobre (comer, morar), já não existe a não ser aprisionado na riqueza ilusória da sobrevivência ampliada, que é a base real da aceitação da ilusão geral no consumo das mercadorias modernas. O consumidor real torna-se consumidor de ilusões [...] a mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral (DEBORD, 1997, p. 33).

Ao analisar o discurso da Sra. Malan ocorrido no *closet*, percebemos na prática o que Baudrillard (1995) afirma quanto à massa dos consumidores a qual não vive a fartura como efeito da natureza, mas na promessa e persuasão da “ladainha publicitária” de que tudo lhe será previamente dado, tendo o direito legítimo e inalienável sobre a profusão. Neste sentido, Malan se torna um modelo para os filhos (no caso Ana Luiza) e a sua confiança no consumo leva ao surgimento deste novo elemento: as novas gerações que acabam por serem os herdeiros, não só dos bens, mas do direito natural à abundância.

Cabem aqui três perguntas: o crescimento econômico produz abundância e, portanto, igualdade? Ou, quem sabe, o crescimento é causa da desigualdade? Ou possivelmente o

crescimento é em si função da desigualdade? Por isso, poderíamos pensar que a igualdade não passa também de função secundária e derivada da desigualdade.

Segundo Baudrillard (1995), um dos problemas fundamentais estabelecidos pelo consumo é o fato de nós nos organizarmos em função da sobrevivência em um sentido individual ou coletivo. Desta maneira, o valor do indivíduo estrutural, pode implicar sacrifício dos valores econômicos, os quais se encontram no centro do consumo e leva-nos a ponderarmos que, possivelmente, a abundância só teria sentido no desperdício.

Diante desta ponderação, consideraremos outro trecho retirado do nono episódio, relativo à conversa introdutória que os apresentadores do ECOPRÁTICO tinham com os integrantes da família para saber um pouco mais a respeito do cotidiano da casa:

Peri Pane: Malan, a gente está com uma ficha aqui que indica tudo o que deve ser e pode ser transformado na casa.

Anelis Assumpção: É, e parece que a questão do consumo, ela pega aqui na casa. Como é esta história?

Malan: Isso começou a ser muito conversado aqui entre a gente, e acho que é uma conscientização que precisa de família inteira.

Malan: Eu tenho aquecedores, eu tenho máquina de lavar, tenho uma série de coisas que eu sei que puxam muita energia. Meu ex marido tinha uma coisa assim, que agente ia andando pela casa e ele ia apagando tudo atrás da gente e falando.

João: É porque a gente passa, acende a luz e não apaga.

Malan: As televisões ficavam ligadas, então isso eu sei que é uma falha minha muito séria.

Malan: Meu banho é de 15 minutos, quando eu lavo a cabeça vai pra 30 minutos.

Malan: Essa casa é de três andares, o meu aquecedor de passagem esta lá embaixo na garagem, e a água demora muito tempo pra esquentar, o chuveiro tem que ficar ligado uns dois minutos para esquentar a água, e essa água vai.

(Transcrição de um trecho do nono episódio do ECOPRÁTICO – Família Ferreira)

Para discutirmos o fragmento acima, devemos primeiramente estabelecer o que Baudrillard (1995) observa quanto à questão das necessidades e da abundância estarem relacionadas a uma análise social do consumo. Segundo este autor, a lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais é resultado do processo de consumo o qual pode ser analisados sob o ponto de vista de dois aspectos fundamentais: primeiramente como processo de significação e de comunicação, baseado em um código em que as práticas de consumo vêm inserir-se assumindo, assim, sentido, mas também como processo de classificação e diferenciação social em que os objetos e signos se ordenam como valores estatutários no seio de uma hierarquia.

Para Baudrillard (1995, p. 38), a abundância das sociedades ricas está associada ao desperdício, uma vez que “todas as sociedades desperdiçaram, dilapidaram, gastaram e consumiram sempre além do estrito necessário, pela simples razão de que é no consumo do excedente e do supérfluo que, tanto o indivíduo como a sociedade, se sentem não só existir, mas viver”. No entanto, não se compreende nem o desperdício nem as suas funções, se enxergarmos nele apenas o esbanjamento residual do que é feito para ser consumido e não é. Se pensarmos assim, adentraríamos, conforme esse autor, em uma definição simplista do consumo, definição moral baseada na utilidade imperativa dos bens.

O desperdício, segundo Baudrillard (1995, p. 38). é sempre considerado “como uma forma de loucura, de demência, de disfunção do instinto, que impele o homem a queimar as suas reservas e comprometer através de uma prática irracional as próprias condições de sobrevivência.” O autor chama atenção para o fato de não nos encontramos em era de abundância real, e que cada indivíduo grupo ou sociedade atual esta situados sob o signo da raridade.

O sobre excedente pelo qual se afirma o valor, de acordo com Baudrillard (1995), pode tornar-se algo de valor simbólico próprio, particular. O mesmo ocorre com a abundância, pois para que ela se torne um valor é preciso que haja não o bastante, mas demasiado. Portanto, é importante que se mantenha e se manifeste uma diferença significativa entre o necessário e o supérfluo: tal é a função do desperdício em todos os níveis de consumo. Ainda consoante Baudrillard (1995), toda produção e despesa que vá além da garantia estrita da sobrevivência podem ser rotuladas de desperdício. Assim, não é só o consumo, mas também a produção que obedece em grande parte aos processos de ostentação.

Não obstante, o ECOPRÁTICO visualizou o ecocritério Consumo relacionado exatamente à perspectiva de desperdício conceituada por Baudrillard (1995), situando-o como uma prática irracional que compromete nossas reservas e as próprias condições de sobrevivência e constitui uma das principais ameaças a sustentabilidade. Assim, o programa convoca-nos a pensar sobre o nosso paradigma de industrialização, sinalizando para que não apenas repensemos e reduzamos o nosso consumo, mas que, se possível, paremos de consumir o supérfluo. No trecho abaixo, retirado do episódio especial feito pelo ECOPRÁTICO, foi traçado um diálogo sobre as interferências realizadas nas famílias entre os apresentadores Anelis Assumpção e Peri Pane e os idealizadores do programa Maria Zulmira de Souza e Francisco Lima. Notamos que é um diálogo a respeito deste tipo de consumo:

Zuzu: Nós entramos em um sistema de produção que nós descartamos, descartamos, descartamos. Estamos na era do descartável e estamos consumindo mais do que o planeta pode repor.

Xico: Uma dica importante na questão do Consumo é a questão dos três Rs: é o R de Reduzir, depois o R de Reaproveitar ou reutilizar, e por último o R de Reciclar. Então mais importante do que a reciclagem é a gente começar a reduzir o nosso consumo, então ver o que realmente a gente precisa, e então consumir melhor, mais responsabilmente. O que a gente também pode reutilizar e reaproveitar, ao invés de tirar de novo da natureza aquilo e por fim, promover a reciclagem.

Peri Pane: ... é pensar em ter somente o necessário, o extraordinário é de mais.

Zuzu: essa questão do consumo é uma verdadeira armadilha que a gente vive: quanto mais coisas bonitas a gente vê, mais a gente tem vontade de comprar. É muita oferta, a gente não leva em conta que a gente está consumindo o nosso tempo, que a gente está consumindo espaço de mais, que a gente compra coisas que a gente nem tem onde colocar, não é verdade?

Peri Pane: e o que me intriga mais é que as pessoas não tem noção do quanto elas tem, por exemplo: você sabe quantos sapatos você tem Xico?

[Todos respondem que sim]

Anelis Assumpção: ... mas a Malan não sabia, ela tinha muita coisa naquele closet...

Zuzu: Comprar por impulso né? É outra coisa, você comprar na última hora, também você compra sempre o que você não precisa.

Peri Pane: ... é e as pessoas não usam as coisas até o final né? (Transcrição de um trecho do nono episódio do ECOPRÁTICO – Família Ferreira).

De acordo com o programa, outra família que precisa de um olhar diferenciado em relação ao consumo é a Família Ribas, representada no episódio de número sete. Apesar de esta família ter construído sua casa com material de demolição, uma manifestação de cuidado com o meio ambiente ao construir uma casa ecológica que visa reduzir a agressão ao meio ambiente ao aproveitar resíduos de entulhos e materiais reciclados, percebemos na Sra. Margô, dona da casa, a impulsividade em comprar sapatos. O discurso do seu marido, Sr. Roberto, ilustra este comportamento:

Sr. Roberto: Eu, por exemplo, tenho três sapatos, e ela tem 40. Ela acabou de fazer um guarda roupa novo com 30 gavetas, eu tenho 2 e ela tem 28.

Sra. Margô: Não dá pra ficar sem comprar roupa e sapatos, né? É o clássico feminino. (Transcrição de um trecho do sétimo episódio do ECOPRÁTICO – Família Ferreira)

Percebemos na atitude de Margô em consumir de maneira exagerada roupas e sapatos e também no questionamento realizado pelo seu próprio marido acerca desta prática consumista, o que Baudrillard (1995) chama de diferenciação e distinção dos indivíduos. Para este autor, o valor energético e a astúcia da publicidade ocorrem na maneira como ela atinge

cada qual em função dos outros. Portanto, nunca a publicidade se dirige a um homem isolado, mas sim, visa-o na relação diferencial.

Dentre as relações diferenciais, este autor atenta para dois modelos estruturais sobre os quais historicamente se construiu uma das relações mais diferenciais do sistema do consumo: o modelo feminino e o masculino de consumir. Para Baudrillard (1995, p. 96) existe uma pressão do consumo exercida sobre a mulher, que ele denomina de mito da Mulher, uma espécie de modelo coletivo e cultural de complacência. Segundo o autor “vende-se a mulher à mulher... ao pensar que ela olha pela higiene, se perfuma, se veste, em suma, se “cria”, a mulher consome-se”. Em outras palavras, a mulher consome como necessidade de saborear o que foi consumido, de forma narcisista.

O modelo masculino de consumo, por sua vez, na concepção de Baudrillard (1995), é o da exigência e da escolha. Sendo assim, o homem não se descuida de nenhum pormenor, é exigente e seletivo. Para este gênero, consumir não se trata de saborear o objeto, mas de se distinguir-se de modo a competir com os demais do seu gênero. Todavia, o autor sinaliza para o fato de este modelo de consumo diferenciado entre homens e mulheres estar cada vez mais mesclado, uma vez que, na contemporaneidade, um gênero está adquirindo traços característicos do outro.

Evidenciamos que o ECOPRÁTICO analisou o ecocritério Consumo em todas as casas contempladas, porém, geralmente o considerava diretamente associado ao consumo dos outros ecocritérios como Água, Energia, Resíduos, Alimentação e Transporte. Talvez isto se deva ao fato das outras oito famílias serem menos abastadas que a Família Ferreira e a Família Ribas e, assim, notamos que a falta de recursos destas famílias impõe a elas uma vida mais contida em que os gastos se direcionam para o que realmente é necessário, para as necessidades primeiras. Contudo, convém destacar que iniciamos este capítulo de análise afirmando que o ECOPRÁTICO propôs não apenas a discussão do consumo de bens e produtos, conforme exemplificado e analisado a partir dos autores citados. O programa também discutiu sobre o consumo de serviços e de informação.

A respeito do consumo de serviços, podemos perceber que em quase todos os episódios o programa leva as famílias para conhecerem instituições que desenvolvem trabalhos considerados importantes para a sociedade. É importante perceber que estas visitas geralmente dão suporte a contextos específicos dos episódios, os quais, muitas vezes, exigem explicações mais detalhadas sobre os assuntos retratados.

O ECOPRÁTICO buscou relacionar em dois episódios – com a Família Lyrio e com a Família Lima – o ecocritério Resíduos e a possibilidade de reciclagem através de iniciativas

institucionais que proporcionam este tipo de serviço. Durante a reforma na casa da família Lyrio, houve grande acúmulo de entulhos, cano, plástico, tijolos quebrados, etc. Neste episódio, ECOPRÁTICO levou todo este entulho para um Ecoponto da prefeitura da cidade de São Paulo. Assim, fora sinalizado que os Ecopontos são pontos de entrega voluntária de entulhos de obras e objetos volumosos, os quais disponibilizam para cada pessoa uma cota diária de um metro cúbico de entulho.



Figura 18 A Família Lyrio vai a um Ecoponto da cidade de São Paulo

Durante o episódio da Família Lima, o programa percebeu que esta separava seus resíduos recicláveis e os direcionava até a Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare). Neste contexto, o programa visitou a cooperativa Coopamare para conhecer e socializar sua história e o seu funcionamento. Em entrevista, Manuel Soares, líder da cooperativa, explicou que ela foi fundada por diversas pessoas que moravam debaixo de uma ponte. Juntos, eles descobriram que coletar lixo reciclável era um negócio rentável e assim surgiu a cooperativa. A entrevista também revelou que toda a região do seu entorno coopera com o projeto e, voluntariamente, toda a vizinhança ajuda com coleta do lixo. Salientou-se ainda que, em cinco anos, o projeto já conseguiu renovar sua frota de veículos e também montar uma biblioteca. Assim, discutindo a questão do consumo, o programa alertou para que percebamos que a atitude de separar o lixo, além de gerar emprego e renda, também favorece a reciclagem das relações humanas.



Figura 19 A Família Lima visita a COOPAMARE

No episódio que retratou a Família Reis da Silva, o programa percebeu que o filho desta família era fissurado em internet e que fazia uso do serviço oferecido pela Associação Pirajussara. Trata-se de uma Organização Não Governamental (ONG) que desenvolve um trabalho na comunidade, oferecendo cursos de informática básica e de manutenção de computadores.

Percebemos que o ECOPRÁTICO empreendeu a ideia de aproximação entre esta família e a própria comunidade que eles fazem parte – Embu das Artes / São Paulo. Assim, o programa estimulou o consumo dos serviços gratuitos oferecidos por esta instituição, ação que ocasiona também a inserção do ecocritério Ecossistema.



Figura 20 A Família Reis da Silva visitando a Associação Pirajussara

Outro episódio do ECOPRÁTICO que buscou educar as famílias a utilizarem serviços proporcionados por instituições que não almejam lucro, é o de número sete, que retrata a Família Ribas. Quando o programa detectou a necessidade e as limitações financeiras desta família para instalar um aquecedor solar na casa, leva a família para conhecer a “Sociedade do

Sol”, um projeto do CINTEC da Universidade de São Paulo – USP, que desenvolve um projeto de aquecedor solar de baixo custo.

Ao longo do episódio, Augustin T. Woelz, coordenador das atividades técnicas da Sociedade do Sol, revelou que este projeto foi inicialmente proposto durante a conferência Rio-92, em defesa de criação de um aquecedor solar em cada residência. Também ressaltou que, daquele momento até a apresentação do projeto concretizado junto ao público, foram necessários dez anos. Assim, o aquecedor é considerado de baixo custo, pois ele é feito de materiais que podemos comprar em loja de materiais de construção. Finalmente, destaca-se que o projeto disponibiliza em seu site um manual que explica passo a passo o processo de confecção do aquecedor solar.

Consideramos de grande importância à iniciativa do ECOPRÁTICO em levar a Família Ribas a este departamento da USP para adquirir o projeto de um aquecedor solar de baixo custo. Isto porque, percebemos que a Instituição Universidade encontra-se, na maioria das vezes, afastada da comunidade em geral, o que faz seus projetos não atingirem o público necessário. Com esta ação o programa minimizou esse distanciamento e estimulou não apenas esta família, mas também os telespectadores, a consumir esse serviço.



Figura 21 A Família Ribas visita a Sociedade do Sol na USP

Percebemos que tanto no episódio que retrata a Família Reis da Silva quanto no episódio da Família Ribas, o ECOPRÁTICO buscou estimular, não apenas estas famílias, mas todos os telespectadores a consumirem serviços oferecidos por instituições que não almejam lucro. Com esta iniciativa, o programa buscou a diminuição da distância entre sociedade – aqueles que possuem algum tipo de serviço, e comunidade – aqueles dispostos a consumir os serviços. Notamos que o ECOPRÁTICO constantemente procura socializar as famílias com

instituições que não estimulam o consumo gratuito, mas que de forma contrária, estimulam o consumo consciente, o reaproveitamento de materiais para a oferta dos serviços que oferecem. Ou seja, trata-se de instituições diferenciadas diante do consumo, elas oferecem serviços pautados, eles mesmos, em soluções criativas de minimização de consumo.

No último episódio, observamos um estímulo por parte do programa para se consumir alguns serviços oferecidos por instituições sem fins lucrativos foi o de número nove, relativo à Família Ferreira. Ao perceber que esta família tinha um problema relacionado ao consumo de produtos, particularmente roupas e sapatos, o programa solicita que ela selecione algumas peças para serem doadas a ONG *Carpe Diem*, a qual faz um trabalho social buscando incluir pessoas com deficiência intelectual. Vale ressaltar que nesta família havia uma criança portadora de Síndrome de *Down*, assim, ao oferecer esta perspectiva de atuação, o programa reforçou para a mãe a importância da inclusão da sua filha na comunidade em geral.

Observamos neste exemplo da Família Ferreira, que o ECOPRÁTICO percebeu problemas de alto consumo de produtos nesta família, como já foi explorado outrora aqui, e assim, propôs uma alternativa para este produto decorrente daquele consumo. Se o consumo de roupas e sapatos ocorre demasiadamente e eles são acumulados, o programa apresentava a alternativa de doá-las. Desta forma, eles passam a consumir um serviço relevante para aliviar a carga do consumo original. No entanto, o programa não se esqueceu do primeiro consumo, aquelas roupas e sapatos e sempre buscou questionar tanto a família quanto o telespectador para a real necessidade de comprar qualquer objeto.

Percebemos as ações do ECOPRÁTICO, através de quadros intercalados que ampliam, refletem e propõem soluções gerais, buscavam estimular não apenas as famílias que aparecem no episódio a consumirem serviços oferecidos por instituições sem fins lucrativos na própria comunidade, mas também se direcionam para todos os telespectadores.

Diante destas considerações acerca da abordagem do ecocritério Consumo, convém inserir um novo questionamento sobre estas ações do programa: de que maneira as críticas e as soluções apresentadas pelo ECOPRÁTICO ao ponderar sobre o consumo no interior das famílias contempladas estão relacionadas com manutenção da sustentabilidade?

Conforme sinalizado na discussão acerca da sustentabilidade, boa parte de suas abordagens privilegia a perspectiva de garantias de existência e continuidade da natureza e não considera como prioridade, o lugar do ser humano. É aí que reside o principal impasse acerca do que deve ser sustentado: natureza ou desenvolvimento. Contudo, percebemos que o ECOPRÁTICO tendia a se posicionar diante destas perspectivas, uma vez que ele orientava seu discurso a partir do paradigma humano. As ações do programa nas dez casas

contempladas revelaram uma tentativa de romper com a ideia de distanciamento do ser humano com a natureza, sinalizando, continuamente, para uma nova forma de pensar a sustentabilidade.

Neste contexto, o especialista em sustentabilidade Edmerson Reis (2001) salienta que a luta pela construção de uma mentalidade voltada ao respeito à natureza e também a garantia da qualidade de vida da sociedade, não deve encerrar-se apenas nos movimentos e nas organizações ecológico-ambientalistas. Conforme ressaltado pelo autor, torna-se necessária a consolidação de um pacto entre todos os setores da sociedade global que resulte em compromisso com os caminhos de um futuro comum. Assim, a participação de uma ampla gama de atores sociais torna-se fundamentalmente um dos pontos-chave na prática da sustentabilidade, considerando-se, evidentemente, o papel-chave de cada indivíduo.

Assim, para Reis (2001), as comunidades podem ser consideradas sustentáveis quando alcançam as necessidades econômicas de seus habitantes, considerando a importância e integridade do meio ambiente, além de tentar promover sociedades locais mais humanas e socialmente justas. Observamos, portanto, que as ações do ECOPRÁTICO nos levam a corroborar de forma prática as ponderações deste autor, visto que evidenciamos seu esforço em promover e articular ações tanto no nível individual como também no coletivo, unir famílias, aproximando-as das comunidades locais, fortalecendo e potencializando atitudes e iniciativas, avaliadas também no ecocritério Ecossistema.

Como exemplo, observemos a visita, promovida pelo programa, das crianças da família Valeri à Floresta dos Unicórnios no sentido de discutir a problemática da criação de pássaros silvestres no ambiente domiciliar, alertando também o telespectador. Ressaltamos o modo educativo e didático que perpassou o discurso do episódio, ao levar duas crianças para visitar uma ONG que está preocupada com a questão da clandestinidade de animais, seja ao não comprar o animal, seja ao levá-lo para lá.



Figura 22 Passeio com as crianças da Família Valeri na Floresta dos Unicórnios

Também destacamos o episódio em que Leonardo Musa, morador do edifício Copan, conheceu, através do programa, como o edifício onde ele mora articula-se no tratamento dos resíduos produzidos pelo condomínio, separando-os e destinando-os à reciclagem. Assim, o ECOPRÁTICO sinalizou que esta atividade pôde contribuir na melhoria da qualidade de trabalho dos seus funcionários viabilizando financeiramente a construção de um refeitório e de uma área de descanso com redário. Com esta iniciativa, percebemos que o programa buscou conscientizar e sensibilizar não apenas o morador, mas todos os telespectadores. No momento em que o programa evidenciou esse exemplo de tratamento dos resíduos feito pelo Copan, outros edifícios e pessoas podem perceber a importância inerente a este e, assim, iniciar uma resignificação do seu valor.



Figura 23 Sr. Musa visita o refeitório dos funcionários do Copan

Não obstante, podemos citar a expressão “Pense globalmente e aja localmente”, desenvolvida por Sachs (1993), como uma opção viável para refletir o desenvolvimento sustentável. Na verdade, trata-se da construção de uma variedade de sociedades sustentáveis,

alcançadas por meio de diversos caminhos, respeitando-se as características e realidades específicas de cada país, região e localidade. Neste contexto, podemos afirmar que apesar do ECOPRÁTICO ter contemplado apenas a cidade de São Paulo, percebemos uma heterogeneidade entre as famílias retratadas ao longo dos episódios. São discutidas as diversas questões (ecocritérios) na perspectiva de famílias com contextos econômicos e socioculturais distintos, que vai das mais abastadas como a família Ferreira até as mais humildes, a exemplo da Família Reis da Silva. Além disso, é importante salientar que o ECOPRÁTICO buscou articular todos os ecocritérios em conjunto, isto é, um preceito da sustentabilidade, criado por Sachs (1993) a partir das cinco dimensões já mencionadas anteriormente no capítulo teórico que trata da sustentabilidade.

Convém ressaltar a existência de duas correntes que se propõem pensar a consolidação da sustentabilidade, uma que defende um processo mais lento e outra que clama pela urgência. Como foi apontado anteriormente, Sachs (1993) salienta que o planejamento do desenvolvimento de uma sociedade visando à sustentabilidade, deve considerá-la simultaneamente a partir de cinco dimensões específicas: social, econômica, ecológica, espacial e cultural. É neste sentido que aquele autor considera desenvolvimento sustentável como uma doutrina, ideologia, um valor e uma ética, pois reside na administração do presente com uma perspectiva do futuro dos outros, assentada na interrelação entre as diversas esferas ou dimensões sociais.

Sendo assim, não devemos considerar o desenvolvimento sustentável como um programa de estratégias com um processo único, pontual e igual em todas as sociedades. Simon Schwartzman (2001) afirma que só se pode conseguir o desenvolvimento sustentável a partir de um conjunto de ações pautadas em uma evolução gradual, passo a passo. Desta forma, este deve ser conquistado em um processo dinâmico, no qual as metas têm que ser continuamente conferidas e melhoradas, ou como uma filosofia que permanentemente tende a ser aperfeiçoada. Segundo Cristopher Flavin (2001, p.15), a sustentabilidade é pautada em “sementes de mudanças que germinarão se bem nutridas”. Constituiria, assim, uma transformação em relação à percepção e valores essencial para que se alcance um futuro sustentável.

Entretanto, Camargo (2005) diferencia seu pensamento chamando atenção para a necessidade de encontrarmos uma forma de realizar mudanças rápidas e abrangentes na consciência e ações humanas em todo o mundo, algo que nos permitisse provocar uma mudança em grande escala e em pouco tempo. Segundo a autora, para construirmos uma

sociedade ambientalmente estável, saudável e igualitária, precisaríamos desenvolver maciçamente nossos esforços.

A partir de tais perspectivas, compreendemos que, para que haja verdadeiramente a consolidação do desenvolvimento moldado na sustentabilidade, é preciso agir rápido. No entanto, é necessária a concepção de uma cultura permanente para estas ações. Diante do exposto, sinalizamos que o programa ECOPRÁTICO constituiu, de uma forma geral, uma tentativa de estabelecer a construção desta consciência a partir da produção simbólica midiática.

Evidentemente, o campo midiático, por si, não seria capaz de contemplar a plenitude de articulações demandadas pela sustentabilidade. Todavia, conforme ressalta Camargo (2005), é fundamental o surgimento de um novo caminho para a sociedade humana. Além disto, também se ressalta que os principais percalços para um desenvolvimento sustentável global estão interligados entre si, alguns diferem ou são menos ou mais evidentes de acordo com as diferentes regiões do globo, mas podem ser agrupados de modo geral em entraves culturais, científicos, político-econômicos, sociais, éticos, ideológicos e psicológicos.

Com relativo grau de sucesso, iniciativas como o ECOPRÁTICO podem mostrar-se relevantes na circulação destas questões junto à sociedade, aderindo e contribuindo para estas discussões, as quais segundo Camargo (2005, p. 119):

[...] reforçam a necessidade premente de uma mudança nas relações do homem com a natureza e dos seres humanos entre si ou, em última instância, um aprimoramento do caráter humano. O desenvolvimento sustentável é um processo que precisará ser gerido por uma nova consciência individual e coletiva ou por um novo estágio espiritual.

Também convém enfatizar a relevância do ECOPRÁTICO, apoiando-se na perspectiva de Carlos Walter Gonçalves (1996), quando sinaliza que o homem deve começar a perceber que também é natureza e que esta posição é revolucionária para uma sociedade que estabeleceu o modelo de dominação da natureza por séculos a fio. Na verdade, é neste contexto que o programa ECOPRÁTICO visualizou a questão da sustentabilidade, inserido-a em um discurso onde o homem faz parte da natureza e mais ainda, que ele é natureza. Assim, conforme o autor, cuidar do meio ambiente deve ser compreendido como um princípio moral e ético. Evidencia-se, portanto que os seres humanos adotarão a ética da vida sustentável quando forem conscientizados do que é correto e necessário fazê-lo, quando tiverem incentivos suficientes, quando puderem dispor do conhecimento e das habilidades necessárias

e quando realmente compreenderem profundamente que o compromisso com o meio ambiente é uma obrigação ética.

Por fim, observando o discurso do programa acerca do consumo na esfera das informações, é importante ressaltar, a partir de alguns discursos, a posição do ECOPRÁTICO ao convocar as famílias contempladas e também os telespectadores para um posicionamento crítico diante do consumo de informações. Notamos que as falas preponderantes a respeito deste tema estão centralizadas, principalmente, no momento em que acontece o quadro *Zuzu Responde*. Percebemos que é justamente no momento em que Maria Zulmira de Souza aparece é também o momento em que o programa deixa claro sua posição diante de uma postura crítica quanto a este tipo de consumo:

Ter atitude significa se posicionar diante das situações, nem sempre é necessário sair por aí empunhando bandeiras uma atitude silenciosa pode ter um efeito fantástico em cadeia. Fico em silêncio não comprando os produtos de uma empresa gigante que adquire madeira de desmatamento irregular na Amazônia. Um mais um, mais um, e assim chegamos a milhões. Essa história já aconteceu e pode acontecer de novo, é o poder silencioso do consumidor. Mas, não se calem diante de crueldades que acontece todo dia, ficamos anestesiados diante da violência como se fosse normal morrer mais gente na cidade grande do que em uma guerra. Abra a boca, se posicione, as novas tecnologias estão aí para fazer valer a voz do cidadão. Nunca na história da humanidade tivemos tanto poder de comunicação em nossas mãos: internet, telefone, rádio, TV, jornal e por aí vai. Aja de acordo com seus valores mais íntimos, saiba que plantar uma árvore é a melhor maneira de colher os seus frutos. (Trecho retirado do décimo episódio do ECOPRÁTICO – Família Lima)

Este trecho revela que, assim como os diferentes meios de informação e entretenimento empreendem esforços na tentativa de moldar as percepções e atitudes sociais diante do meio ambiente, o ECOPRÁTICO também empreendeu um apelo retórico para estabelecer uma postura ou ativismo em seus telespectadores. No contexto ambiental, é importante ressaltar que o campo simbólico é uma arena de disputas tanto pelos que defendem a apropriação material da natureza e buscam se justificar a sua exploração como pelos que procuram estabelecer limites para a ação do homem. Conforme esclarece Camargo (2003), a intensificação deste embate também é evidenciada na questão do desenvolvimento sustentável.

Entretanto, notamos o peso de tal discurso promovido pelo programa. O ECOPRÁTICO colocou nas mãos do telespectador uma grande carga de força para que este tenha uma postura crítica diante de acontecimentos julgados incoerentes com uma postura

sustentável. Na verdade, é importante ressaltar que, há uma sutil e clara diferença entre poder falar e ser ouvido. O programa em si não acusa o sistema de desenvolvimento vigente, ele prefere apenas denunciar algumas questões e advertir o cidadão, para que este atente para tais pontos, reduzindo assim, a questão.

Embora o discurso do ECOPRÁTICO buscasse se inserir na perspectiva da sustentabilidade, considerada por Drysek (2004) como uma visão reformista e não como propositura ambiental inovadora, observamos que seu discurso dialoga como diversas outras perspectivas ideológicas e discursivas.

Conforme apontado por Corbett (2006), há dois tipos de perspectivas ambientais: a antropocêntrica e a ecocêntrica. Estas são respectivamente delimitadas em função do privilégio aos interesses do homem ou da natureza. Neste contexto, a sustentabilidade é indicada pela autora como uma abordagem ambiental relativa à primeira orientação, visto que nela busca-se a internalização da variável ambiental no sentido de assegurar a produção e o crescimento econômico.

No ECOPRÁTICO, o tema central é a sustentabilidade e, nesse sentido, suas ações buscam primeiramente identificar e modificar as posturas (in)sustentáveis de cada família, visando melhorias de conforto, de ordem econômica e social, ambas claramente vinculadas ao viés antropocêntrico. No entanto, é importante perceber que o discurso do programa, ao longo dos seus episódios, transitou, ainda que sutilmente, pelo espectro ideológico, deslocando-se eventualmente da orientação antropocêntrica em direção ao ecocêntrismo.

Em certa medida, o discurso promovido pelo ECOPRÁTICO apropriou-se de posturas características da perspectiva denominada por Drysek (2004) de “Soluções dos problemas ambientais”, na medida em que o programa reconhece a problemática ambiental como efeito da relação entre os homens e a natureza. O ECOPRÁTICO posicionou-se em favor da promoção de uma transformação da consciência do homem sobre o mundo natural, alertando para a necessidade de mudança de comportamento tanto nos indivíduos quanto nas instituições sociais e coletivas. Foi recorrente no discurso do ECOPRÁTICO o alerta de mudança na postura dos atores sociais principalmente no que diz respeito a uma nova compreensão do seu lugar no mundo. O programa reconheceu, ao menos no plano discursivo, a igualdade entre as diversas espécies, propondo que tenhamos uma postura mais humilde e menos destrutiva com a natureza e com os demais indivíduos.

Se você precisa de privacidade, procure ir além dos espaços da sua casa, tome banho de sol ou banho de lua. A natureza nos oferece coisas de graça, e

que nos faz bem. (Trecho retirado do primeiro episódio do ECOPRÁTICO - Família Lyrio)

Tente capturar o que a natureza já nos oferece. A energia solar é limpa e gratuita, veja o melhor da vida é grátis. A água da chuva e a luz do sol não custam nada e todo mundo pode aproveitar. Tente você vai se surpreender! (Trecho retirado do sexto episódio do ECOPRÁTICO - Família Reis da Silva)

Conforme revelado no trecho acima, o ECOPRÁTICO busca orientar cada família contemplada não só do ponto de vista da sustentabilidade, mas também mediante outros discursos ideológicos a exemplo das “Ideologias orientadas por valores e pela ética”, defendida por Corbett (2006). Isso porque o programa valoriza o meio ambiente através do reconhecimento de seu valor intrínseco, mas ainda demonstra a premissa dos benefícios do meio ambiente para o homem. Assim, ele lança a noção de criarmos cada dia mais uma identidade biótica, defendida pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ECOPRÁTICO tem lugar especial no histórico televisivo que trata da temática ambiental. Isso se deve ao fato deste ser o primeiro *Reality Show* veiculado por uma TV pública Brasileira que é a TV Cultura. Este programa buscou refletir e modificar atitudes consideradas (in) sustentáveis em dez casas na cidade de São Paulo e região metropolitana. Como foi visto, as intervenções do programa nas casas e a avaliação do que poderia ser modificado era orientada a partir de dez ecocritérios, apesar de não terem sido impostos, pois era algo que vinha da própria casa, percebe-se certa planificação do olhar do próprio programa diante das casas visitadas.

Compreendemos que o programa procurou no núcleo de cada família algumas questões que pareciam estar fixas e imóveis, estimulando para que cada uma dessas fizesse o movimento de retomar ao centro de si mesma, ao seu íntimo, seus hábitos, seus costumes. Intuímos que a ideia central do programa era a de demonstrar de forma prática, ou ecoprática, que é o sujeito que ganha antes de tudo com o olhar crítico para seus hábitos, a partir dos ecocritérios, não é o mundo, antes disso é o próprio sujeito. O ECOPRÁTICO abrangia a sustentabilidade como um ato contínuo, um estado de vigilância, o programa tentou pegar um costume da família para, assim, torná-lo uma prática sustentável para toda a vida. No entanto, cabe aqui uma pergunta: quais seriam os critérios, ou ecocritérios que as famílias adotariam para analisar seus próprios modos de viver?

É importante perceber que o discurso do programa ECOPRÁTICO buscou atrair todo o tempo o telespectador para que este tivesse uma postura crítica diante da problemática ambiental. O programa compreendia que sustentabilidade é ir além de um discurso alarmista de um futuro anunciado, buscando, por vezes, superar a questão da conservação e proteção que são hoje consideradas a maior expressão da participação ambiental dos atores sociais,

implicando gestão de direitos, prescrição de deveres e normalização de comportamentos, ou seja, a produção incessante do cidadão planetário modelar.

Apesar de o ECOPRÁTICO visualizar a sustentabilidade, inserido-a em um discurso onde o homem deve se reconhecer como parte da natureza, e mais ainda, que ele é natureza, o programa poderia ter se posicionado para além de um roteiro criado e que deveria ser seguido. Diante da potência da proposta do ECOPRÁTICO, talvez este pudesse ter explorado um pouco mais do que Ana Godoy (2008, p. 58) afirma ser uma “ecologia maior” definida por ela como o modelo ou padrão que constitui um sistema homogêneo, maior, no qual certas singularidades são aprisionadas. Dito de outro modo, um padrão majoritário que compreende tudo aquilo que é traduzível, transmissível, comparável, racional e útil para o homem. No entanto, o programa não explora este outro modo de pensar a ecologia de forma menor, fazendo com que a sustentabilidade se aprisione em uma ecologia maior do tempo presente.

Godoy (2009) afirma que é necessário que tenhamos outro olhar diante do que nos é oferecido mediante os diversos meios. É preciso que percebamos as ideias-feitas dos discursos oriundos da perspectiva da sustentabilidade, as quais, muitas vezes, estão cristalizados, naturalizados e aceitos por nós. Segundo essa autora, é através destas posturas que são rebatidas as identidades, que a cada ação fornece informações sobre seu perfil, seus desejos, sua condição de existência, alimentando uma ampla gama de serviços, os quais, por sua vez, vendem as possibilidades de vida mais adequadas.

Para Guattari (2003), o que está comprometida é a relação da subjetividade com sua exterioridade, seja social, animal, vegetal, cósmica. Para este autor, não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Conforme esse autor, essa revolução deverá ser concernente, não somente às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo dos próprios atores sociais.

Percebemos que o programa em questão, propõe algumas ações inovadoras daquilo que já nos acostumamos a ver em outros programas desta natureza, como é o caso do seu próprio formato e de algumas ações de deslocamento de si, dos nossos modos costumeiros de ver o cotidiano. Mas, apesar disso, o ECOPRÁTICO não consegue dar passagem a uma “ecologia menor”, a qual remete àquilo que na vida permanece indomesticável, escapando dos sistemas de ordenação, em prol de uma metamorfose no pensamento, na linguagem e nas relações (GODOY, 2008). O discurso do ECOPRÁTICO poderia ser um mediador para a criação de um combate aos paradigmas hierarquizantes, no entanto este se prende ao seu

próprio roteiro e esquece-se de explorar as especificidades das famílias em detrimento do trivial, relacionado aos ecocritérios, conservando condições, fatores e princípios que tendem a legislar sobre a vida.

O ECOPRÁTICO traz a tona às problemáticas ecológicas de cada família, porém não propõe nenhuma ruptura de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização, ao contrário, ele parece pasteurizar as ideias padronizando quase sempre as soluções dos problemas. Neste caso, poderíamos pensar em uma ideologia discursiva que não seja regulada de maneira unívoca, mas sim que se debruçasse sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma resignificação daquela família.

Compreendemos que a crise ecológica anunciada não divulga a impossibilidade de continuarmos nesta terra, mas sim a de permanecer calado a um futuro duvidoso divulgado. Percebe-se que a questão da sustentabilidade abordada pelo ECOPRÁTICO está vinculada ao pensamento e à concepção de mundos singulares, de dez mundos singulares, mas que estão quase que na mesma ordem: famílias quase sempre formadas por um casal heterossexual e seus filhos. Segundo Guattari (2003), só uma articulação ética e política, a qual ele dá o nome de ecosofia, entre os três registros ecológicos definidos por ele (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. O autor ressalta que devemos pensar politicamente essa dimensão invisível que constitui a subjetividade e que é imamente aos instrumentos técnicos e sociais que a produzem.

Foi clara a forma como o programa reivindicou por uma mudança na linguagem e na nossa prática com a natureza, com o intuito de produzir um novo sentido de estar no mundo, tentando conciliar os valores ambientais e os sociais, a fim de orientar nossas ações no mundo. Diante de tais considerações percebemos que, ainda que seja com uma pequena nuance, o discurso do ECOPRÁTICO transitou por outros caminhos discursivos além da sustentabilidade, tentando investir em outras abordagens ambientais.

Entretanto, apesar do programa trazer outras abordagens ambientais, no plano discursivo, consideramos a atuação do programa nas casas como reformista, uma vez que ele apenas alterou algo na rotina das famílias, aliás, eles propuseram reformas em cada casa. O tempo é muito curto com cada família, não dá para mudar muita coisa. Contudo, foram nos quadros do programa, no seu discurso que encontramos uma perspectiva diferente ao abordar a questão ambiental, ou seja, foi no discurso do programa que foram apresentadas pílulas de posturas que são relativas a perspectivas ambientais diferentes.

Percebemos que, apesar da ousadia do formato do ECOPRÁTICO, este não procurou arriscar um discurso ambiental em detrimento da “menor das ecologias” (GODOY, 2008), capaz de desmanchar os saberes e práticas, ao contrário, o programa molda-se em um discurso ambiental aprisionado no seu próprio roteiro. Podemos, dessa forma, considerar que o discurso e atuação do ECOPRÁTICO está ligado ao que Martirani (2009) se referia quando constatou que a crise ambiental é uma conjuntura que delata o modelo de desenvolvimento econômico protagonizado pelo setor produtivo (industrialismo, comércio etc.). Sendo assim, torna-se complexo ansiar por qualquer iniciativa da mídia em direção ao interrogatório da conduta deste sistema econômico. É importante considerar também que, para a mídia, é difícil construir questionamentos que abalariam sua atual condição social, pois poderia afetar seu público consumidor. Além disso, poderíamos nos perguntar até que ponto a população estaria de fato preparada para enfrentar este tipo de debate.

O encontro explorado neste estudo entre educação, televisão e ambiente pode não resultar necessariamente em uma educação ambiental, mas provoca um conflito ético e político como expressão de algo essencial às formas atuais de pensar a vida em seu movimento. Entendemos que cabe a educação ambiental apresentar em si a problematização das relações produzidas em diversos níveis. Propomos aqui que esta educação vá além do costumeiro universo de acomodação e equivalência escolar, apresentando como também a relevância e a perspectiva de aprendizagem por meio de produtos culturais audiovisuais. O ECOPRÁTICO propôs uma educação ambiental mais próxima de uma perspectiva que percebe os diferentes modos do aprender, suscitando a percepção de que os problemas detectados tinham soluções simples trazendo a ideia de que nós, telespectadores, também poderíamos fazer em casa.

É neste movimento que o ECOPRÁTICO pôs em jogo a educação ambiental, seja tomando o ambientalismo como uma perspectiva da aprendizagem, seja afirmando a aprendizagem como uma perspectiva experimental em que o conhecimento, o pensamento e a vida daquelas famílias contempladas pelo programa e dos telespectadores possam se entrelaçar. Ao assumir a sustentabilidade como possibilidade de criação de soluções diferenciadas para cada contexto, o ECOPRÁTICO trouxe a ideia de um ambiente que se transforma continuamente, de modo a explorar novas possibilidades de educação potentes o bastante para investir em experimentações audiovisuais que possibilitem maiores invenções de trajetos, de pensamento e de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGENDA 21. **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Brasília, DF, 1995.
- ANDRADE, Thales Haddad. **Ecológicas manhãs de sábado**: o espetáculo da natureza na televisão brasileira. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amareal, 2001.
- BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e meio ambiente**: as estratégias de mudanças da Agenda 21. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BARTHES, R. **Structure du fait divers**: Essais critiques. Paris: Seuil, 1966.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BELLONI, Maria Luiza. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.2, p. 287-301, jul./dez. 2003.
- _____. O que é mídia-educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, n. 78).
- BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens segundo o método documentário. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicolle. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempos de televisão**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável**: dimensões e desafios. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CANTO-SPERBER, M. (org.). **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003; 2 volumes.

CASTRO, Cosette. **Por que os *reality shows* conquistam audiências?** São Paulo: Paulus, 2006.

CERQUEIRA, Jean Fábio Borba. **O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF e o desenvolvimento sustentável: o caso do município de Propriá-SE**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). São Cristovão/SE: UFS, 2004.

CORBETT, Julia B. **Communicating nature: how we create and understand environmental messages**. Washington: Island Press, 2006.

CUIDANDO DO PLANETA TERRA. **Uma estratégia para o futuro da vida**. São Paulo: UICN/Pnuma/WWF.

CRESWELL, JOHN W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta 3a edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DRYZEK, John S. **The politics of the Earth: environmental discourses**. 2th ed. New York: Oxford University Press, 2004.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo. Loyola, 1991.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte, MG, Ed. Autentica, 2006.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação: diálogos**. Vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FLAVIN, Christopher. Planeta rico, planeta pobre. In: **Estado do mundo 2001: Relatório do Wordwatch Institute sobre o avanço em direção a uma sociedade sustentável**. Salvador, 2001.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GOMES, Ana Ângela Farias; PEREIRA, Claudio Luiz. **O meio ambiente no meio ambiente da TV brasileira: percursos histórico-discursivos**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2010. (online)

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo, SP: Contexto, 1996.

GUATARRI, Felix. **As Três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GUIDO, Lucia de Fátima Estevinho. **Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter Eco**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

JARA, Carlos Júlio. **O conceito de desenvolvimento sustentável** (on-line), 2001.

LAGO, Antônio. PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2000.

LEFF, Enrique. Racionalidade **Ambiental**: a reciprocidade social da natureza. Tradução Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Gustavo da Costa. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para educação. **Revista Ambiente & Sociedade**. vol. VI nº. 2 jul./dez, 2003

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo, SP: SENAC, 2000.

_____. **A arte do vídeo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **Máquina e Imaginário: o Desafio das Poéticas Tecnológicas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MARTIRANI, Laura Alves. **Mídia, Ética e Ambientalismo**. In: ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Ribeiro de; ANDRADE, Thales Novaes de. **Mídia e Ambiente**. São Paulo, Ed. Hucitec, 2009.

REIS, Edmerson dos Santos. **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. (on-line), 2001.

REIZ, Karel; MILLAR, Gavin. **A técnica da montagem cinematográfica**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1978.

ROCHA, Debora Cristine. **Janela indiscreta, a simulação do mundo vivido no audiovisual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC/SP, 2009.

RONDELLI, Elizabeth. **Realidade e ficção no discurso televisivo**. Imagem, n. 8, maio/ago, 1998.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Coleção Idéias Sustentáveis. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2006.

_____. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo, SP: Nobel, 1993.

SCARELI, Giovana. **Santo Forte: a entrevista no cinema de Eduardo Coutinho**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

SCOTTO, Gabriela; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Desenvolvimento Sustentável**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHWARTZMAN, Simon. **Consciência ambiental e desenvolvimento sustentável**. (on-line), 2001.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes 2001.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Televisión**. Tecnología Y Forma Cultural. Buenos Aires: Paidós, 2011.

GLOSSÁRIO

1. **Ecopráticas** – medidas básicas ou boas práticas ambientais a fim de garantir economia dos recursos naturais.
2. **Ethos ambiental** – conjunto de hábitos e ações ambientais que visam o bem comum de determinada comunidade.
3. **Consciência ambiental** – tomada de consciência moral e ética para a valorização do meio ambiente.
4. **Desenvolvimento sustentável / Ecodesenvolvimento / Sustentabilidade** – a possibilidade de as pessoas, agora e no futuro, atingirem nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos ambientais e preservando as espécies e os *habitats* naturais.
5. **Comunidades sustentáveis** – comunidades que vivem em harmonia com o seu meio ambiente e as outras pessoas também envolvidas nele.
6. **IEco** – índice que mede como positivo ou negativo o comportamento das casas contempladas, de acordo com o ecocritério.
7. **Eco Nota** – autoavaliação que as pessoas que moram na casa se atribuem quanto a sua conduta sustentável, varia de 0 a 10.
8. **Ecocritérios** – o programa desenvolveu dez temas que são estudados e otimizados nas casas visitadas: Energia, Água, Alimentação, Resíduos, Estrutura, Ecossistema, Transporte, Bem-Estar, Consumo e Atitude.
9. **Sessão Desapego** – é um quadro do programa que questiona a casa e os telespectadores quanto à verdadeira necessidade da existência de coisas que possuímos em abundância.
10. **Ecoterapia** - é um momento em que os moradores das casas falam das ações no programa em sua residência e, assim, fazem uma nova autoavaliação ao atribuir uma nova Eco Nota.

ANEXO

DVD reproduzido com os episódios do ECOPRÁTICO